



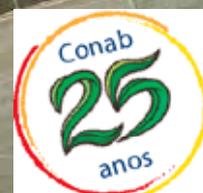
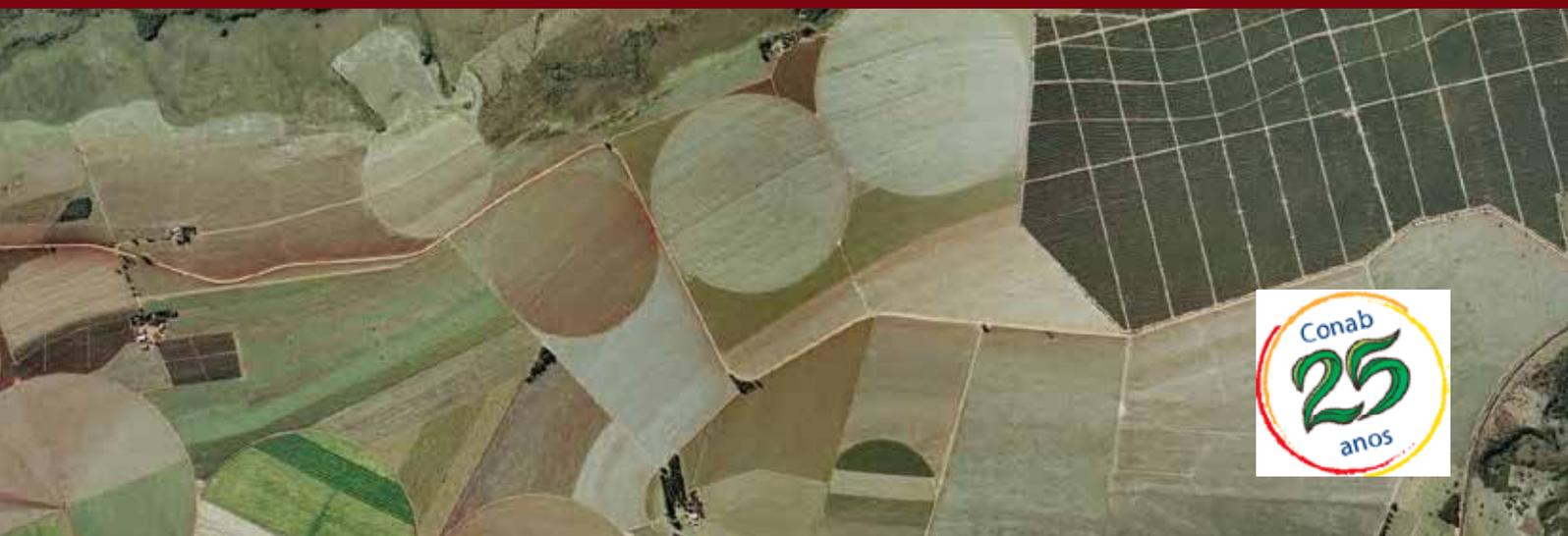
OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA



**ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA**

café

V. 3 - SAFRA 2016 - N. 3 - Terceiro levantamento | **SETEMBRO 2016**



Presidente da República

Michel Temer

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA)

Blaíro Maggi

Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Marcelo Bezerra

Diretoria de Operações e Abastecimento (Dirab)

Igo dos Santos Nascimento

Diretoria de Gestão de Pessoas (Dígep)

Marcus Hartmann

Diretoria Administrativa, Financeira e Fiscalização (Diafi)

Danilo Borges dos Santos

Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dípai)

Cleide Edvirges Laia

Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)

Aroldo Antônio de Oliveira Neto

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

Cleverton Tiago Carneiro de Santana

Gerência de Geotecnologias (Geote)

Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

Equipe Técnica da Geasa

Bernardo Nogueira Schlemper

Eledon Pereira de Oliveira

Elza Mary de Oliveira

Francisco Olavo Batista de Sousa

Juarez Batista de Oliveira

Juliana Pacheco de Almeida

Martha Helena Gama de Macêdo

Equipe Técnica da Geote

Clovis Campos de Oliveira

Divino Cristino de Figueiredo

Fernando Arthur Santos Lima

Jade Oliveira Ramo (Estagiária)

Guilherme Aílson de Sousa Nogueira (Estagiário)

Kelvin Andres Reis (Estagiário)

Joaquim Gasparino Neto

Nayara Sousa Marinho (Estagiária)

Lucas Barbosa Fernandes

Superintendências Regionais

Bahia, Espírito Santo, Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais, Paraná, Rio de Janeiro, Rondônia e São Paulo



OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA

**ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA**

café

V.3 - SAFRA 2016 - N.3 - Terceiro levantamento | **SETEMBRO 2016**

Monitoramento agrícola – Café – Safra 2016

ISSN 2318-7913

Acomp. safra bras. café, v. 3 – Safra 2016, n.3 - Terceiro Levantamento, Brasília, p. 1-103, set.2016

Copyright © 2016– Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.

Disponível também em: <<http://www.conab.gov.br>>

Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro

Publicação integrante do Observatório Agrícola

ISSN: 2318-7913

Tiragem: 1.000

Impresso no Brasil

Colaboradores

Patrícia Mauricio Campos (Suinf)

João Marcelo Brito Alves de Faria (Geint)

Rogério Dias Coimbra (Geint)

Danielle Barros Ferreira (Inmet)

Asdrubal de Carvalho Jacobina (Gecup)

Alessandro Lúcio Marques (Geint)

Andrea Malheiros Ramos (INMET)

Priscila Oliveira Rodrigues (Geint)

André Luís Farias de Souza (Assessor Dipai)

Mozar de Araújo Salvador (Inmet)

Lucas Cortes Rocha (Gecup)

Colaboradores das Superintendências

ES – João Marcos do Nascimento (Gerente), Delcio da Costa Soares (Encarregado), Maicow Paulo Aguiar B. de Almeida, Kerley Mesquita de Souza, Paulo Roberto de Luna e Pedro Antônio Medalane Cravinho.

GO – Ana Lúcia de Fátima Fernandes (Gerente), Espedito Leite Ferreira (Encarregado), Adair Malaquias de Souza, Manoel Ramos de Menezes Sobrinho, Michel Fernandes Lima e Rogério César Barbosa.

MG – João Eduardo Lopes (Gerente), Patrícia de Oliveira Sales (Encarregada), Eugênio Teixeira de Carvalho, Hélio Maurício Gonçalves de Rezende, Hygino Felipe Carvalho, Marcel de Melo Innocentini, Márcio Carlos Magno, Sérgio de Lima Starling, Telma Ferreira e Silva e Terezinha Vilela de Melo Figueiredo.

RO – Rosemberg Alves Pereira (Gerente), Erik Colares de Oliveira (Encarregado), João Adolfo Kásper e Niécio Campanati Ribeiro.

BA - Marcelo Ribeiro (Gerente), Ednabel Caracas Lima (Encarregada), Aurenir Medeiros de Melo, Gerson Araújo dos Santos, Jair Ilson dos Reis Ferreira, Jair Lucas Oliveira Junior, Israel Cerqueira Santos e Joctã Lima do Couto.

PR - Rosimeire Lauro (Gerente), Daniela Furtado de Freitas Yanaga (Encarregado), José Segundo Bosqui.

SP - Luiz Alberto Martins (Gerente), Antonio Carlos Costa Farias (Encarregado), Cláudio Lobo de Ávila, Alfredo Brienza Coli e Marisete Belloli Breviglieri.

RJ - Juçanã de Moraes Vital (Gerente), Paulo Roberto Batista dos Santos (Encarregado), Olavo Franco de Godoy Neto e Jorge Antonio de F Carvalho.

MT - Francielle Tonietti Capilé Guedes (Gerente), Marly Aparecida Cruz da Silva (Encarregada), Allan Vinicius Pinheiro Salgado e Jacir Lopes da Silveira.

Editoração

Estúdio Nous (Célia Matsunaga e Elzimar Moreira)

Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)

Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação

Guilherme Rodrigues/Martha Helena Gama de Macêdo

Fotos

Arquivo Geosafas/Conab, <https://br.dollarphotoclub.com>

Normalização

Thelma Das Graças Fernandes Sousa – CRB-1/1843, Narda Paula Mendes – CRB-1/562

Catálogo na publicação: Equipe da Biblioteca Josué de Castro

633.73(81)(05)

C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompamento da safra brasileira : café – v. 1, n. 1 (2014-) – Brasília : Conab, 2014-

v.

Quadrimestral

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de jan./2014. Continuação de: Acompamento da safra brasileira de café (2008-2012).

ISSN 2318-7913

1. Café. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

SUMÁRIO



1. Resumo executivo ----- 8



2. Introdução-----10



3. Estimativa de área cultivada ----- 12



4. Estimativa de produtividade----- 13



5. Estimativa de produção ----- 14



6. Crédito rural -----19



7. Monitoramento agrícola ----- 21



8. Avaliação por estado----- 31

-8.1. Minas Gerais-----31

-8.2 Espírito Santo-----38

-8.3. São Paulo----- 41

-8.4. Bahia -----	44
-8.5. Paraná -----	56
-8.6. Rondônia-----	59
-8.7. Goiás -----	62
-8.8. Rio de Janeiro -----	64



9. Análise de mercado -----	65
------------------------------------	-----------



10. Receita bruta -----	69
--------------------------------	-----------



11. Preços do café beneficiado -----	91
---	-----------



12. Exportação e importação -----	94
--	-----------



13. Resultado detalhado -----	97
--------------------------------------	-----------



14. Calendário de colheita -----	102
---	------------





1. RESUMO EXECUTIVO

Ano de bialidade positiva na maior parte dos estados produtores.

Brasil

Produção total: 49,64 milhões de sacas beneficiadas.
Arábica: 41,29 milhões de sacas beneficiadas.
Conilon: 8,35 milhões de sacas beneficiadas.

Área total: 2,22 milhões de hectares.

Minas Gerais (28,9 milhões de sacas)

Regiões Sul de Minas (Sul e Centro-Oeste) e Cerrado Mineiro (Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste), aumento de área, de produtividade e regularidade climática refletem numa produção superior à safra anterior em 42% e 63,2%, respectivamente.

Zona da Mata Mineira (Zona da Mata, Rio Doce e Central): a bialidade negativa e as chuvas escassas durante a fase de granação resultou em uma produção 8% menor sobre a safra 2015.

Norte de Minas (Norte, Jequitinhonha e Mucuri): redução de área e produtividade devido a fatores climáticos adversos refletem numa produção inferior à safra anterior em 7,5%.

Espírito Santo (9,1 milhões de sacas)

Queda de 14,5% na produção. As lavouras de conilon foram as mais afetadas (redução de 30,7%) pelos problemas climáticos (seca, alta temperatura, má distribuição de chuva, insolação). As lavouras do arábica, com crescimento de 28,2% por razão da adequada florada na atual safra, se recupera da baixa produção dos últimos dois anos.

São Paulo (5,9 milhões de sacas)

Área, produtividade e produção superior à safra passada, numa safra de bienalidade positiva, clima favorável, entrada de pés novos em produção, aumento nos tratos culturais e retorno vigoroso das plantas manejadas na safra passada.

Bahia (2,1 milhões de sacas)

Cerrado: produção próxima à safra anterior. Altas temperaturas em novembro de 2015 provocaram abortamento de flores, escaldadura das folhas do cafeeiro e má formação dos grãos.

Planalto: recuperação da produtividade, nesta safra, devido ao impacto da estiagem na formação de grãos na safra passada.

Atlântico: a forte estiagem e ataques de pragas durante o ciclo da lavoura, justificam a queda de 30,2% na produção.

Rondônia (1,6 milhão de sacas)

A redução de 5,6% da produção decorre da falta de

chuvas na época da florada que prejudicou o pegamento. Nas áreas irrigadas ocorreram incidência do sol forte, calor intenso e altas temperaturas registradas durante outubro e novembro prejudicaram a formação e promoveram a queda dos chumbinhos.

Paraná (1,1 milhão de sacas)

Com as geadas em 2013 houve inversão na bienalidade da cultura, sendo negativa para este ano, com produção de 1,1 milhão de sacas, mas inferior à safra 2015.

Rio de Janeiro (350,8 mil sacas)

As condições climáticas favoráveis nas principais regiões produtoras de arábica, aliadas ao ciclo de bienalidade positiva, favoreceram as lavouras, justificando os ganhos de produção em relação à safra passada.

Goiás (226,8 mil sacas)

Cultura irrigada. Boas condições climáticas foram suficientes para o formação e desenvolvimento dos frutos, resultando numa produção 0,3% superior à safra passada, apesar da redução de 8,9% na área em produção.

Mato Grosso (123,6 mil sacas)

A queda na área em produção e aumento na produtividade média para o estado reflete numa produção 3,4% inferior à safra passada.





2. INTRODUÇÃO

A Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) realiza quatro levantamentos de campo ao longo do ano safra da cultura, como segue:

O primeiro levantamento ocorre em novembro e dezembro, com divulgação em janeiro, acontecendo no período pós-florada, um dos mais importantes para a cultura. Nessa ocasião, o clima favorável e boas práticas agrícolas garantem a boa uniformidade e qualidade dos grãos.

O segundo levantamento ocorre em maio, com divulgação em junho, no período pré-colheita, onde menos de 20% do café do país foram colhidos.

O terceiro levantamento, realizado em agosto e divulgado em setembro, ocorre no período de plena colheita no país, de março a outubro, todavia é concentrada de maio a agosto. Nessa ocasião do levantamento, a colheita já ultrapassa 90% do total.

O quarto levantamento, realizado em dezembro e divulgado no mesmo mês, é o último da safra e compreende o período pós-colheita, em que, a colheita já foi finalizada e as estimativas são corrigidas com os dados consolidados e coletados a campo.

Após tratamento estatístico dos dados obtidos em campo são divulgadas as previsões para as safras em curso, sinalizando a tendência da produção de café em cada estado, objetivando de permitir a elaboração de planejamentos estratégicos por toda a cadeia

produtiva do café, bem como a realização de diversos estudos pelos órgãos de governo envolvidos com a cafeicultura, visando a criação e implantação de políticas públicas para o setor.

Ressalta-se que as previsões iniciais são passíveis de correções e ajustes, ao longo do ano safra, visto que informações mais precisas somente se consolidam com a finalização da colheita. Quaisquer fenômenos climáticos que porventura tenham ocorrido, são detectados, bem como estimado o provável efeito, porém, as consequências reais serão efetivamente mensuradas à medida que a colheita avança.

A realização desses levantamentos de dados pela Conab, para efetuar a estimativa da safra nacional de café conta com as parcerias estaduais dos órgãos de governo dos principais estados produtores. Também são consultados técnicos dos escritórios do Instituto

Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), para obter estatísticas dos demais estados com menores proporções de produção.

O trabalho conjunto reúne interesses mútuos, aproveitando o conhecimento local dos técnicos dessas instituições que, ao longo dos anos, realizam esta atividade de avaliação da safra cafeeira, com muita dedicação. Na oportunidade a Conab registra os seus agradecimentos aos referidos profissionais, cujo apoio tem sido decisivo para a qualidade e credibilidade das informações divulgadas.

As informações disponibilizadas neste relatório se referem aos trabalhos realizados nos municípios dos principais estados produtores (Minas Gerais, Espírito Santo, São Paulo, Bahia, Paraná, Goiás, Mato Grosso, Rio de Janeiro e Rondônia), que correspondem a cerca de 98,6% da produção nacional.





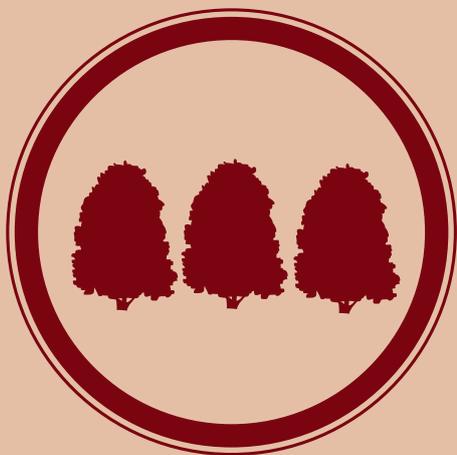
3. ESTIMATIVA DE ÁREA CULTIVADA

3.1. ÁREA CULTIVADA

A área total plantada no país com a cultura de café (arábica e conilon) totaliza 2.220.080 hectares, 1,3% menor do que 2015. Desse total, 270.164,1 hectares (12,2%) estão em formação e 1.949.915,9 hectares (87,8%) em produção.

A área plantada do café arábica no país soma 1.756.384,8 hectares, o que corresponde a 79,11% da área existente com lavouras de café. Neste terceiro levantamento se estima redução de 0,6% (10.534,9 hectares) em relação à safra anterior. Em Minas Gerais se concentra a maior área com a espécie, 1.184.196 hectares, correspondendo a 67,42% da área ocupada com café arábica, em âmbito nacional.

Para o café conilon o levantamento indica redução de 3,8% na área, estimada em 463.695,2 hectares. Desse total, 424.651 hectares estão em produção e 39.044,2 hectares em formação. No Espírito Santo está a maior área, 286.371 hectares, seguido de Rondônia, com 94.561 hectares e logo após, a Bahia, com 48.614,1 hectares.



4. ESTIMATIVA DE PRODUTIVIDADE

Para a safra 2016, considerando as duas espécies (arábica e conilon), estima-se produtividade média de 25,46 sc/ha, equivalendo a um ganho de 13,2% em relação à safra passada. Com exceção de Rondônia, Bahia, Espírito Santo e Paraná, todos os outros estados apresentam crescimento na produtividade.

As condições climáticas favoráveis, nas principais regiões produtoras de arábica, aliadas ao ciclo de bienalidade positiva, favorecem as lavouras e justificam os ganhos de produtividade na maioria dos estados. Os maiores ganhos são observados em São Paulo, com 43,7%, Espírito Santo, com 28,3% e Minas Gerais, com 25%.

O café conilon apresenta perda de 22,2% na produtividade. Os principais estados produtores, Espírito Santo, Rondônia e Bahia, que juntos, somam cerca de 94% da produção de conilon, apresentando reduções de 24,5%, 5,6% e 46,4%, respectivamente.



5. ESTIMATIVA DE PRODUÇÃO

A terceira estimativa para a produção da safra cafeeira (espécies arábica e conilon) em 2016 indica que o país deverá colher 49,64 milhões de sacas de 60 quilos de café beneficiado. O resultado representa um acréscimo de 14,8%, quando comparado com a produção de 43,24 milhões de sacas obtidas no ciclo anterior.

O café arábica representa 83,2% da produção total (arábica e conilon) de café do país. Para a nova safra, que é de ciclo de alta bienalidade, estima-se que sejam colhidas 41,29 milhões sacas. Tal resultado representa um acréscimo de 28,8%. Este acréscimo se deve, principalmente ao aumento de 45.454,6 hectares da área em produção, à incorporação de novas áreas que se encontravam em formação e renovação decorrente de podas realizadas, especialmente esqueletamentos e às condições climáticas mais favoráveis.

A produção do conilon representa 16,8% da produção total (arábica e conilon) de café do país, está estimada em 8,35 milhões de sacas, representando redução de 25,3%. Este resultado se deve à redução de 4% na área em produção e, sobretudo, à seca e à má distribuição de chuvas por dois anos consecutivos nos estádios de florescimento, formação e enchimento de grãos, no Espírito Santo, maior produtor da espécie conilon. Em Rondônia e na Bahia, segundo e terceiro maiores produtores da espécie, também ocorreu estiagem nas fases críticas das lavouras. A quebra de produtividade em Rondônia foi amenizada, em parte, pela entrada em produção de novas áreas de café clonal, cuja produtividade é bem superior do que as áreas tradicionais.

Tabela 1 - Café total (arábica e conilon) - Comparativo de área em produção, produtividade e produção - Safras 2015 e 2016

Região/Estado	ÁREA EM PRODUÇÃO (ha)			PRODUTIVIDADE (sc/ha)			PRODUÇÃO (mil sacas beneficiadas)		
	SAFRA 2015	SAFRA 2016	VAR. %	SAFRA 2015	SAFRA 2016	VAR. %	SAFRA 2015	SAFRA 2016	VAR. %
	(A)	(B)	(B/A)	(c)	(d)	(d/c)	(E)	(F)	(F/E)
NORTE	88.900,0	88.320,0	(0,7)	19,58	18,55	(5,3)	1.740,5	1.638,2	(5,9)
RO	87.657,0	87.657,0	-	19,67	18,56	(5,6)	1.723,9	1.626,9	(5,6)
PA	1.243,0	663,0	(46,7)	13,35	17,04	27,6	16,6	11,3	(31,9)
NORDESTE	138.678,0	149.753,0	8,0	16,91	13,99	(17,3)	2.345,7	2.095,0	(10,7)
BA	138.678,0	149.753,0	8,0	16,91	13,99	(17,3)	2.345,7	2.095,0	(10,7)
Cerrado	9.129,0	11.328,0	24,1	37,00	30,50	(17,6)	337,8	345,5	2,3
Planalto	94.321,0	92.533,0	(1,9)	8,74	9,98	14,2	824,3	923,4	12,0
Atlântico	35.228,0	45.892,0	30,3	33,60	18,00	(46,4)	1.183,6	826,1	(30,2)
CENTRO-OESTE	26.364,0	19.682,6	(25,3)	13,43	17,80	32,5	354,1	350,4	(1,1)
MT	20.189,0	14.056,0	(30,4)	6,34	8,79	38,8	127,9	123,6	(3,4)
GO	6.175,0	5.626,6	(8,9)	36,63	40,31	10,0	226,2	226,8	0,3
SUDESTE	1.613.623,3	1.632.603,3	1,2	23,16	27,16	17,2	37.376,4	44.335,3	18,6
MG	968.872,0	1.008.467,0	4,1	23,02	28,69	24,6	22.302,9	28.936,6	29,7
Sul e Centro-Oeste	478.056,0	523.506,0	9,5	22,61	29,32	29,7	10.808,3	15.346,8	42,0
Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste	170.634,0	183.076,0	7,3	24,81	37,73	52,1	4.232,9	6.907,6	63,2
Zona da Mata, Rio Doce e Central	287.340,0	269.398,0	(6,2)	23,00	22,57	(1,9)	6.609,5	6.079,2	(8,0)
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	32.842,0	32.487,0	(1,1)	19,86	18,56	(6,5)	652,2	603,0	(7,5)
ES	433.242,0	410.057,0	(5,4)	24,70	22,31	(9,7)	10.700,0	9.148,0	(14,5)
RJ	12.538,0	13.058,0	4,1	24,69	26,86	8,8	309,6	350,8	13,3
SP	198.971,3	201.021,3	1,0	20,42	29,35	43,7	4.063,9	5.899,9	45,2
SUL	44.500,0	46.660,0	4,9	28,99	22,50	(22,4)	1.290,0	1.050,0	(18,6)
PR	44.500,0	46.660,0	4,9	28,99	22,50	(22,4)	1.290,0	1.050,0	(18,6)
OUTROS	10.009,0	12.897,0	28,9	12,82	13,27	3,5	128,3	171,1	33,4
NORTE/NORDESTE	227.578,0	238.073,0	4,6	17,96	15,68	(12,7)	4.086,2	3.733,2	(8,6)
CENTRO-SUL	1.684.487,3	1.698.945,9	0,9	23,16	26,92	16,2	39.020,5	45.735,7	17,2
BRASIL	1.922.074,3	1.949.915,9	1,4	22,49	25,46	13,2	43.235,0	49.640,0	14,8

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2016.

Legenda: (*) Acre, Ceará Pernambuco, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal.



Tabela 2 - Café arábica - Comparativo de área em produção, produtividade e produção - Safras 2015 e 2016

REGIÃO/UF	ÁREA EM PRODUÇÃO (ha)			PRODUTIVIDADE (sc/ha)			PRODUÇÃO (mil sacas beneficiadas)		
	Safr 2015 (a)	Safr 2016 (B)	VAR. % (B/A)	Safr 2015 (C)	Safr 2016	VAR. %	Safr 2015 (e)	Safr 2016	VAR. %
					(d)	(d/c)		(f)	(f/e)
NORDESTE	103.450,0	103.861,0	0,4	11,19	12,22	9,2	1.162,1	1.268,9	9,2
BA	103.450,0	103.861,0	0,4	11,23	12,22	8,8	1.162,1	1.268,9	9,2
Cerrado	9.129,0	11.328,0	24,1	37,00	30,50	(17,6)	337,8	345,5	2,3
Planalto	94.321,0	92.533,0	(1,9)	8,74	9,98	14,2	824,3	923,4	12,0
CENTRO-OESTE	6.286,0	5.696,6	(9,4)	36,26	40,04	10,4	227,9	228,1	0,1
MT	111,0	70,0	(36,9)	15,32	18,29	19,4	1,7	1,28	(24,7)
GO	6.175,0	5.626,6	(8,9)	36,63	40,31	10,0	226,2	226,8	0,3
SUDESTE	1.317.124,3	1.359.819,3	3,2	22,23	28,41	27,8	29.278,2	38.636,8	32,0
MG	955.497,0	995.715,0	4,2	22,99	28,74	25,0	21.965,7	28.618,1	30,3
Sul e Centro-Oeste	478.056,0	523.506,0	9,5	22,61	29,32	29,7	10.808,3	15.346,8	42,0
Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste	170.634,0	183.076,0	7,3	24,81	37,73	52,1	4.232,9	6.907,6	63,2
Zona da Mata, Rio Doce e Central	278.646,0	261.109,0	(6,3)	22,93	22,49	(1,9)	6.390,3	5.872,2	(8,1)
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	28.161,0	28.024,0	(0,5)	18,97	17,54	(7,5)	534,2	491,5	(8,0)
ES	150.118,0	150.025,0	(0,1)	19,58	25,12	28,3	2.939,0	3.768,0	28,2
RJ	12.538,0	13.058,0	4,1	24,69	26,86	8,8	309,6	350,8	13,3
SP	198.971,3	201.021,3	1,0	20,42	29,35	43,7	4.063,9	5.899,9	45,2
SUL	44.500,0	46.660,0	4,9	28,99	22,50	(22,4)	1.290,0	1.050,0	(18,6)
PR	44.500,0	46.660,0	4,9	28,99	22,50	(22,4)	1.290,0	1.050,0	(18,6)
OUTROS	8.450,0	9.228,0	9,2	10,66	11,05	3,7	90,1	102,0	13,2
NORTE/NORDESTE	103.450,0	103.861,0	0,4	11,23	12,22	8,8	1.162,1	1.268,9	9,2
CENTRO-SUL	1.367.910,3	1.412.175,9	3,2	22,51	28,26	25,5	30.796,1	39.914,9	29,6
BRASIL	1.479.810,3	1.525.264,9	3,1	21,66	27,07	25,0	32.048,3	41.285,8	28,8

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2016.

Legenda: (*) Acre, Ceará, Pernambuco, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal.

Tabela 3 - Café conilon - Comparativo de área em produção, produtividade e produção - Safras 2015 e 2016

REGIÃO/UF	ÁREA EM PRODUÇÃO (ha)			PRODUTIVIDADE (sc/ha)			PRODUÇÃO (mil sacas beneficiadas)		
	Safr 2015 (a)	Safr 2016 (B)	VAR. % (B/A)	Safr 2015 (C)	Safr 2016	VAR. %	Safr 2015 (e)	Safr 2016	VAR. %
					(d)	(d/c)		(f)	(f/e)
NORTE	88.900,0	88.320,0	(0,7)	19,58	18,55	(5,3)	1.740,5	1.638,2	(5,9)
RO	87.657,0	87.657,0	-	19,67	18,56	(5,6)	1.723,9	1.626,9	(5,6)
PA	1.243,0	663,0	(46,7)	13,35	17,04	27,7	16,6	11,3	(31,9)
NORDESTE	35.228,0	45.892,0	30,3	33,60	18,00	(46,4)	1.183,6	826,1	(30,2)
BA	35.228,0	45.892,0	30,3	33,60	18,00	(46,4)	1.183,6	826,1	(30,2)
Atlântico	35.228,0	45.892,0	30,3	33,60	18,00	(46,4)	1.183,6	826,1	(30,2)
CENTRO-OESTE	20.078,0	13.986,0	(30,3)	6,29	8,74	39,1	126,2	122,3	(3,1)
MT	20.078,0	13.986,0	(30,3)	6,29	8,74	39,1	126,2	122,3	(3,1)
SUDESTE	296.499,0	272.784,0	(8,0)	27,31	20,89	(23,5)	8.098,2	5.698,5	(29,6)
MG	13.375,0	12.752,0	(4,7)	25,21	24,98	(0,9)	337,2	318,5	(5,5)
Zona da Mata, Rio Doce e Central	8.694,0	8.289,0	(4,7)	25,21	24,97	(1,0)	219,2	207,0	(5,6)
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	4.681,0	4.463,0	(4,7)	25,21	24,98	(0,9)	118,0	111,5	(5,5)
ES	283.124,0	260.032,0	(8,2)	27,41	20,69	(24,5)	7.761,0	5.380,0	(30,7)
OUTROS	1.559,0	3.669,0	135,3	24,50	18,83	(23,1)	38,2	69,1	80,9
NORTE/NORDESTE	124.128,0	134.212,0	8,1	23,56	18,36	(22,1)	2.924,1	2.464,3	(15,7)
CENTRO-SUL	316.577,0	286.770,0	(9,4)	25,98	20,30	(21,9)	8.224,4	5.820,8	(29,2)
BRASIL	442.264,0	424.651,0	(4,0)	25,29	19,67	(22,2)	11.186,7	8.354,2	(25,3)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2016.

Legenda: (*) Acre e Ceará.

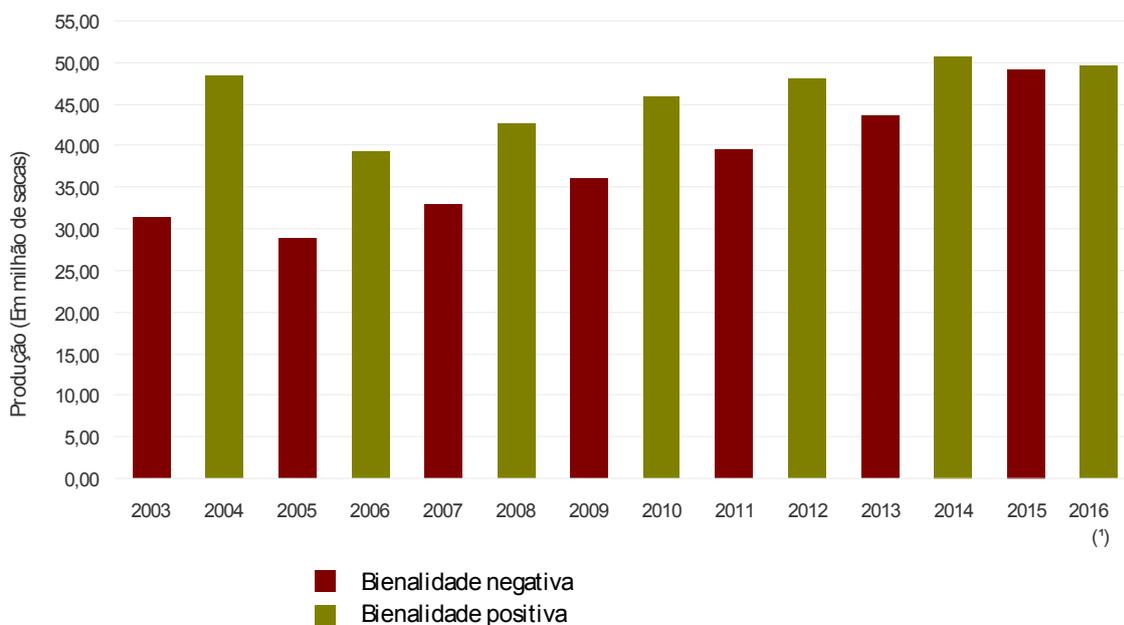


Tabela 4 - Café arábica e conilon – Série histórica de produção

REGIÃO/UF	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
Arábica	20,08	31,72	23,82	33,02	25,10	35,48	28,87	36,82	32,19	38,34	38,29	32,31	32,05	41,29
Conilon	8,74	7,56	9,13	9,50	10,97	10,51	10,60	11,27	11,30	12,48	10,87	13,04	11,19	8,35
BRASIL	31,30	48,48	28,82	39,27	32,94	42,51	36,07	45,99	39,47	48,09	43,48	50,83	49,15	49,64

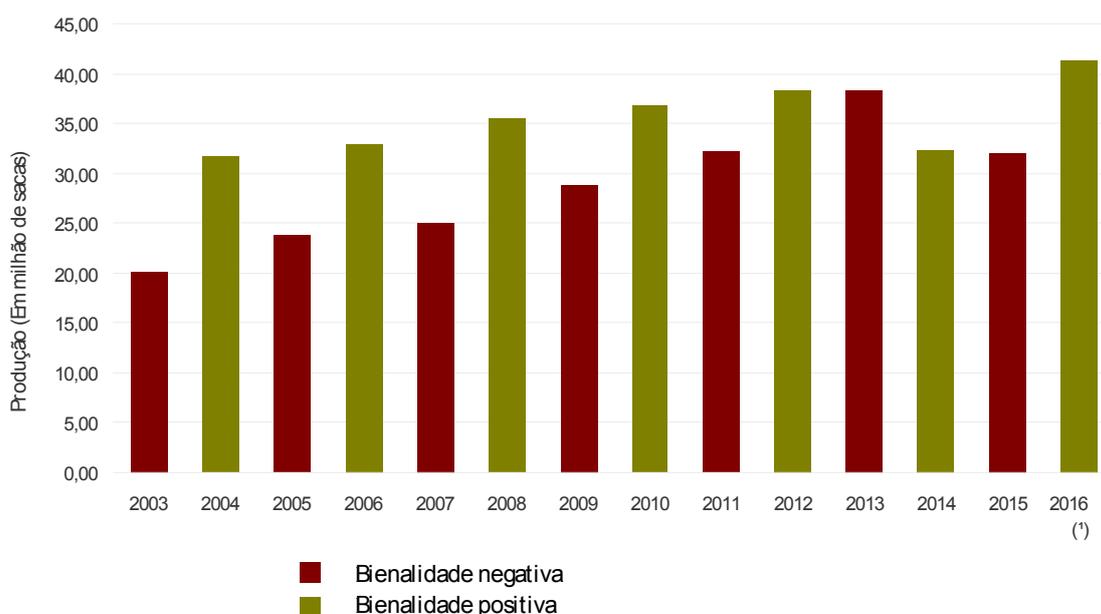
Fonte: Conab.
Nota: Estimativa em 2016.

Gráfico 1 - Café total (arábica e conilon) – Série histórica de produção



Fonte: Conab.
Nota: Estimativa em 2016.

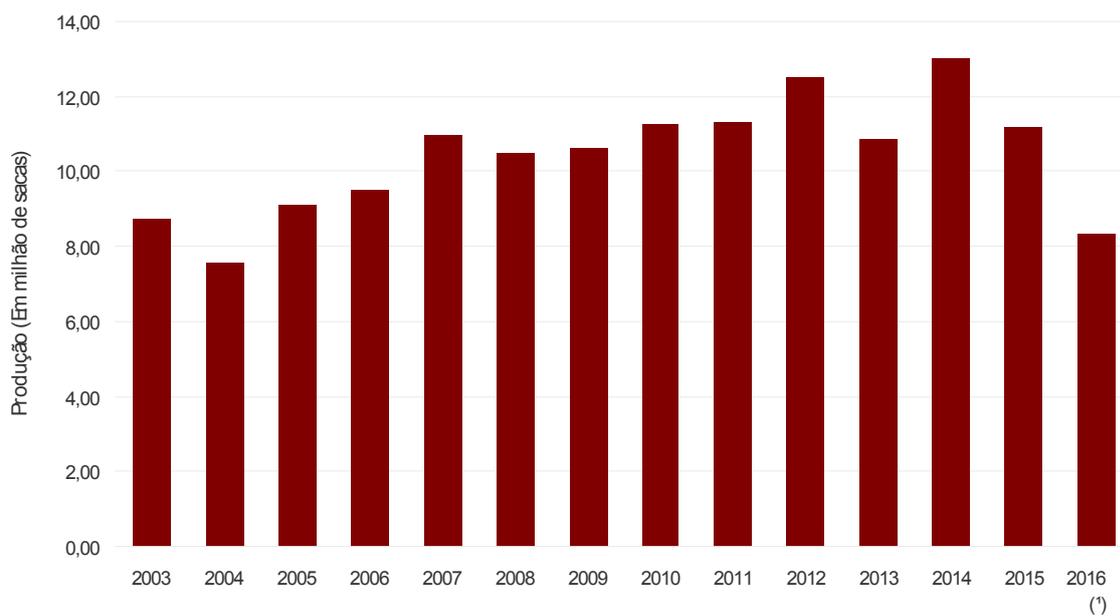
Gráfico 2 - Café arábica – Série histórica de produção



Fonte: Conab.
Nota: Estimativa em 2016.



Gráfico 3 - Café conilon – Série histórica de produção



Fonte: Conab
Nota: Estimativa em 2016



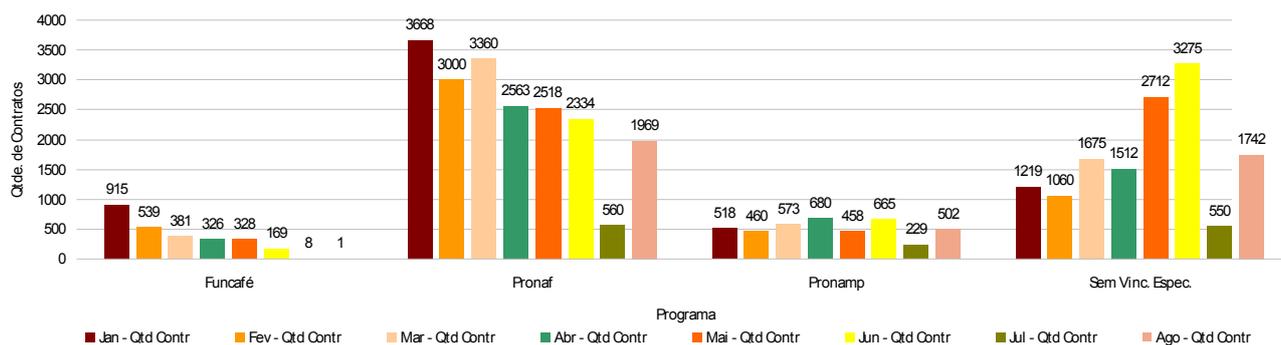


6. CRÉDITO RURAL

Para o aporte financeiro para a lavoura do café, o crédito rural disponibilizado pode ser observado sob dois distintos escopos. O primeiro deles faz referência à quantidade de contratos realizados e o segundo aos valores aportados.

Sob a ótica do número de contratos realizados entre janeiro e agosto de 2016, pode-se observar na figura abaixo que, para os três distintos programas de créditos existentes para a cultura do café: Funcafé, Pronaf e Pronamp e a disponibilização de crédito sem vínculo a programa específico há uma tendência de queda, entre Janeiro e agosto, no número de contratos no Funcafé e Pronaf, enquanto para o Pronamp se observam valores constantes e a modalidade sem vínculo a programa específico uma ascensão, tirante julho, no quantitativo de contratos realizados entre janeiro e agosto de 2016.

Gráfico 4 - Crédito rural - Custeio do café - Janeiro a abril de 2016*



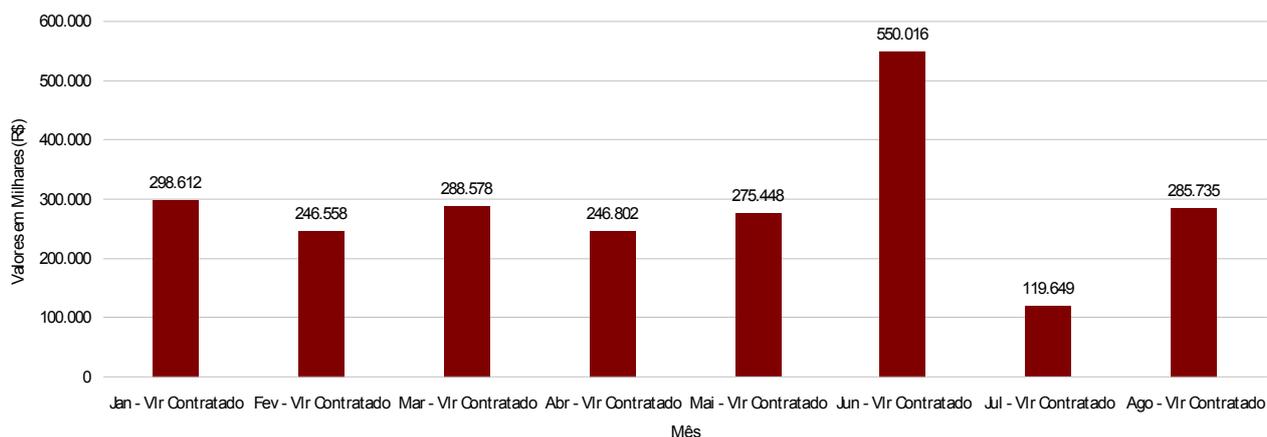
Fonte: Bacen; Conab;

Obs.:* com possíveis alterações contratuais em vlr e qtde, dados coletados mês a mês.

Já pela ótica dos montantes aportados, a representação gráfica a seguir indica valores constantes de janeiro a maio, um forte pico no aporte em junho, com

queda em relação a julho, todavia o valor aportado agosto apresenta colta ao comportamento observado de janeiro a maio.

Gráfico 5- Total em valor contratado (janeiro a agosto de 2016)*



Fonte: Bacen; Conab;

Obs.:* com possíveis alterações contratuais em vlr e qtde, dados coletados mês a mês.





7. MONITORAMENTO AGRÍCOLA

O monitoramento agrícola do café tem por objetivo contribuir com o fortalecimento da capacidade de produzir e divulgar previsões relevantes, oportunas e precisas da produção agrícola nacional. Esse monitoramento é feito a partir do mapeamento das áreas de cultivo, que auxilia na quantificação da área plantada, no acompanhamento da dinâmica do uso do solo e na análise das condições meteorológicas, desde o início do florescimento até a conclusão da colheita. A condição para o desenvolvimento das lavouras, considerando a sua localização (mapeamentos) e as fases predominantes, são analisadas no monitoramento agrometeorológico e apresentadas na avaliação por estado.

1.1. MONITORAMENTO AGROMETEOROLÓGICO

No monitoramento agrometeorológico, dentre os parâmetros observados, destacam-se: a precipitação acumulada, o desvio da precipitação com relação à média histórica (anomalia) e à temperatura. Para os principais estados produtores foi elaborada uma tabela que apresenta o resultado do monitoramento por mês, de acordo com a fase fenológica predominante. A condição pode ser:

- Favorável: quando a precipitação e a temperatura são adequadas para a fase do desenvolvimento da cultura ou houver, apenas, problemas pontuais;
- Baixa restrição: quando houver problemas pontuais de média e alta intensidade por falta ou excesso de chuvas, e/ou, por baixas ou altas temperaturas;
- Média restrição: quando houver problemas generalizados de média e alta intensidade por falta ou

excesso de chuvas, e/ou, por baixas ou altas temperaturas;

- Alta restrição: quando houver problemas crônicos ou extremos de média e alta intensidade por falta ou excesso de precipitações, e/ou, por baixas ou altas temperaturas, que podem causar impactos significativos na produção.

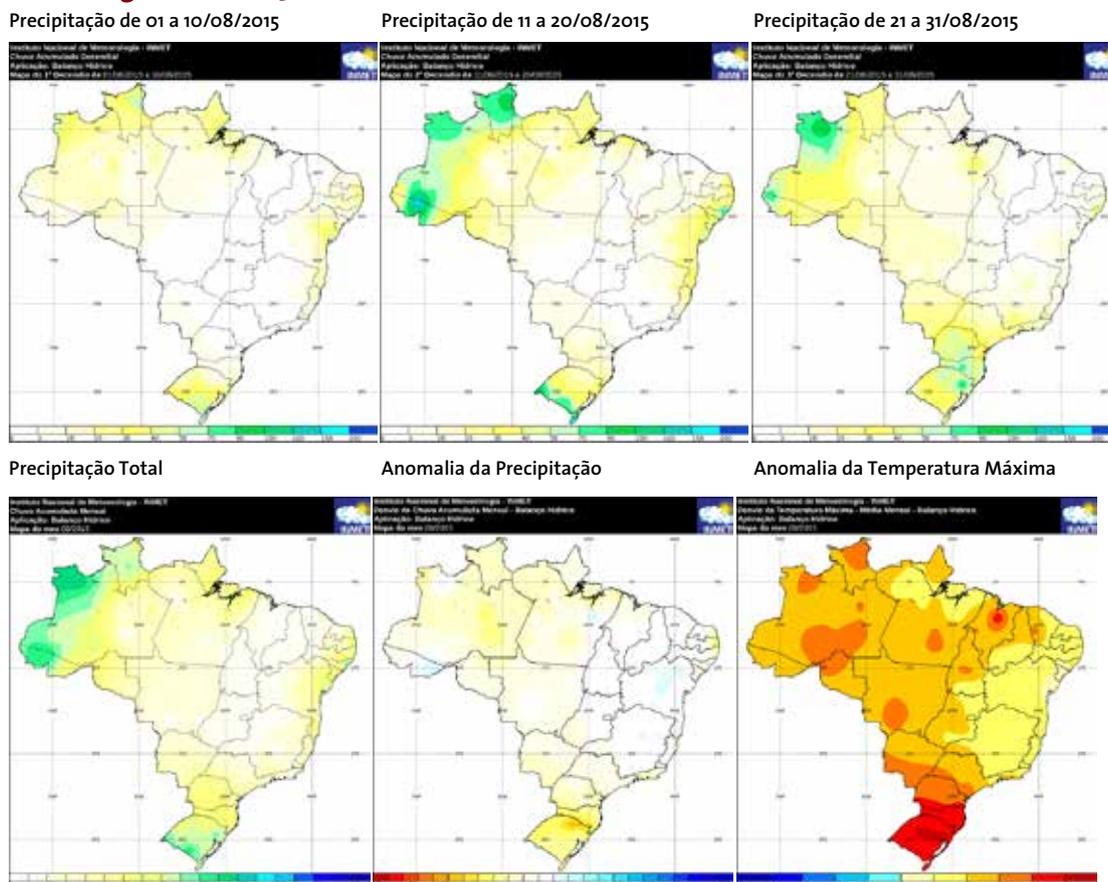
Abaixo, verificam-se as cores que representam as diferentes condições nas tabelas:

Nas figuras abaixo, verificam-se os dados utilizados no monitoramento do café, que analisa a safra 2016 no período de agosto de 2015 a agosto de 2016.

Os resultados desse monitoramento são apresentados nos capítulos referentes aos estados.

 Favorável	 Média restrição falta de chuva	 Baixa restrição excesso de chuva	 Alta restrição excesso de chuva	 Média restrição temperaturas baixas
 Baixa restrição falta de chuva	 Alta restrição falta de chuva	 Média restrição excesso de chuva	 Baixa restrição temperaturas baixas	 Alta restrição temperaturas baixas

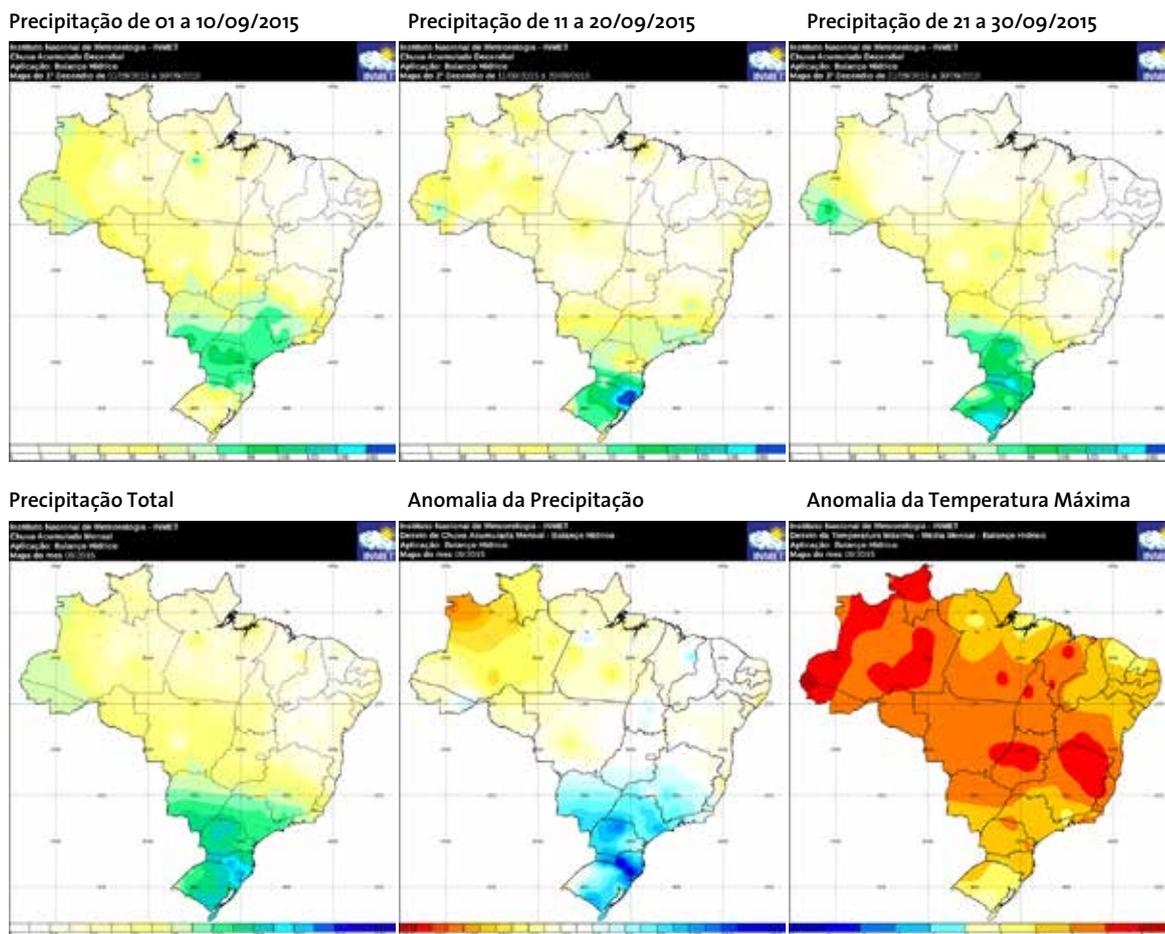
Figura 1 - Precipitação decenal, precipitação total, anomalia da precipitação e da temperatura máxima em agosto de 2015



Fonte: Inmet.



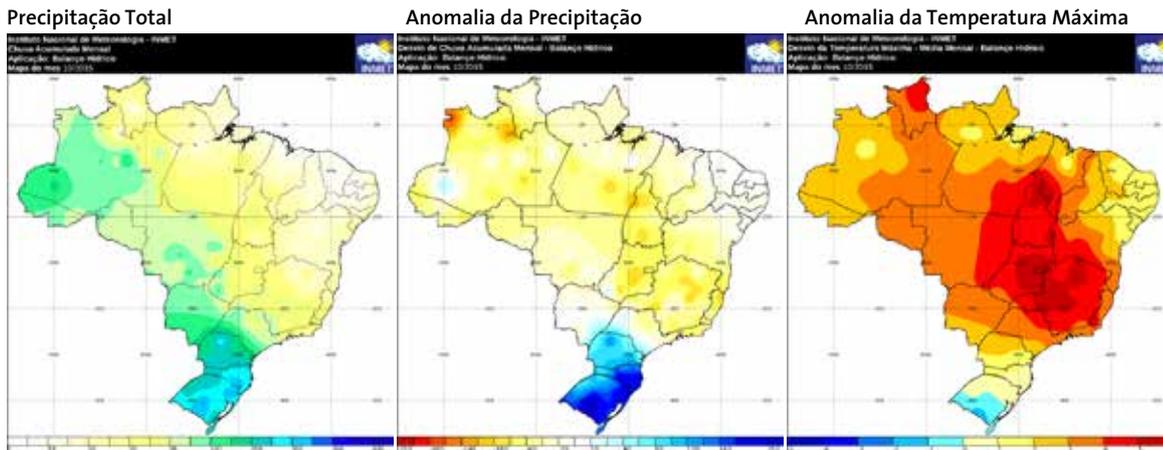
Figura 2 - Precipitação decendial, precipitação total, anomalia da precipitação e da temperatura máxima em setembro de 2015



Fonte: Inmet.

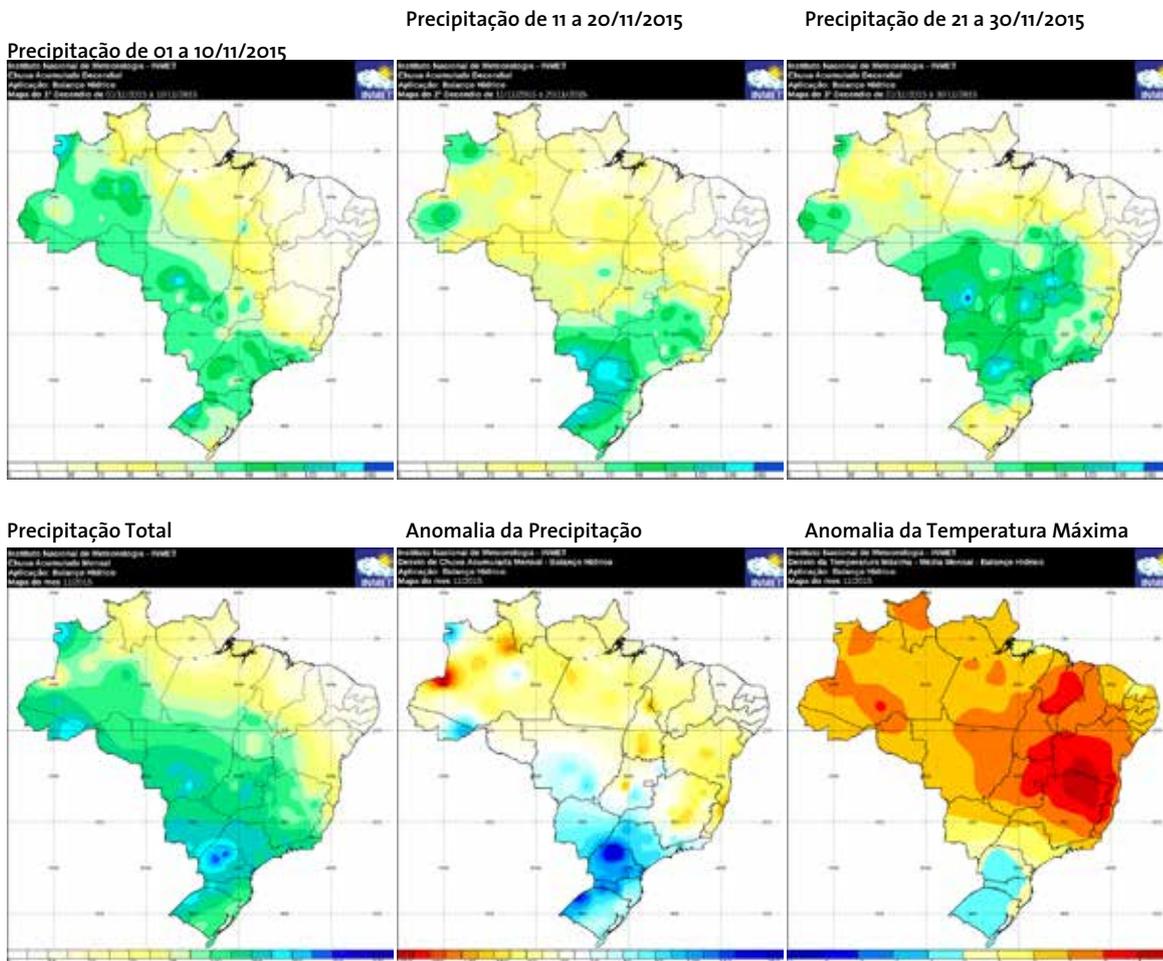
Figura 3 - Precipitação decendial, precipitação total, anomalia da precipitação e da temperatura máxima em outubro de 2015





Fonte: Inmet.

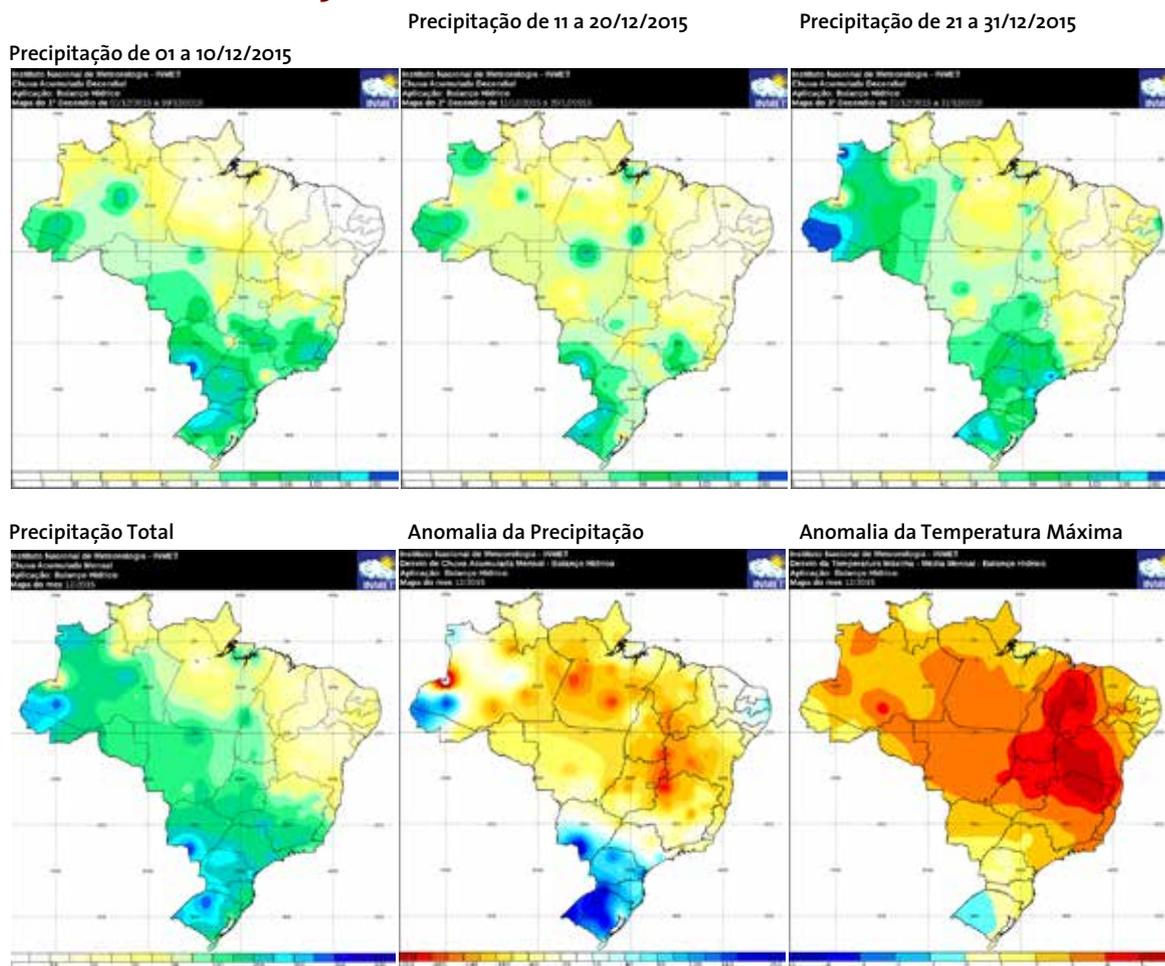
Figura 4 - Precipitação decenal, precipitação total, anomalia da precipitação e da temperatura máxima em novembro de 2015



Fonte: Inmet.



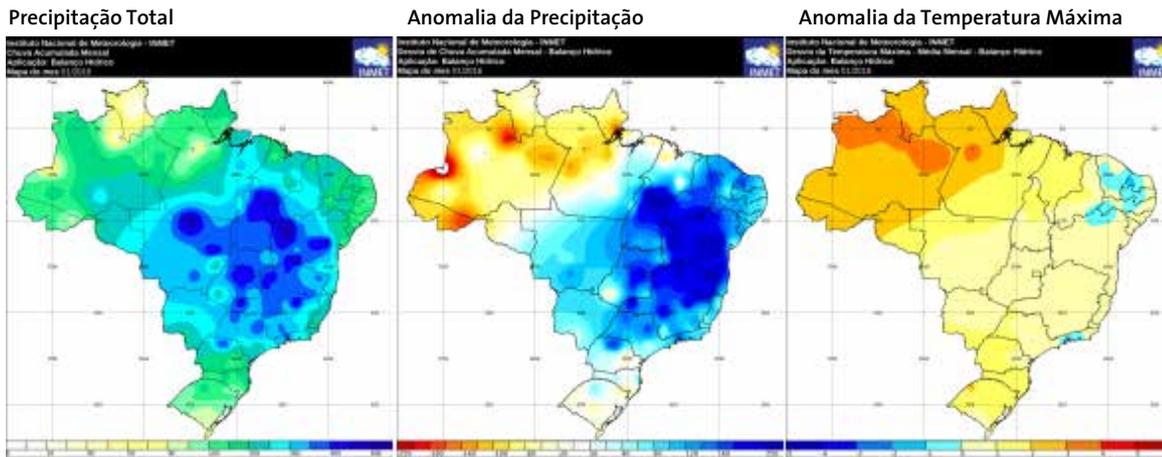
Figura 5 - Precipitação decenal, precipitação total, anomalia da precipitação e da temperatura máxima em dezembro de 2015



Fonte: Inmet.

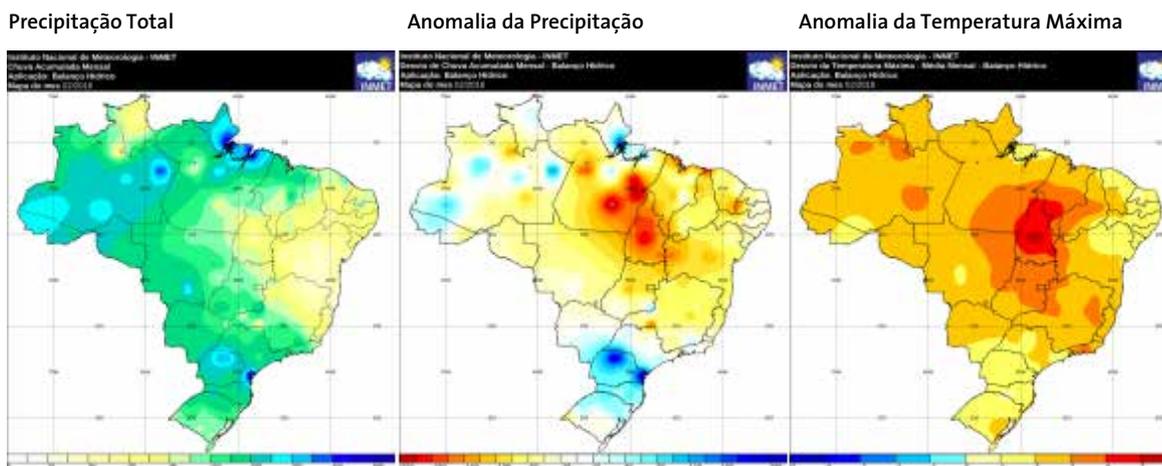
Figura 6 - Precipitação decenal, precipitação total, anomalia da precipitação e da temperatura máxima em janeiro de 2016





Fonte: Inmet.

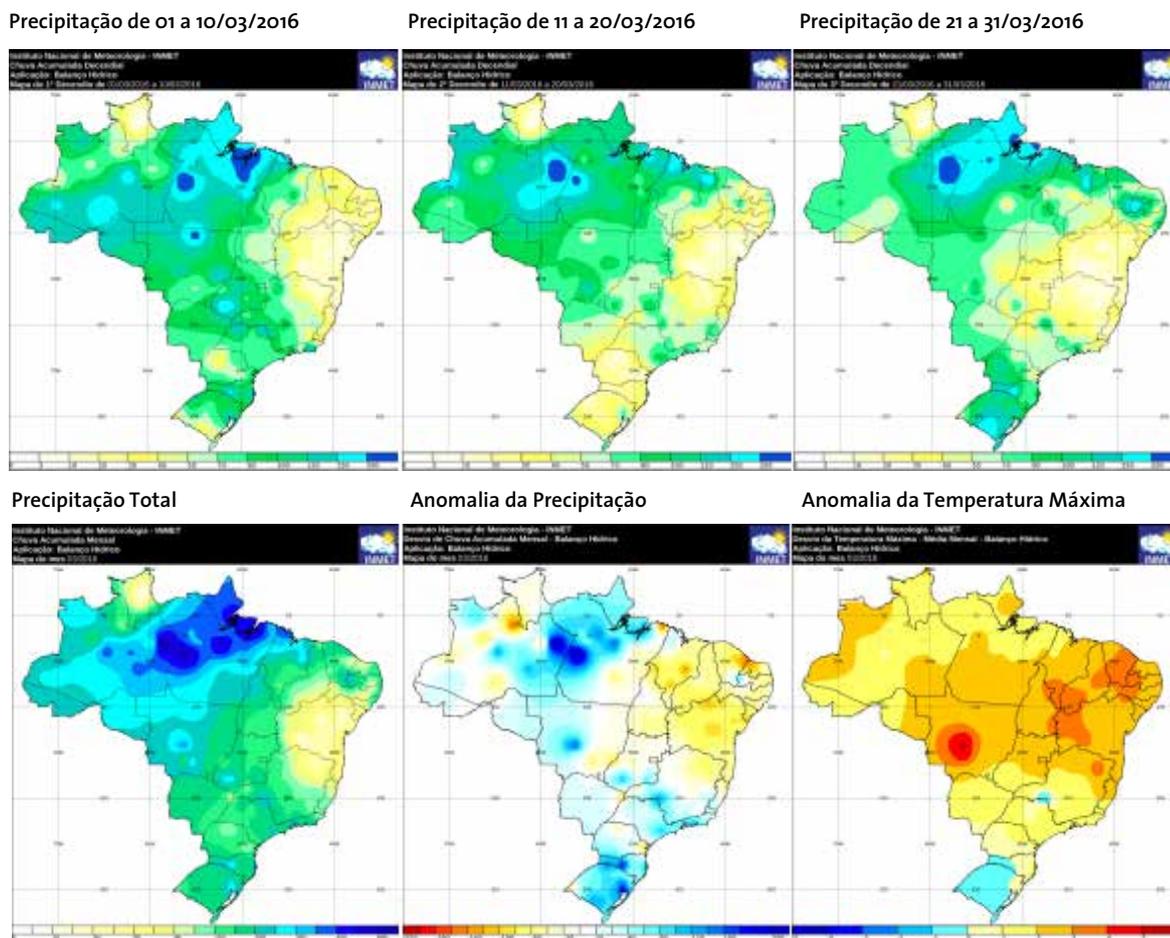
Figura 7 - Precipitação decenal, precipitação total, anomalia da precipitação e da temperatura máxima em fevereiro de 2016



Fonte: Inmet.



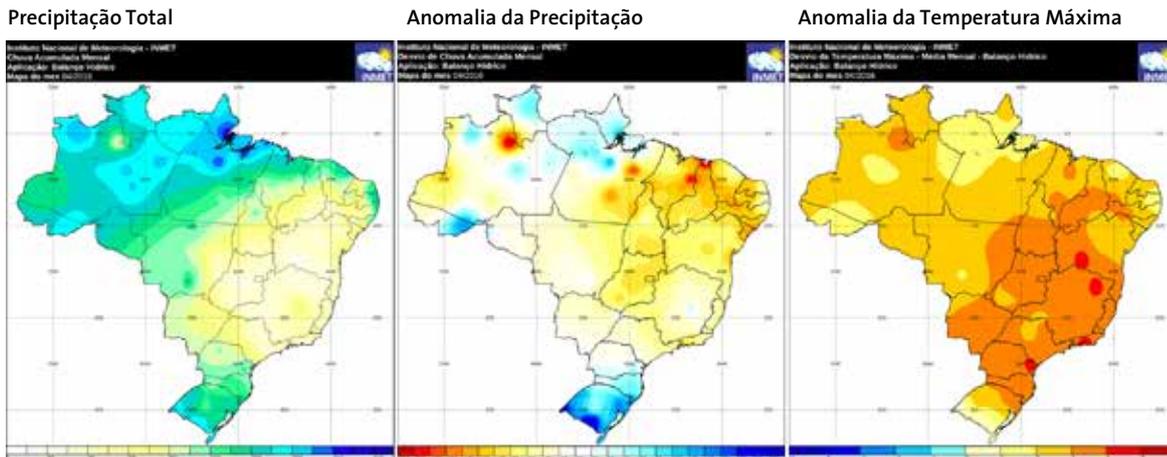
Figura 8 - Precipitação decendial, precipitação total, anomalia da precipitação e da temperatura máxima em março de 2016



Fonte: Inmet.

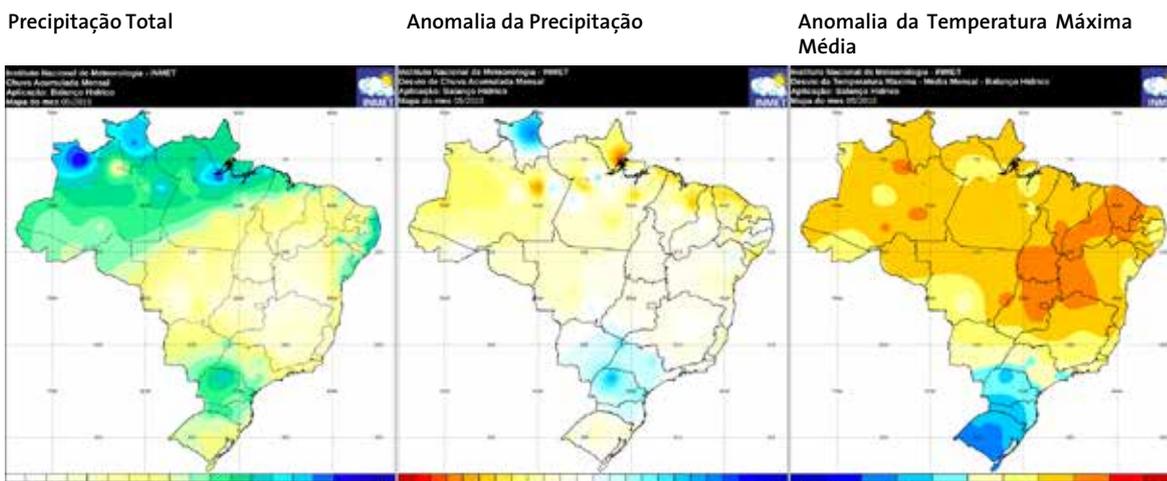
Figura 9 - Precipitação decendial, precipitação total, anomalia da precipitação e de temperatura máxima média em abril de 2016





Fonte: Inmet.

Figura 10 - Precipitação decenal, precipitação total, anomalia da precipitação e de temperatura máxima média em maio de 2016



Fonte: Inmet.



Figura 11 - Precipitação decenal, precipitação total, anomalia da precipitação e de temperatura mínima média em junho de 2016

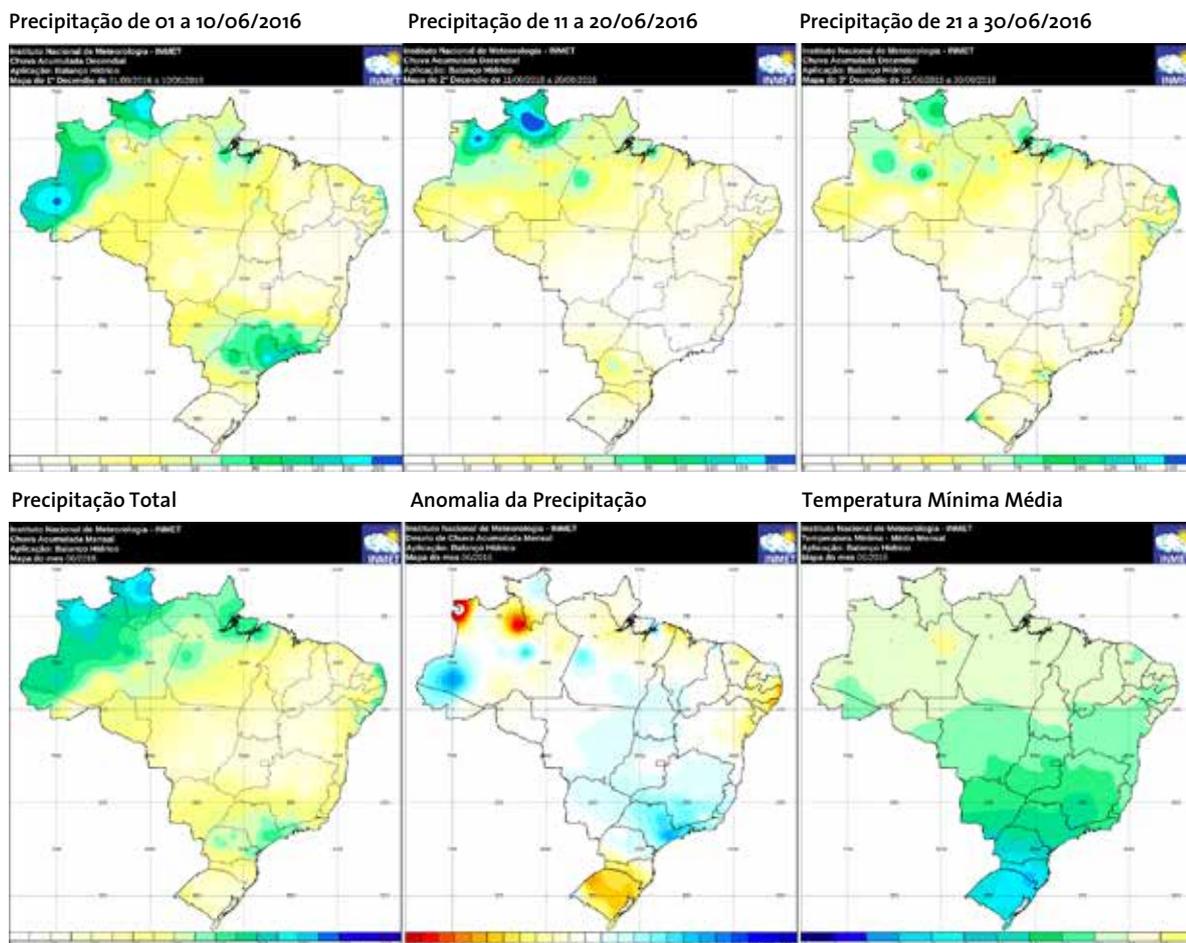
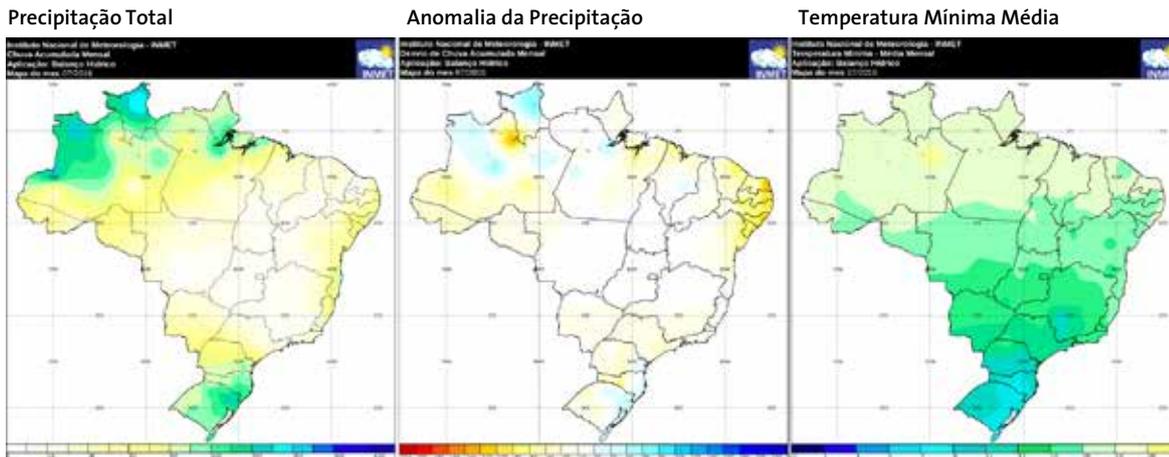


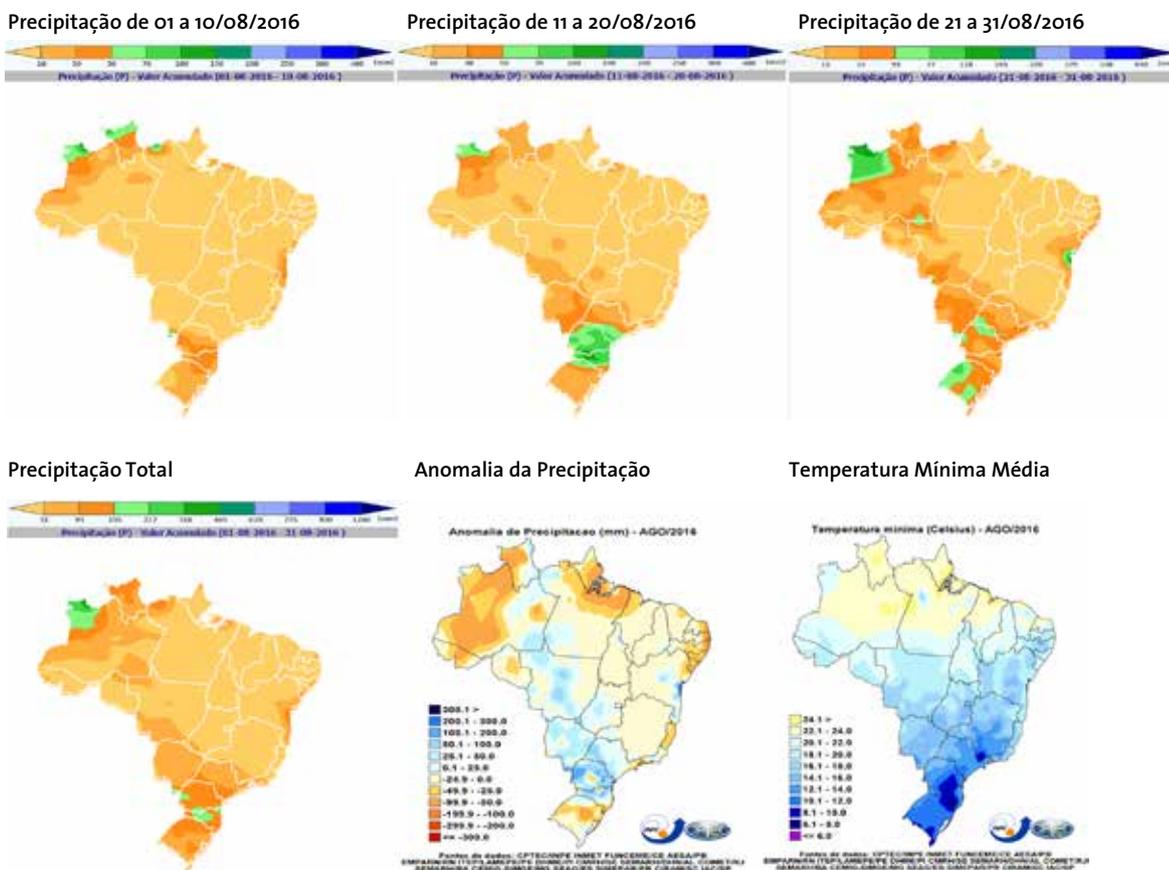
Figura 12 - Precipitação decenal, precipitação total, anomalia da precipitação e de temperatura mínima média em julho de 2016





Fonte: Inmet.

Figura 13 - Precipitação decenal, precipitação total, anomalia da precipitação e de temperatura mínima média em agosto de 2016



Fonte: Inmet.





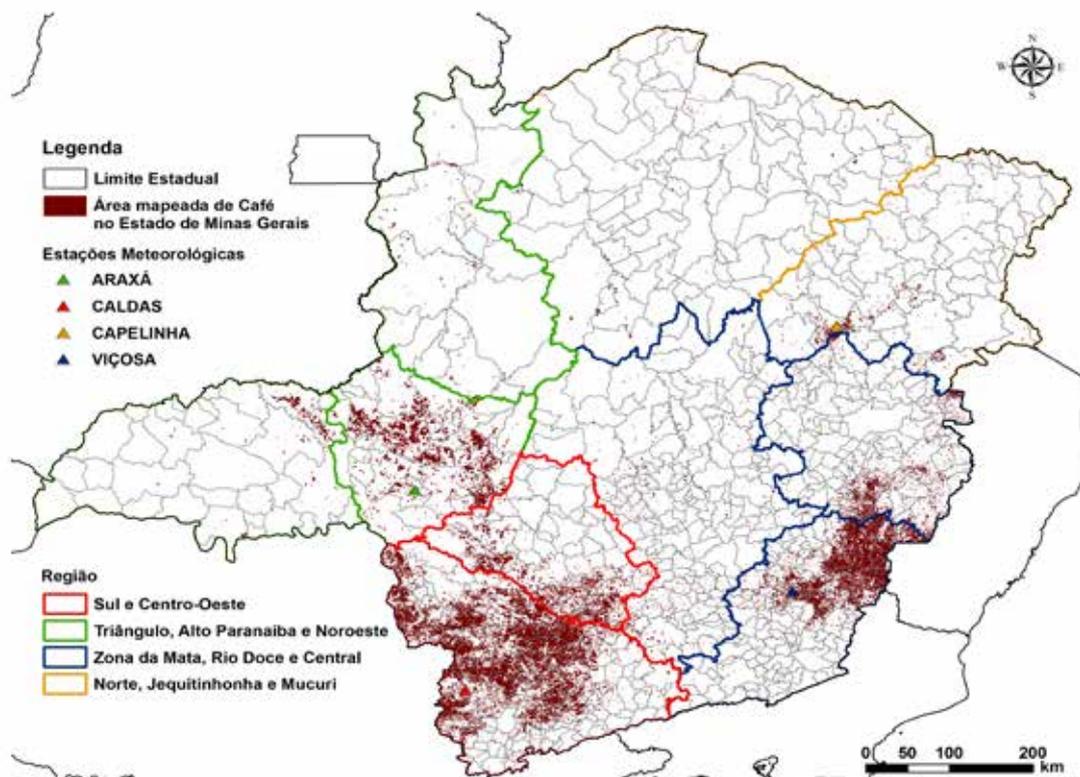
8. AVALIAÇÃO POR ESTADO

8.1. MINAS GERAIS

8.1.1. MONITORAMENTO AGROMETEOROLÓGICO

A Conab já produziu uma série de quatro mapeamentos do café no estado de Minas Gerais. O mais atual é apresentado abaixo, com a respectiva divisão das regiões produtoras de café do estado e a localização das estações meteorológicas do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet) utilizadas no monitoramento.

Figura 14 - Mapeamento do café em Minas Gerais



As floradas da safra 2016, em importantes regiões produtoras, foram favorecidas por chuvas em setembro, principalmente na Região Sul de Minas, onde ocorreram com maior intensidade. No entanto, em outubro, em todas as regiões produtoras do estado, condições climáticas caracterizadas por altas temperaturas e precipitação abaixo da média resultaram em restrições no pegamento e ocorrência de novas floradas.

O cenário se modificou em novembro, com chuvas favoráveis às lavouras das Regiões Sul de Minas e Cerrado Mineiro. Nas outras regiões produtoras, a irregularidade da precipitação, com chuvas escassas no primeiro decêndio, resultou em baixa restrição.

Em todas as regiões produtoras, em dezembro, principalmente, em janeiro, que apresentou chuvas bem acima da média, as condições climáticas foram benéficas. Já, em fevereiro, houve restrições por falta de chuva nas regiões produtoras de Rio Doce, Norte, Jequitinhonha e Mucuri. Nessas três últimas regiões citadas, em março, a condição climática não se alterou, com impactos às lavouras em granação.

Em abril, em todo o estado, as condições climáticas de temperaturas acima da média e de pouca precipitação foram desfavoráveis à granação dos frutos. No entanto, com a maior parte das áreas com os frutos já formados, em processo de maturação, houve baixo impacto à produtividade.

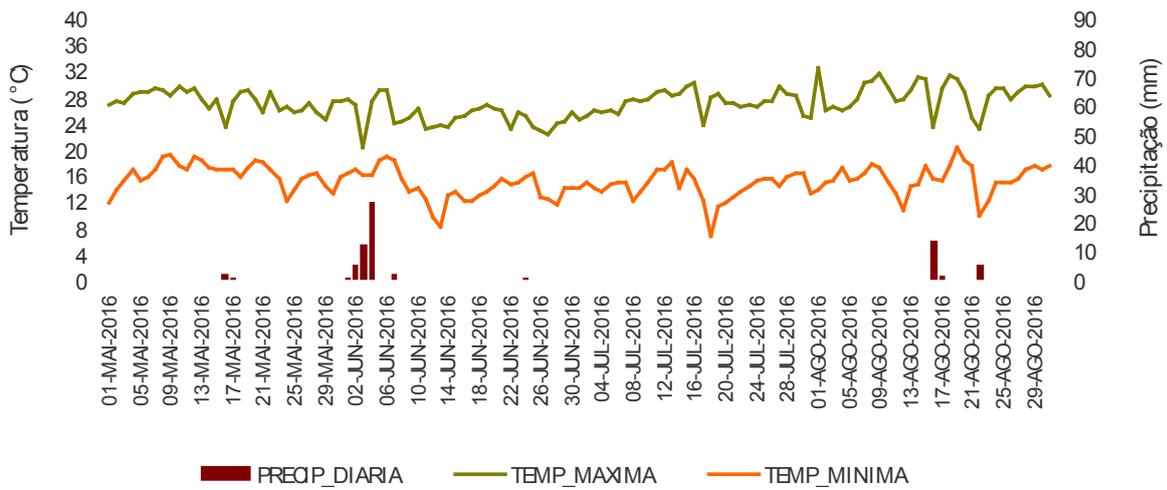
De maio a agosto predominaram chuvas reduzidas, que beneficiaram a maturação e o avanço da colheita. No entanto, precipitações intensas concentradas no primeiro decêndio de junho resultaram em perdas na qualidade dos grãos no Sul de Minas.

Além disso, em julho, ocorreram geadas em partes do Sul de Minas e do Alto Paranaíba. Entretanto, não houve impactos à safra atual, que já se encontrava com os grãos já formados ou colhidos. Na estação meteorológica de Caldas houve registros de temperaturas negativas.

Na Tabela 1, se verifica o monitoramento agrometeorológico em Minas Gerais.

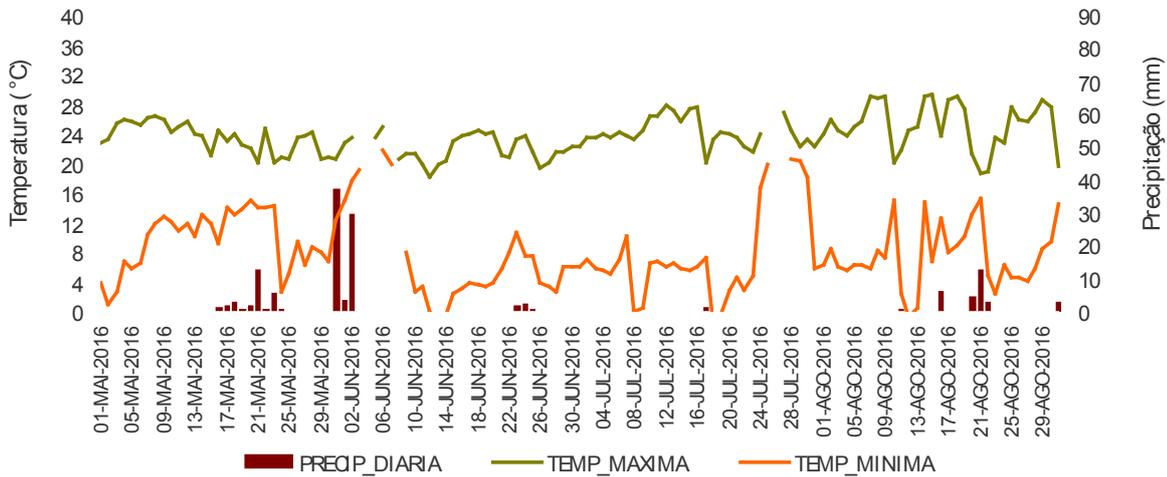


Gráfico 6 – Estações meteorológicas do Inmet em Minas Gerais - Araxá



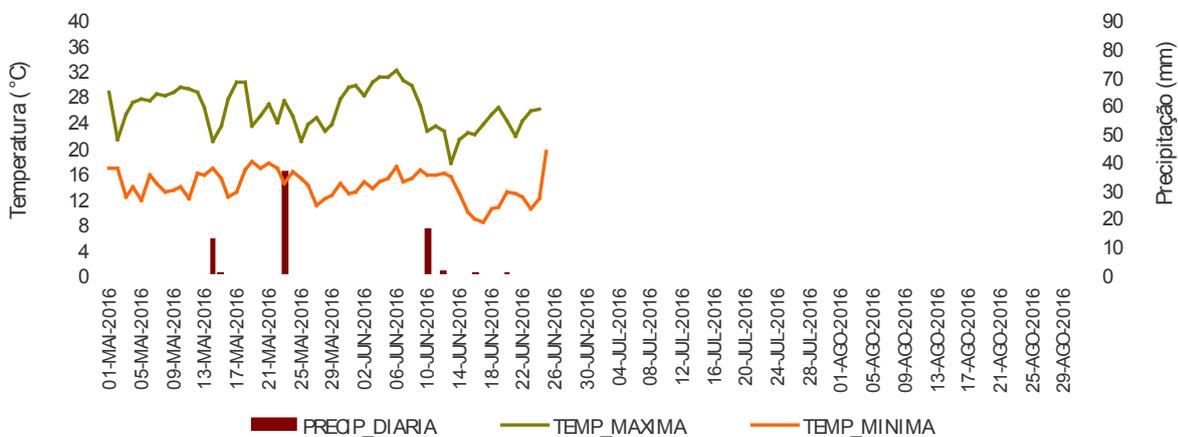
Fonte: Inmet.

Gráfico 7 – Estações meteorológicas do Inmet em Minas Gerais - Caldas



Fonte: Inmet

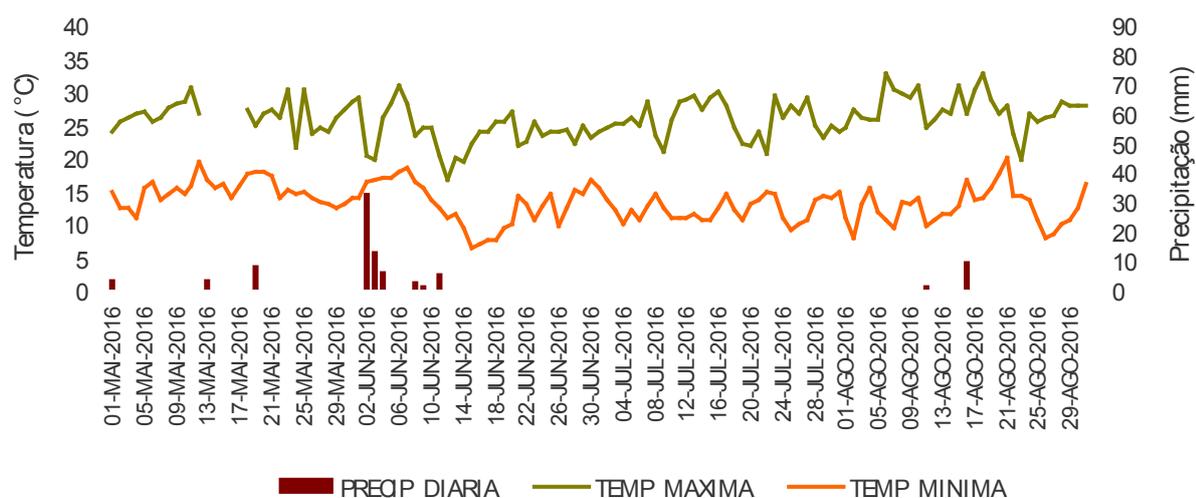
Gráfico 8 – Estações meteorológicas do Inmet em Minas Gerais - Capelinha



Fonte: Inmet



Gráfico 9 – Estações meteorológicas do Inmet em Minas Gerais - Viçosa



Fonte: Inmet.

Quadro 1 – Monitoramento agrometeorológico: análise do período de setembro/15 a abril/16, com possíveis impactos de acordo com as fases* do café em Minas Gerais

Minas Gerais														
Ano		2015				2016								
Meses		Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Fases*	Sul de Minas (Sul e Centro-Oeste)	F	F	CH	EF	GF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C***	C	C	C
	Cerrado Mineiro (Triângulo, Alto Paraíba e Noroeste)	F	F	CH	EF	EF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C	C
	Zona da Mata, Rio Doce e Central	F	F	CH	EF	EF	GF**	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C	C
	Norte, Jequitinhonha e Mucuri		F	CH	EF	EF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C	C

*(F)=floração; (CH)=formação dos chumbinhos; (EF)=expansão dos frutos; (GF)=granação dos frutos; (M)=maturação; (C)=colheita.

** nas lavouras localizadas na região do Rio Doce, houve restrição por falta de chuvas e altas temperaturas.

*** houve restrições por excesso de chuva no primeiro decêndio do mês.

Favorável
 Baixa restrição falta de chuva
 Média restrição falta de chuva
 Baixa restrição Excesso de chuva

8.1.2. CONDIÇÕES CLIMÁTICAS

Na maioria das regiões produtoras de café do estado as chuvas, ocorridas no período compreendido entre fevereiro e maio de 2015, favoreceram o desenvolvimento de ramos produtivos e criaram boas expectativas com relação à produção da safra 2016.

As primeiras chuvas de verão ocorreram no início de setembro, favorecendo a primeira e principal florada, seguiu-se um período de estiagem, voltando a chover a partir do final de outubro, concorrendo para uma segunda florada. O mês de novembro transcorreu com precipitações regulares, acompanhadas de temperaturas ainda bastante elevadas, e já em dezembro houve uma maior alternância de períodos de chuva e sol. A ocorrência de chuvas fortes e contínuas na primeira quinzena de janeiro de 2016 acabou dificultando e

atrasando os procedimentos de controle de pragas e doenças. A alternância de períodos de chuva e sol retornou a partir de meados de janeiro, nas principais regiões produtoras, criando condições favoráveis para o enchimento dos grãos. O período de estiagem e altas temperaturas que se seguiu, a partir de meados de março ao final de abril, chegou a criar alguma apreensão com relação ao desenvolvimento das lavouras mais novas, mas não chegou a impactar as estimativas de produtividade para as áreas em fase de produção, visto que os grãos já se encontravam bem formados. Ocorrência de geadas de proporções variadas também foram registradas nas regiões Sul e Cerrado Mineiro em meados de julho. No período da colheita houve predominância de tempo seco na maioria das regiões produtoras, favorecendo a qualidade do produto colhido.



8.1.3. SITUAÇÃO DA LAVOURA

Com a alta produção deste ano, especialmente nas regiões Sul de Minas e Cerrado Mineiro, os cafezais sentiram bastante os efeitos desta carga produtiva elevada, bem como o ataque de bicho mineiro que se seguiu ao período de estiagem a partir de meados de março, fazendo com que as lavouras se encontrem bastante depauperadas e com elevado índice de desfolhamento, condição que deverá concorrer para um

crescimento substancial na área de podas, embora grande parte dos produtores tenha procurado manter os tratamentos culturais dentro da normalidade ao longo do presente ano safra, adubando e fazendo as aplicações recomendadas de fungicida e inseticida. Problemas com broca têm sido mais pontuais, mas ainda causam prejuízos em algumas regiões, notadamente onde o manejo e o pós-colheita ficaram aquém do desejado.

8.1.4. TERCEIRA ESTIMATIVA DE PRODUÇÃO DE CAFÉ DA SAFRA 2016 – MINAS GERAIS

A produção de café em Minas Gerais está estimada em 28.936.531 sacas na safra 2016, sendo 28.618.100 sacas de café arábica e 318.431 sacas de café conilon. A variação percentual é de 2,56% para mais ou para menos, com intervalo de produção entre 28.195.617 sacas e 29.677.445 sacas.

A área total de café em produção deve totalizar 1.008.467 hectares, superior em 4,09% em comparação à safra passada e a produtividade média do estado está estimada em 28,69 sc/ha, 24,65% acima do resultado obtido na safra 2015.

Em comparação com a safra 2015, o resultado do presente levantamento sinaliza um crescimento da produção cafeeira de Minas Gerais na ordem de 29,74%, pautada principalmente na expansão projetada para as regiões do Cerrado Mineiro e Sul de Minas. Para a região da Zona da Mata, que apresenta bialidade invertida com relação ao estado, a estimativa é de redução da produção na ordem de 8,02% em relação a 2015.

Região do Sul de Minas (Sul e Centro-Oeste) – A produção estimada para a safra 2016 na região Sul de Minas é de 15.346.824 sacas de café, resultado que sinaliza um crescimento de 41,99% em relação à safra 2015, que fechou em 10.808.279 sacas, e de 42,05% relativamente à safra 2014, que foi de 10.803.693 sacas.

A área de café em produção está estimada em 523.506 hectares, o que representa um crescimento de 9,51% em relação a 2015 e 4,45% relativamente a 2014. Dados do presente levantamento indicam ainda, uma área em formação de 107.526 hectares, totalizando 631.032 hectares plantados.

No tocante à produtividade média da safra 2016, os resultados verificados com o avanço da colheita já permitiram uma reavaliação a maior em torno de 2,66% com relação ao último levantamento. Em relação à sa-

fra anterior, o incremento esperado é de 29,68%, passando de 22,61 sc/ha em 2015, para 29,32 sc/ha na safra atual. Os produtores, embora um pouco mais descapitalizados, em face das perdas ocorridas nas duas últimas safras, procuraram manter o nível tecnológico das lavouras, realizando os procedimentos de manejo e de adubação para otimizar os resultados de suas lavouras. As condições climáticas contribuíram significativamente para os resultados alcançados, visto que transcorreram favoráveis, em termos de volume e distribuição de chuvas, concorrendo para um bom crescimento de ramos produtivos, boas floradas, baixos índices de abortamento de flores e chumbinhos, boa granação, maturação mais uniforme e melhora expressiva na renda do beneficiamento do café, que vem frequentemente superando a média histórica de 480 litros de café em coco por saca de 60 litros de café beneficiado. Também em termos de qualidade, os resultados têm sido positivos. Grãos bem formados, pesados, mais graúdos, percentual maior de peneira alta, bebida de boa qualidade e preços relativamente estáveis mesmo no pico da colheita.

Ocorrência de chuvas mais continuadas, entre final de maio e início de junho, causou um certo atraso na colheita, mas de modo geral, sem prejuízo da qualidade da bebida dos cafés, visto que as temperaturas mais baixas não favoreceram a fermentação dos grãos. Houve, entretanto, uma seca mais rápida dos grãos, intensificando o percentual de cafés de varrição, que tem chegado até a 40% em algumas lavouras. Seguiu-se um período de clima mais seco, favorecendo as atividades de colheita e secagem de café nos terreiros. Em meados de julho houve relatos de geada em diversos municípios, notadamente em áreas de baixada, onde não se recomenda o plantio de lavouras de café, mas felizmente a ocorrência não foi generalizada e as áreas afetadas apresentaram danos de intensidade variada, de geada de capote a perdas bastante severas, permitindo esperar que o impacto



geral na produção da próxima safra seja moderado. A definição do manejo das áreas atingidas e uma projeção consistente das estimativas de perdas devem aguardar o período de chuvas e brotação de ramos produtivos. Ressalte-se que a safra em andamento não foi afetada pela geada, visto que já estava com sua carga definida e com os grãos completamente desenvolvidos. Chuvas esparsas ao longo de agosto ocorreram em praticamente toda a região produtora, traduzindo-se em abotoamento e início de abertura de floradas no final do referido mês, mas ainda insuficientes para promover a recuperação do estado vegetativo das lavouras.

Região do Cerrado Mineiro – A terceira estimativa de produção de café na região do cerrado mineiro para a safra 2015/16 é de 6.907.624 sacas de 60 quilos, o que representa um aumento de 63,19% comparativamente à safra anterior. A produtividade média apresentou um incremento de 52,08%, passando de 24,81 sc/ha em 2015, para 37,73% sc/ha em 2016. A área de café em produção teve um acréscimo de 7,3% em relação à safra passada. A área total de café na região do cerrado mineiro está estimada em 208.562 hectares, sendo 183.076 hectares em produção e 25.486 ha em formação e renovação. O aumento estimado para a produção de café na safra 2015/16, se deve ao ganho de produtividade, decorrente do ciclo bienal da cultura, potencializado por produções menores do que o esperado, principalmente, nas duas últimas safras, decorrente de condições climáticas desfavoráveis e ao incremento significativo da área de café em produção da ordem de 7,3%, resultante da incorporação de novas áreas que se encontravam em formação e renovação, decorrente de podas realizadas, especialmente “esqueletamentos”. Em relação ao levantamento anterior, realizado em abril, houve um incremento de 1,9% na produtividade.

O presente levantamento vem confirmando as expectativas otimistas inicialmente projetadas para a safra de café 2015/16 na região do cerrado mineiro. As condições climáticas, de maneira geral, foram favoráveis para o desenvolvimento dos grãos, no decorrer do ciclo produtivo das lavouras, resultando em cafés bem granados. A renda obtida no beneficiamento, ou seja, a relação entre o café em coco e café beneficiado, está dentro da normalidade. No período de colheita, que teve início em maio e deverá se estender até meados de setembro, houve predominância de tempo seco e baixa umidade relativa, o que favoreceu a qualidade da bebida. Estima-se que 90% da produção já foi colhida. O restante da produção que ainda falta para colher, refere-se, basicamente, a cafés que ainda estão no chão e que deverão ser recolhidos até meados de setembro. Dessa forma, a produção de café na região do cerrado mineiro na safra atual deverá ser recorde,

destacando-se também pela qualidade do produto. Por outro lado, as lavouras se encontram altamente depauperadas, com elevado índice de desfolhamento, em consequência, principalmente da alta carga produtiva, aliado a outros fatores como a escassez de chuvas a partir de meados de março, infestação por bicho mineiro e ocorrência de geadas de proporções variáveis na região do Alto Paranaíba, especialmente nos municípios de Campos Altos e Serra do Salitre, o que deverá concorrer para um crescimento substancial na área de podas. A abertura da florada para a próxima safra na região do cerrado mineiro, de maneira geral, ainda é incipiente e desigual, considerando que não havia registros de chuvas significativas e generalizadas na região, até a data do levantamento.

Região da Zona da Mata Mineira - A produção de café estimada para a safra 2016 é de 6.079.128 sacas. Os levantamentos de campo apontam para redução da produção em 8,02%, quando comparada com a safra anterior. A área em produção está estimada em 269.398 hectares, decréscimo de 6,24% em relação à safra 2015. A produtividade média está estimada em 22,56 sc/ha, 1,91% menor em comparação com a safra passada. A redução da produção se deve à bienalidade negativa das lavouras, à redução da área em produção, já que parte das lavouras precisou ser reformada após ano de alta produção em 2015 (renovação, podas, substituição), e ao menor crescimento das hastes e respectivos internódios, com redução do potencial produtivo dos cafezais, provocado pelo déficit hídrico acumulado dos últimos anos.

As chuvas de verão tiveram início em meados de setembro e se estenderam de forma irregular até a segunda quinzena de novembro em praticamente todos os municípios da Zona da Mata Mineira e região do Rio Doce. Ainda que irregulares estas chuvas reduziram o déficit hídrico do solo e propiciaram a abertura de duas a três floradas nos cafezais da região, visto que as ocorridas em setembro e novembro foram as mais vigorosas. Condições climáticas favoráveis no período de dezembro de 2015 a fevereiro do corrente ano, caracterizadas por chuvas bem distribuídas e com intensidade dentro das médias regionais de pluviosidade, contribuíram para a boa granação dos frutos e bom desenvolvimento dos cafezais, confirmando as expectativas iniciais de boa carga produtiva para as lavouras na safra 2016. Entretanto, nos municípios pesquisados na região do Rio Doce, chuvas escassas e mal distribuídas durante a granação dos frutos, prejudicaram a renda no beneficiamento. A partir de fevereiro até o final do mês de abril, forte estiagem acompanhada de altas temperaturas e alta insolação provocaram queima de ponteiros e murchamento de frutos, com comprometimento ao desenvolvimento vegetativo das lavouras. Tal queima se evidencia nos



cafezais mais novos, podados e naqueles maltratados e mal manejados, normalmente vulneráveis às intercorrências climáticas por possuírem sistema radicular menos desenvolvidos, com possíveis impactos para a próxima safra. Ressaltamos que a intensidade das floradas e por consequência, a carga das lavouras para a safra 2016 é menor na maior parte dos municípios visitados, quando comparadas com a safra passada, uma vez que a safra que ora se desenha é considerada de bialidade baixa na região, em condição inversa às demais regiões produtoras de café do estado.

As lavouras apresentam condições vegetativas variando de acordo com o estado nutricional e com a intensidade do deficit hídrico a que foram submetidas. Algumas estão ainda muito bem enfolhadas, mesmo após as operações de colheita, enquanto outras se encontram depauperadas e com desfolha acentuada. A escassez de chuvas e elevadas temperaturas em alguns dos municípios visitados propiciou o aparecimento de doenças como a ferrugem, e inviabilizou a realização da terceira adubação, reduzindo o aproveitamento dos nutrientes pelas plantas com possíveis prejuízos ao seu desenvolvimento. Os cafeicultores já iniciaram os trabalhos de podas (esqueletamento e recepa), análises de solo e calagem das lavouras. Anteciparam também a aquisição de fertilizantes e defensivos agrícolas com vistas a preparar os cafezais para uma nova safra na região, que terá início com a chegada das chuvas de verão na região, previstas para meados de setembro.

Regiões Norte de Minas e Jequitinhonha/Mucuri - A produção de café nesta região do estado está estimada em 602.940 sacas, que representa variação negativa de 7,56% em relação à safra 2015. A área em produção permanece praticamente estável em relação a 2015, com variação percentual negativa de apenas 1,08%, decorrente de podas realizadas, contabilizando 32.487 hectares na safra atual. A área total de café está estimada em 35.597 hectares, visto que 3.110 hectares se encontram em formação.

O ano agrícola de 2016, assim como no ano anterior, iniciou-se com atraso da temporada de chuvas nas regiões Norte de Minas, no Jequitinhonha e no Mucuri. As chuvas tardias verificadas até o início do inverno de 2015 provocaram boas expectativas quanto à recuperação das lavouras, que foram castigadas pelas reduzidas precipitações ocorridas durante quase todo o verão daquele ano. Em outubro passado praticamente não houve precipitações, caracterizando-se por elevadas temperaturas e apreensão do setor. Somente a partir de meados de novembro a situação começou a se desfazer com o início e regularização das chuvas. Essas precipitações levaram a indução de boas floradas em algumas localidades e suficien-

tes para garantir o seu vingamento, sem, no entanto, reestabelecer a confiança dos agricultores naquelas regiões onde estão localizadas as lavouras de café de sequeiro. Em algumas localidades era possível verificar lavouras em condições de regular a ruins, com plantas apresentando evidências de ponteiros secos e folhagem com sinais de escaldadura, lembrando que compõem o roteiro municípios onde predominam as lavouras irrigadas, como é o caso de Ninheira, Rio Pardo de Minas, Taiobeiras, Turmalina e Várzea da Palma. No final de novembro houve precipitações bastante satisfatórias e de maneira geral, ocorreram chuvas até janeiro, quando houve precipitações elevadas em curto período, bem diferente dos meses seguintes que se caracterizou por um quadro de forte estiagem em praticamente todos os municípios.

Assim, o atraso do período chuvoso e a falta de chuvas registradas a partir do final de janeiro, mês que concentrou praticamente todas as precipitações previstas para o primeiro semestre, determinou abortamentos, além de prejudicar o enchimento dos frutos, resultando em grãos pequenos e chochos, o que levou a uma queda do rendimento até então esperado. Já nas lavouras irrigadas o que se observa é uma redução drástica na irrigação, chegando a situações extremas, como registrado no município de Taiobeiras, onde do total de 755 hectares de lavouras em produção, 305 hectares deixaram de ser irrigados e deixarão de produzir.

Embora a colheita não esteja finalizada, restando, ainda, pouco mais de 10% da área total, na maioria dos municípios os trabalhos estão concluídos.

Quanto às condições das lavouras, em geral se apresentam em situação de regular a boa, contribuindo para esse quadro os danos próprios advindos dos trabalhos de colheita e o comprometimento provocado pelo clima adverso, que em muitos casos inviabilizou a correta adubação e outros tratamentos culturais.

Dessa forma, podemos concluir que a produtividade na presente safra deverá ser influenciada de forma negativa, principalmente em virtude dos fatores climáticos adversos, resultando uma safra de menor volume que a do ano anterior.

8.1.5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em razão da alta produção alcançada em importantes regiões produtoras do estado, as lavouras se encontram bastante depauperadas ao final da presente safra, requerendo maiores investimentos em adubação e pulverizações para controle de pragas e doenças, para se recuperarem, ações que podem ser



facilitadas pela redução ocorrida nos preços de fertilizantes e pela melhora na renda dos produtores em decorrência dos bons resultados obtidos na safra atual, em termos de volume, qualidade da produção e de estabilidade nos preços de comercialização. Se 2016 vem consolidando-se como um ano de safra recor-

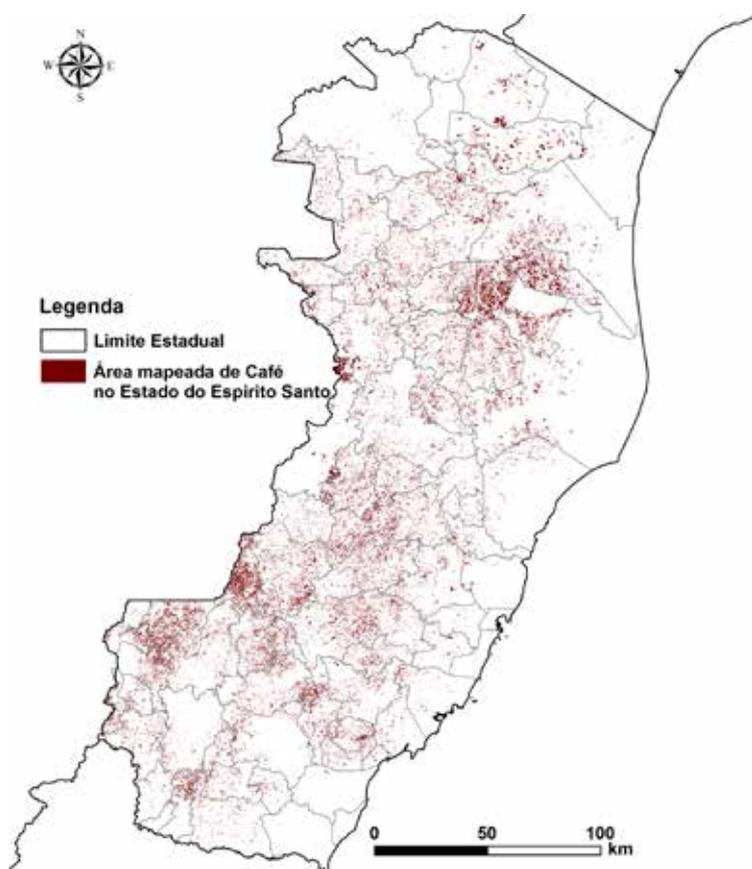
de, as expectativas são de que a safra 2017 apresente uma queda significativa na produção devido à baixa bienalidade, e as perspectivas são de que o volume de podas se intensifique nas lavouras de maior carga e mais sentidas e também no manejo das áreas afetadas pelas geadas.

8.2. ESPÍRITO SANTO

8.2.1. MONITORAMENTO AGROMETEOROLÓGICO

No Estado do Espírito Santo, o mapeamento é apresentado abaixo.

Figura 15 – Mapeamento do café no estado do Espírito Santo



No sul do estado, onde há maior concentração de lavouras de café arábica, a floração da safra 2016 foi favorecida pelos volumes de chuva que ocorreram principalmente no primeiro e segundo decêndios de setembro. No entanto, houve restrições para o pegamento das floradas e o desenvolvimento dos frutos em função das chuvas abaixo da média e das altas temperaturas em outubro e novembro.

De dezembro a março (com exceção de fevereiro),

nessa região do estado, houve condições suficientes para o desenvolvimento da safra, apesar da irregularidade das chuvas verificada entre os decêndios.

Em abril as condições climáticas de temperaturas acima da média e de pouca precipitação foram desfavoráveis às lavouras em granação dos frutos. No entanto, com a maior parte das áreas com os frutos já formados, em processo de maturação, houve baixo impacto à produtividade.



No norte do estado, onde há maior concentração do café conilon, as condições climáticas foram mais restritivas. Ao contrário do sul, em setembro, dezembro e março, o menor volume de precipitação resultou em restrições à granação dos frutos. Em abril as chuvas escassas favoreceram as lavouras em maturação e início de colheita.

O impacto na produtividade pelas condições adversas do clima foi menor em lavouras irrigadas, que estão

concentradas na região norte. No entanto, as perdas poderiam ser ainda menores caso houvesse maior disponibilidade de água para irrigação e as anomalias de temperatura máxima não fossem tão altas.

De maio a agosto, em todo estado, as condições climáticas favoreceram a maturação e o avanço da colheita

Nas Tabelas 2 e 3, se verifica o monitoramento agrometeorológico no Espírito Santo.

Quadro 2 – Monitoramento agrometeorológico: análise do período de setembro de 2015 a agosto de 2016, com possíveis impactos de acordo com as fases* do café conilon no Espírito Santo

Espírito Santo – Café Conilon**														
Ano	2015				2016									
Meses	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out
Fases*	F	F/CH	CH/EF	EF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C	C	C	C

*(F)=floração; (CH)=formação dos chumbinhos; (EF)=expansão dos frutos; (GF)=granação dos frutos; (M)=maturação; (C)=colheita.

** maior concentração na região norte.

 Favorável	 Baixa restrição falta de chuva	 Média restrição falta de chuva
---	--	--

Quadro 3 – Monitoramento agrometeorológico: análise do período de setembro de 2015 a agosto de 2016, com possíveis impactos de acordo com as fases* do café arábica no Espírito Santo

Espírito Santo – Café Arábica**														
Ano	2015				2016									
Meses	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out
Fases*	F	CH	EF	EF	GF	GF	GF	GF/M	M/C	C	C	C	C	C

*(F)=floração; (CH)=formação dos chumbinhos; (EF)=expansão dos frutos; (GF)=granação dos frutos; (M)=maturação; (C)=colheita.

** maior concentração na região sul

 Favorável	 Baixa restrição falta de chuva
---	--

8.2.2. ÁREA E PRODUÇÃO

Como resultado desse trabalho se verifica que a produção na terceira estimativa de safra cafeeira de 2016/17, no Espírito Santo, será de 9,149 milhões de sacas. Desse quantitativo, 3,768 (41,19%) milhões de sacas serão de café arábica e 5,380 (58,81%) milhões de sacas de café conilon. Esse total é oriundo de um parque cafeeiro em produção de 410.057 hectares. A pesquisa indica produtividade média de 25,11 sc/ha para o café arábica e 20,68 sc/ha para o café conilon,

resultado em uma produtividade estadual, ponderando café arábica e conilon de 22,30 sc/ha.

Fazendo um paralelo entre a produção de 2015/16 e 2016/17, verifica-se o decréscimo de 14,5% na produção geral do Espírito Santo, com acréscimo de 28,2% para o café arábica e decréscimo de 30,67% para o café conilon.

8.2.3. CAFÉ ARÁBICA

A produção de café arábica do Espírito Santo está estimada em 3,768 milhões de sacas, 28,2% superior à produção de 2015/16, que foi de 2,939 milhões de sacas. Essa produção é oriunda de um parque cafeeiro em produção de 150.025 hectares. A pesquisa indica

produtividade média de 25,11 sc/ha.

O acréscimo para a produção de café arábica de 2016/17 se deve aos seguintes fatores: produtores inserido no programa de renovação e revigoramento



de lavouras, baixa produção por dois anos consecutivos, adequada florada, à melhora de preços principalmente para os cafés de melhor qualidade levaram a muitos produtores a cuidar melhor das plantações, sobretudo, das lavouras inseridas na região Serrana do estado.

As lavouras têm potencial para maior produção devido à inserção cada vez maior dos cafeicultores ao Programa de Renovação e Revigoramento de lavouras (Programa Renovar Café Arábica), com a utilização das boas práticas agrícolas. Mas, os preços ainda baixos principalmente para os cafés normais, levaram a muitos produtores a fazerem adubações e os tratos culturais aquém das recomendações técnicas.

Associado ao exposto, o déficit hídrico e a má distribuição de chuvas nos últimos dois anos na região sul/Caparaó, essa área, que corresponde a 40% do arábica

8.2.4. CAFÉ CONILON

Para a terceira previsão de estimativa de safra 2016/17 de café conilon, a produção foi estimada em 5,38 milhões de sacas, que representa decréscimo de 30,67% em relação à safra 2015/16. Essa produção é oriunda de um parque cafeeiro em produção de 260.032 hectares. A pesquisa indica produtividade média de 20,68 sc/ha.

As lavouras de café conilon, no Espírito Santo, vêm sendo renovadas e revigoradas na ordem de 7% a 8% ao ano, sobre novas bases tecnológicas, com variedades clonais mais produtivas, manejo de pragas e doenças, nutrição adequada, poda e irrigação. Como resultado aplicado, a produção do estado vem ininterruptamente crescendo na média de 5% ao ano. Essa sequência positiva de crescimento foi interrompida nos dois últimos anos por problemas climáticos (seca, má distribuição de chuvas, associado a altas temperaturas e insolação).

O decréscimo significativo da produção de café conilon em 2015/16 e 2016/17 se deve aos seguintes fatores: 1) a seca e má distribuição de chuvas por dois anos consecutivos nas épocas do florescimento, formação e enchimento de grãos, interferiram no número e época das floradas, na fertilização das flores, no número e no desenvolvimento dos frutos, provocou a queda de folhas e de frutos em crescimento e prejudicou o desenvolvimento e vigor da planta; 2) a falta de água nos mananciais (córregos, rios, represas) associada à normativa de proibição de irrigação durante o dia por falta de água em todo o Espírito Santo, comprometeu a irrigação de 70% das lavouras do estado que são irrigadas; 3) a falta de água provocou a redução de

do Espírito Santo, localizada entre 500 e 700 metros de altitudes, provocou interferências no crescimento da planta, floração, desenvolvimento dos frutos e dificultou a realização das adubações, aplicação dos tratos culturais e fitossanitários. Como consequência provocará uma produção aquém do potencial das lavouras.

O parque cafeeiro de arábica capixaba se encontra em média ainda envelhecido. Há necessidade de acelerar o processo de renovação. A dificuldade na renovação e revigoramento de lavouras a realizarem adequadamente as adubações dos tratos culturais e fitossanitários, deve-se ao fato da descapitalização dos cafeicultores devido aos preços médios ainda baixos pago pelo café, que para muitos cafeicultores, está aquém do custo de produção, além da escassez e custo elevado da mão de obra.

adubações, prejudicou os tratos culturais, promoveu maior incidência de ácaros vermelho, cochonilha da roseta e broca das hastes. Registra-se as consequências dos problemas associados às mudanças climáticas, que foi em todas as regiões produtoras de café conilon do estado, mas as maiores perdas foram em lavouras não irrigadas, com significativa diferenciação entre as regiões.

Registra-se que as lavouras apresentam capacidade de responder ainda mais à produção. Para tal, há necessidade de melhorar as estruturas para a preservação de água e melhorar o manejo de irrigação. As lavouras têm sido renovadas com variedades melhoradas e outras tecnologias associadas, que, com certeza, poderão contribuir para aumentar de forma significativa a produção e melhoria na qualidade final do produto do café conilon no Espírito Santo.

As condições climáticas muito adversas nesses dois últimos anos, jamais vista na cafeicultura do conilon, por intermédio do aumento médio da temperatura média durante o dia de até 3°C e redução média da precipitação pluviométrica entre 30 e 60% nas diferentes regiões e à deficiência de irrigação por falta de água, promoveram muitos danos significativos nas lavouras, com interferência muito expressivas nas produções e na qualidade, nos anos de 2015 e 2016, podendo-se estender para 2017.

A remuneração mais adequada para os cafés conilon de qualidade superior será um grande incentivo para os cafeicultores aumentarem a produtividade e se inserirem mais intensamente no Programa de Melhoria



da Qualidade do café conilon Capixaba.

8.2.5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os problemas climáticos (seca, alta temperatura, má distribuição de chuva, insolação) dos últimos dois anos afetaram mais as lavouras do café conilon do Espírito Santo e, como consequência, verifica-se a ruptura do aumento contínuo e progressivo, em média de 5% ao ano nas últimas duas décadas, da produção que

vinha acontecendo no estado.

As consequências da seca levaram muitos produtores a efetuarem podas drásticas nas lavouras e desacelerar o programa de renovação de suas plantações, cujas lavouras estão 100% colhidas.

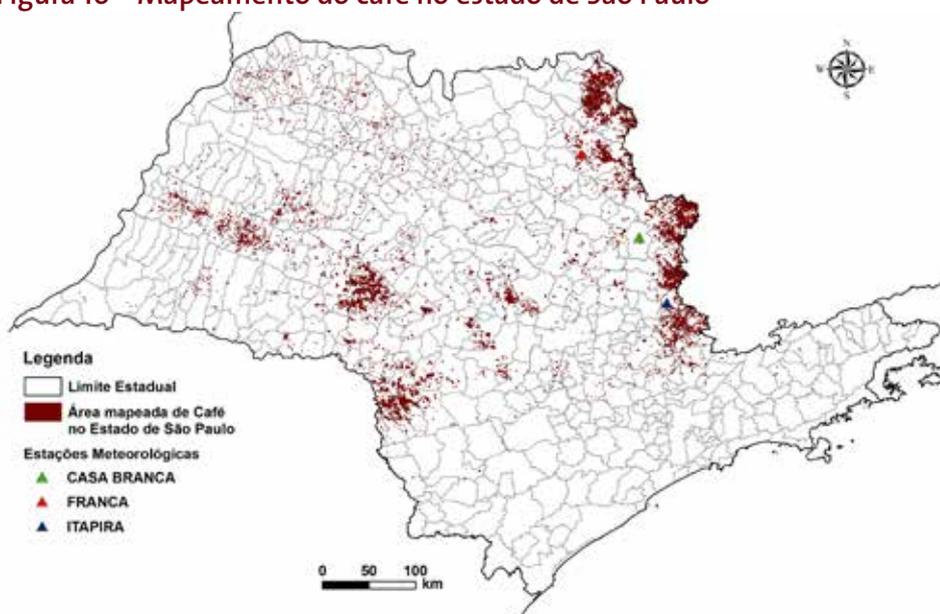
8.3. SÃO PAULO

8.3.1. MONITORAMENTO AGROMETEOROLÓGICO

Em São Paulo foram realizados três mapeamentos. O mais atual é apresentado abaixo, com a localização

das estações meteorológicas do Inmet utilizadas no monitoramento.

Figura 16 – Mapeamento do café no estado de São Paulo



As floradas foram favorecidas por chuvas em setembro, principalmente, ao sul do estado, onde ocorreram com maior intensidade. Em outubro, ao sul, com precipitações dentro ou acima da média, houve umidade suficiente para o pegamento das floradas. No entanto, ao norte, precipitações abaixo da média e altas temperaturas resultaram em restrições ao início da safra.

De novembro a março, em todas as regiões produtoras, as lavouras foram beneficiadas por chuvas intensas e bem distribuídas, que favoreceram o desenvolvimento dos frutos.

Em abril, em todo o estado, as condições climáticas de temperaturas acima da média e de pouca precipitação foram desfavoráveis às lavouras em granação de frutos. No entanto, com a maior parte das áreas com

os frutos já formados, em processo de maturação, houve baixo impacto à produtividade.

A partir do terceiro decêndio de maio até o primeiro decêndio de junho, o padrão das chuvas acima da média resultou em perdas na qualidade dos grãos. As lavouras da região nordeste do estado sofreram maior restrição devido ao maior volume de chuvas registrado no primeiro decêndio de junho. Já no restante de junho, em julho e agosto, as chuvas reduzidas favoreceram a maturação e o avanço da colheita.

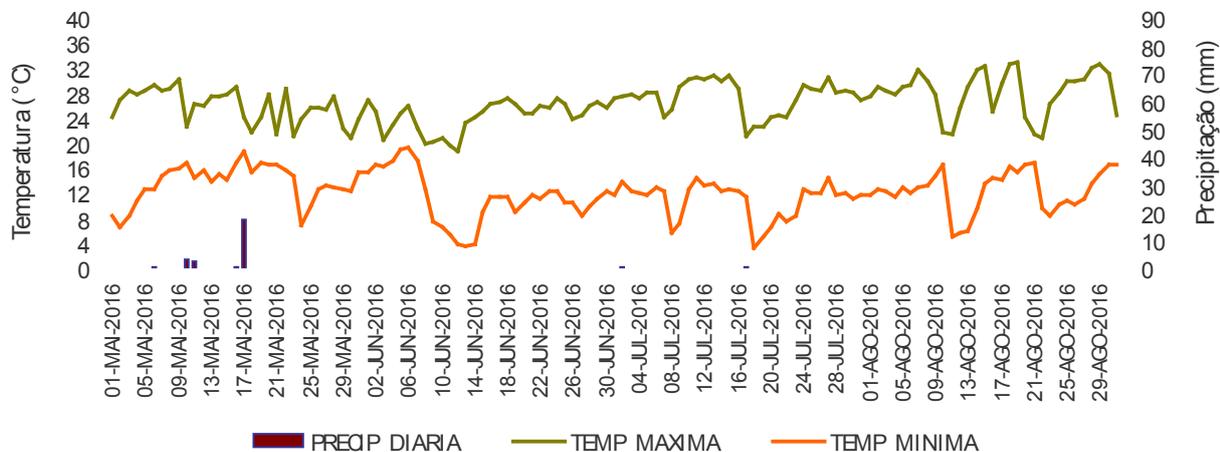
Além disso, em junho e julho, houve ocorrência de geadas. Em junho, o impacto foi pontual em lavouras ao sul do estado. Já em julho, a intensidade das geadas foi maior, com restrições em lavouras ao norte. As estações meteorológicas localizadas ao norte do estado



registraram as menores temperaturas no segundo decêndio de julho. Entretanto, não houve impactos à safra atual, que já se encontrava com os grãos já formados ou colhidos.

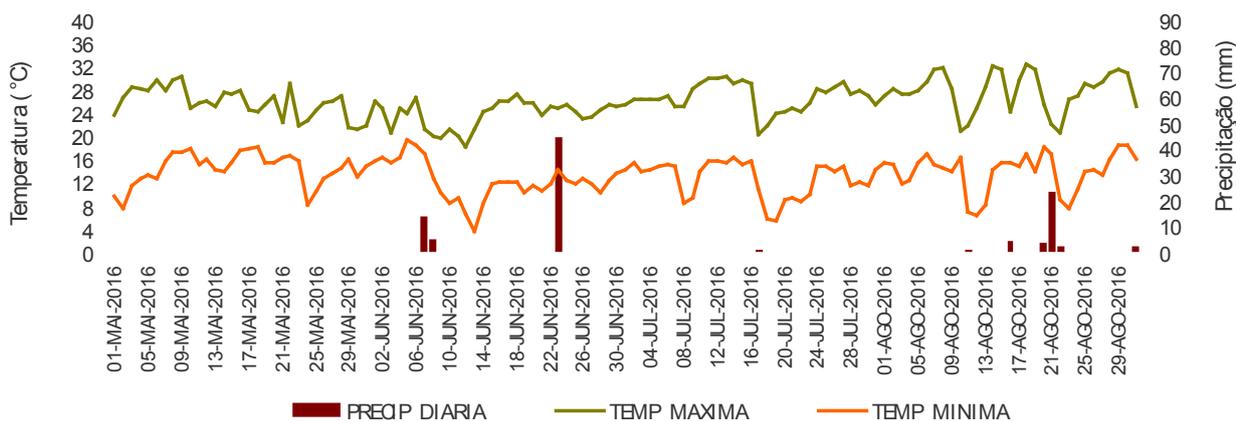
Na Tabela 4, verifica-se o monitoramento agrometeorológico em São Paulo.

Gráfico 10 – Estações meteorológicas do Inmet em São Paulo - Itapira



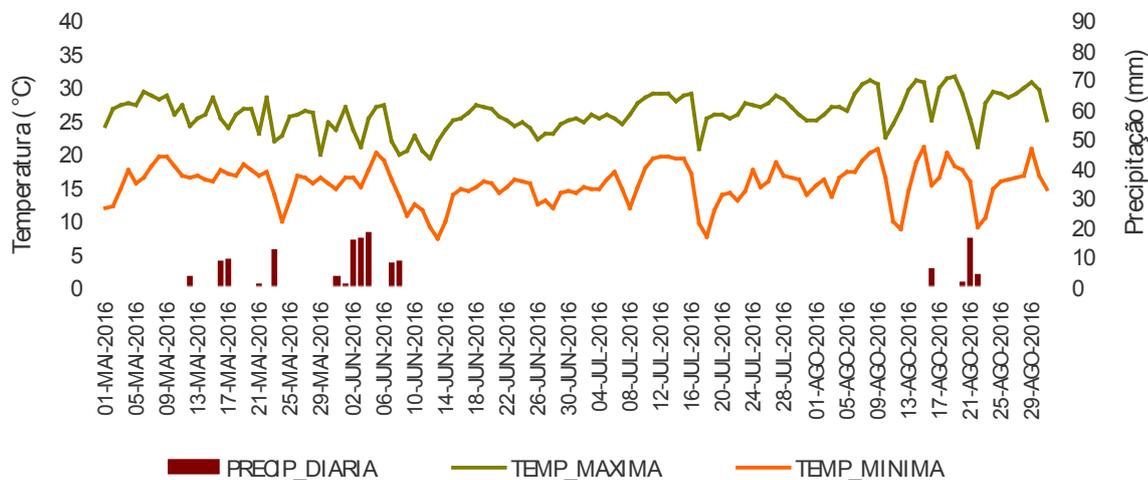
Fonte: Inmet.

Gráfico 11 – Estações meteorológicas do Inmet em São Paulo - Casa Branca



Fonte: Inmet.

Gráfico 12 – Estações meteorológicas do Inmet em São Paulo - Franca



Fonte: Inmet.



Quadro 4 – Monitoramento agrometeorológico: análise do período de setembro/15 a abril/16, com possíveis impactos de acordo com as fases* do café em São Paulo

São Paulo													
Ano	2015				2016								
Meses	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Fases*	F	CH**	EF	EF	GF	GF	GF	GF/M	M/C***	M/C***	C	C	C

*(F)=floração; (CH)=formação dos chumbinhos; (EF)=expansão dos frutos; (GF)=granação dos frutos; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Nas lavouras localizadas ao sul do estado, houve condição favorável.

*** Impactos pontuais por excesso de chuva.

**** Restrições por excesso de chuva no primeiro decêndio.

 Favorável	 Baixa restrição falta de chuva	 Baixa restrição Excesso de chuva
--	--	--

8.3.2. CONDIÇÕES CLIMÁTICAS

As condições climáticas foram bastante favoráveis ao longo do desenvolvimento da safra atual. As chuvas que ocorreram a partir de setembro de 2015 foram regulares e bem distribuídas, o que proporcionou uma excelente florada já naquele mês.

Essas chuvas se prolongaram satisfatoriamente até março de 2016, quando então o estado paulista passou a registrar um período de forte estiagem que se prolongou até metade de maio de 2016. Entre a segunda quinzena de maio e junho de 2016 foram re-

gistrados períodos de chuvas e a ação de geadas, que afetaram as plantas de café, especificamente ramos e folhas, além de ocasionarem forte derrubada dos chumbinhos.

Entretanto, os frutos por já estarem formados não sofreram a ação negativa dessas baixas temperaturas e, a quebra que advirá dessas más condições climáticas, somente deverá se concretizar para a próxima safra.

8.3.3. ÁREA E PRODUÇÃO

A área do café arábica praticamente se mantém estável em relação à safra anterior (aumento de 1%), entretanto a produtividade tem um crescimento expressivo de 43,7%, saindo de 20,42 sc/ha para 29,35 sc/ha, com uma produção total de 5.899,9 mil sacas beneficiadas, o que representa um acréscimo de 1.836 mil sacas se comparada com a safra 2015.

Os fatores determinantes para o crescimento da safra 2016 são:

- Bionalidade positiva;
- Clima satisfatório durante todo o ciclo de desenvolvimento da cultura;

- Preparo adequado das plantas (poda/ recepa/ esqueletamento) ao final da safra 2015 (ciclo de baixa produção).

As exportações de cafés especiais do Brasil devem ser menores neste ano. O motivo foram as chuvas com afetaram os cafezais de importantes regiões de produção, entre o fim de maio e início de junho. Os cafés especiais podem ter a qualidade afetada após os frutos terem caído dos cafeeiros em decorrência das chuvas e, algumas regiões, como Franca, principal região produtora de cafés finos de São Paulo, essas chuvas vieram acompanhadas de fortes ventos. Estima-se que essa queda dos frutos nas áreas produtoras de café do estado paulista deva se situar entre 20% a 30% dos grãos



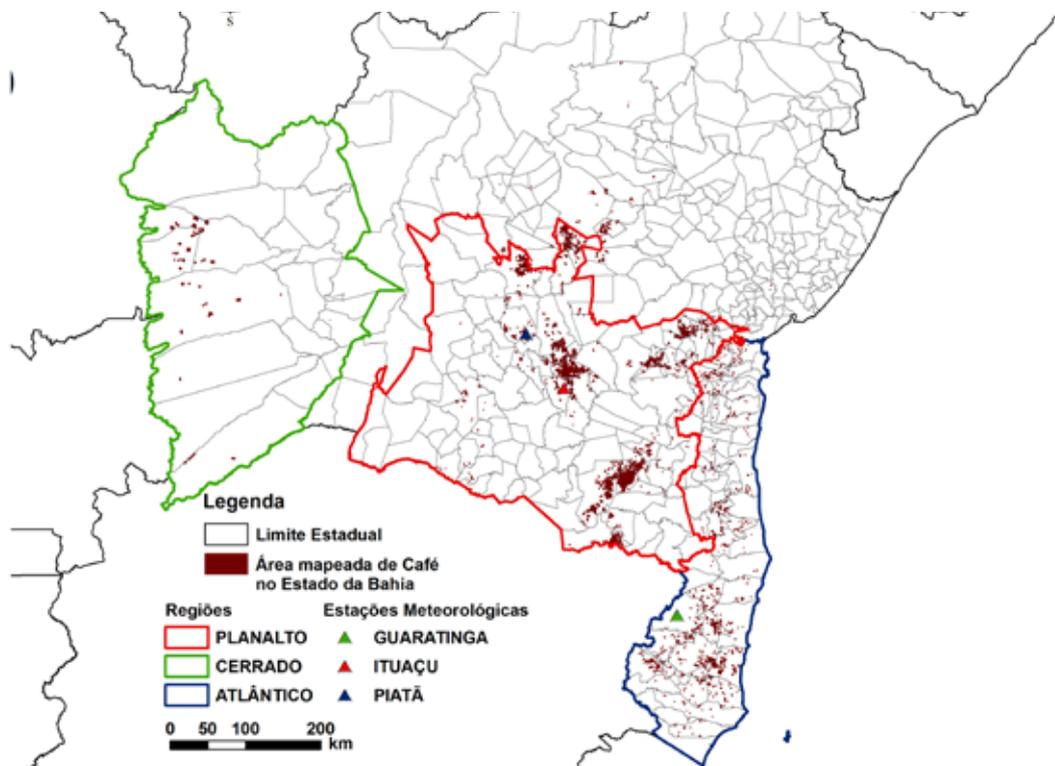
8.4. BAHIA

8.4.1. MONITORAMENTO AGROMETEOROLÓGICO

O mapeamento do café na Bahia é apresentado abaixo, com a respectiva divisão das regiões produtoras de

café e a localização das estações meteorológicas do Inmet utilizadas no monitoramento.

Figura 17 – Mapeamento do café no estado da Bahia



Nas regiões do Planalto e Atlântico, de outubro a dezembro, as condições de chuvas abaixo da média e as altas temperaturas dificultaram o pegamento das floradas e o desenvolvimento dos frutos. Em dezembro a restrição foi mais acentuada devido a maior intensidade da estiagem e das altas temperaturas.

Em janeiro, nessas regiões, a ocorrência de chuvas com boa distribuição e em grandes volumes favoreceu a recuperação de parte do potencial produtivo.

No entanto, de fevereiro a abril, o cenário foi similar ao do último trimestre de 2015, com a ocorrência de estiagem e temperaturas elevadas, que impactaram lavouras em estádios críticos. Em abril, o impacto à produtividade foi menor devido ao maior percentual

de lavouras já em maturação e início de colheita, principalmente na região do Atlântico, onde predominam lavouras de café conilon.

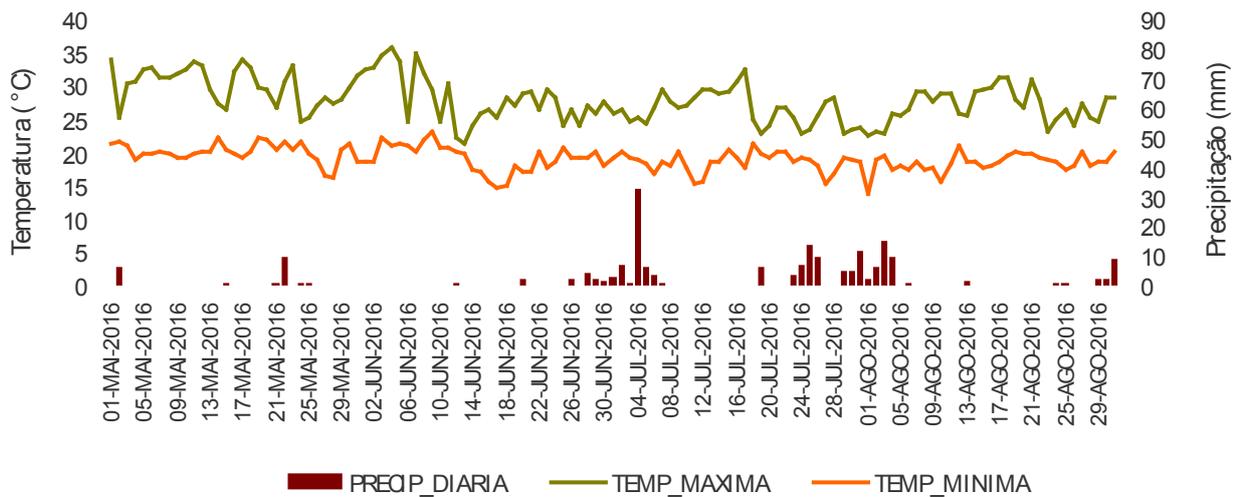
Na região do Cerrado, onde as lavouras possuem o manejo irrigado, verificaram-se impactos na floração e no início do desenvolvimento dos frutos devido a altas temperaturas no último trimestre de 2015.

De maio a agosto, em todas as regiões produtoras, as condições climáticas favoreceram a maturação e o avanço da colheita.

Na Tabela 5 se verifica o monitoramento agrometeorológico na Bahia.

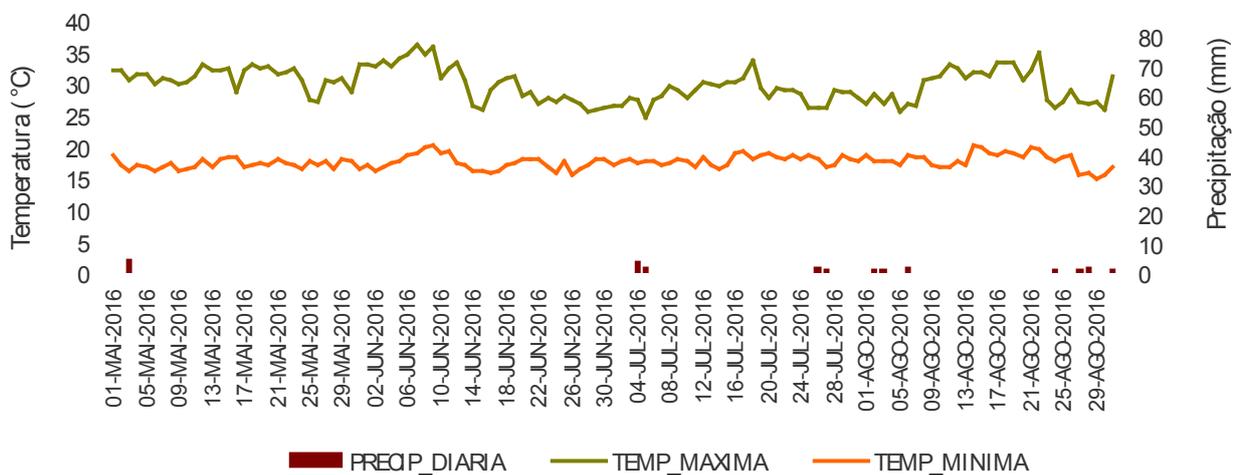


Gráfico 13 – Estações meteorológicas do Inmet na Bahia - Guaratinga



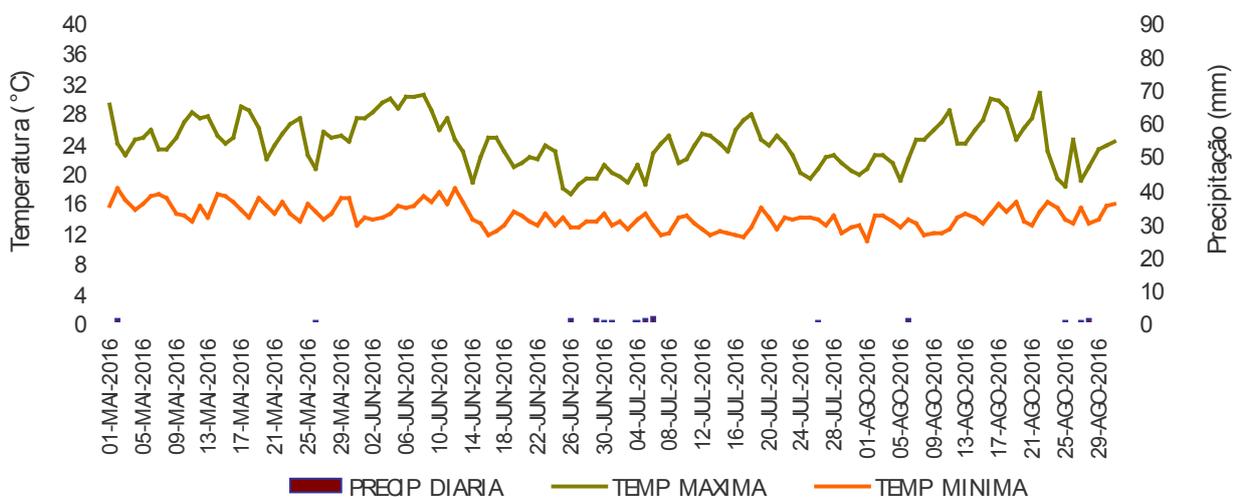
Fonte: Inmet.

Gráfico 14 – Estações meteorológicas do Inmet na Bahia - Ituaçu



Fonte: Inmet.

Gráfico 15 – Temperaturas (Máxima e Mínima) da Estação Meteorológica Automática - Piatã - Bahia (BA) - Precipitação do modelo COSMO nas coordenadas de Piatã-BA



Fonte: Inmet.



Quadro 5 – Monitoramento agrometeorológico: análise do período de setembro de 2015 a agosto de 2016, com possíveis impactos de acordo com as fases* do café na Bahia

Bahia													
Ano	2015				2016								
Meses	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Fases*	Cerrado**	F	F***	CH***	EF***	EF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C
	Planalto		F	CH	EF	GF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C
	Atlântico		F	CH	EF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C	C

*(F)=floração; (CH)=formação dos chumbinhos; (EF)=expansão dos frutos; (GF)=granação dos frutos; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Região irrigada.

*** Impacto por altas temperaturas.

Favorável
 Baixa restrição falta de chuva
 Média restrição falta de chuva

8.4.2. CARACTERIZAÇÃO DAS REGIÕES PRODUTORAS

A cafeicultura desenvolvida na Bahia apresenta atualmente um quadro tecnológico bastante diversificado, o que reflete diferentes condições ambientais, variadas formas de ocupação do seu espaço agrário e modalidades de organizações da atividade produtiva. O estado possui três regiões produtoras principais: Cerrado e Planalto (regiões que concentram café arábica) e Atlântica (especializada em conilon), (Embrapa, 2014). Estas diferentes regiões apresentam características diferentes, demonstram níveis tecnológicos diferenciados e produzem diversos tipos de bebidas.

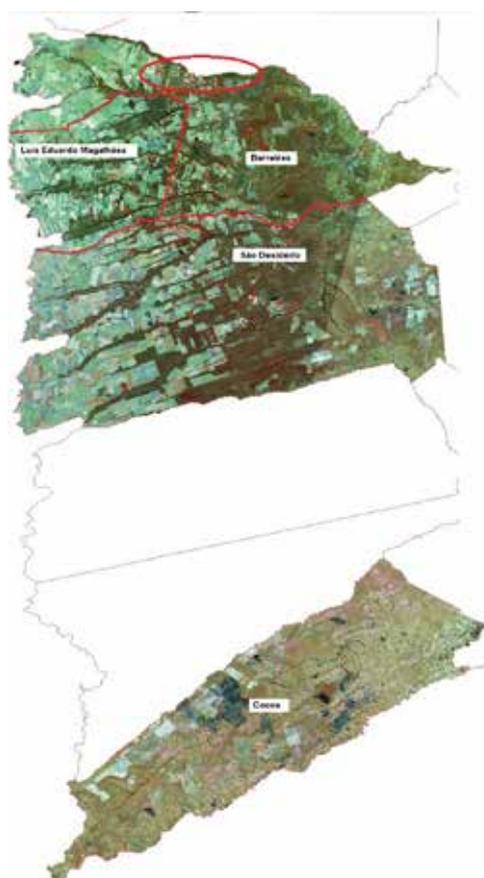
A mesorregião denominada de Atlântico, no extremo Sul da Bahia, fronteira com o Espírito Santo, cuja produção se baseia no cultivo de café conilon em condição de sequeiro, localiza-se em altitudes abaixo de 400 m (Dutra Neto, 2009). A atividade no sul baiano é creditada à boa luminosidade, à topografia da região e ao clima favorável, com chuvas regulares.

No Cerrado, localizado na mesorregião Extremo Oeste da Bahia, a atividade do cultivo do café arábica teve início em 1994, sob o sistema de irrigação, do tipo pivô central. Atualmente conta com mais de 14 mil hectares, sendo 90% destes irrigados sob pivô central e os outros 10% irrigados com gotejamento, divididos entre quatro municípios produtores: Barreiras, Luís Eduardo Magalhães, São Desidério e Cocos. Essa mesorregião se localiza à margem esquerda do Rio São Francisco, com uma superfície equivalente a 116 mil km² formada por chapadas, encostas e planuras ou vales formam a região, seus solos são profundos, diversificados, com boa constituição física e facilmente mecanizáveis. Sobre estes solos estão o cerrado, a floresta e a caatinga (IBGE, 2012). Os índices pluviométricos diferem de acordo com a posição geográfica da região, ou seja, partindo da margem do Rio São Francisco sentido serra geral de Goiás, as precipitações médias variam de 700 a 1.800 mm, tendo sua concentração de chuvas de outubro a abril. A luminosidade

média da região se situa na faixa de 3.000 horas/ano (Alvarenga, 2010).

Na Figura 23 temos o recorte dos quatro municípios que produzem café na mencionada região: Barreiras, Luís Eduardo Magalhães, São Desidério e Cocos.

Figura 18 – Municípios que produzem café



Fonte: Landsat-8 - Set/2015
 Notas: imagem dos municípios de Barreiras, Luís Eduardo Magalhães, São Desidério e Cocos. Composição colorida 5R6G4B, com contraste.



Através da Figura 24, que é uma ampliação da área destacada na Figura 1, é possível identificar as áreas sob pivô nas quais são cultivadas as lavouras de café, através do padrão dessa cultura. Nota-se que os pivôs com café apresentam uma coloração vermelha mais escura no sentido nordeste-sudoeste, para a composição colorida 5R6G4B. Através do trabalho de campo foi possível comprovar esse comportamento.

No Planalto, cujos plantios estão localizados na Chapada Diamantina e no Planalto da Conquista, situando-se em uma região de transição e no meio do semi-árido baiano.

O município de Vitória da Conquista, em particular, situa-se à altitude média de 900 m e apresenta temperatura média anual de 21° C, condições favoráveis para o cultivo de cafeeiros (Matsumoto & Viana, 2004). A cafeicultura do Planalto é conduzida sem o uso da

8.4.3. ÁREA E PRODUÇÃO

A produção de café para esta safra está estimada em 2.095 mil sacas beneficiadas, sendo 1.268,9 mil sacas da espécie arábica e 826,1 mil sacas da variedade Conilon. A área total cultivada (produção e formação) está estimada em 162.321,1 hectares.

Comparando a safra atual com a passada, estima-se que a área cultivada aumentou em 5,5% e a produção (saca beneficiada) reduziu em 10,7% (Tabela 1 e 2). A estimativa da região Atlântica foi a que contribuiu para a redução na produtividade para essa safra (-30,2%).

8.4.4. CONDIÇÕES CLIMÁTICAS

Diversos Diversos fatores influenciam a produtividade de uma cultura, e os elementos climáticos de maior relevância à produção do café no cerrado baiano é a temperatura ambiente e a umidade relativa do ar.

Estudos demonstram que as temperaturas médias entre 19 e 22 °C são as ideais para a produção do café arábica, obtendo-se as melhores produtividades e qualidade de bebida. Temperaturas acima 26 °C aceleram o ciclo reprodutivo, antecipando a maturação dos frutos e acima de 30 °C prejudicam o desenvolvimento dos botões florais, provocando má formação dos frutos e aborto de flores e frutos novos (chumbinhos) (Embrapa, 2009).

O desenvolvimento da cultura do café e seus fatores relativos à produção, são afetados, dentre outras coisas, pelos elementos climáticos ocorridos durante as diferentes fases fenológicas da cultura. Dessa maneira,

Figura 19 – Norte de Barreiras



Fonte: Landsat-8 - Set/2015.
Notas: norte do município de Barreiras (Região da Estrada do Café). Composição colorida 5R6G4B, com contraste.

irrigação na maioria das propriedades (Dutra Neto, 2009). As principais cidades produtoras atualmente são Barra do Choça, Planalto, Poções, Encruzilhada, Ribeirão do Largo e Vitória da Conquista (Costa et al., 2009).

A estimativa de aumento de área pode ser atribuída às áreas que na safra 2015 estavam em formação e que na safra atual entraram em produção, como também ajuste de área da região Atlântica e Cerrado (Tabela 2 e 3).

Em relação à colheita se estima que na região Atlântica e Cerrado tenha sido colhido 100%. No planalto, a estimativa de colheita é de 85% na microrregião de Vitória da Conquista e 90% na Chapada Diamantina.

ra, a ocorrência e distribuição das chuvas, bem como a ocorrência de extremos de temperaturas máxima e mínima, além da umidade do ar, vento e radiação solar, afetam o desenvolvimento da cultura.

Assim como o desenvolvimento vegetativo e reprodutivo, a incidência das principais pragas e doenças na cafeicultura também é influenciada por fatores climáticos, principalmente a temperatura e precipitação. Outros fatores como manejo da lavoura, nutrição e carga pendente também são importantes para a ocorrência de pragas e doenças no cafeeiro. Dessa maneira, o monitoramento das condições climáticas, associado a levantamentos de incidência de pragas e doenças, pode ser uma importante ferramenta de auxílio, visando tomada de decisão em lavouras cafeeiras e minimizar prejuízos decorrentes das condições meteorológicas adversas (Fonte: Ciiagro/IAC).



Atlântico

Desde a última colheita em 2015, constatou que somente em janeiro de 2016, período de “granação” do fruto, houve chuva significativa. Porém, devido à estiagem e à alta temperatura, a colheita que todo ano começa em maio foi antecipada para abril (Figura 3).

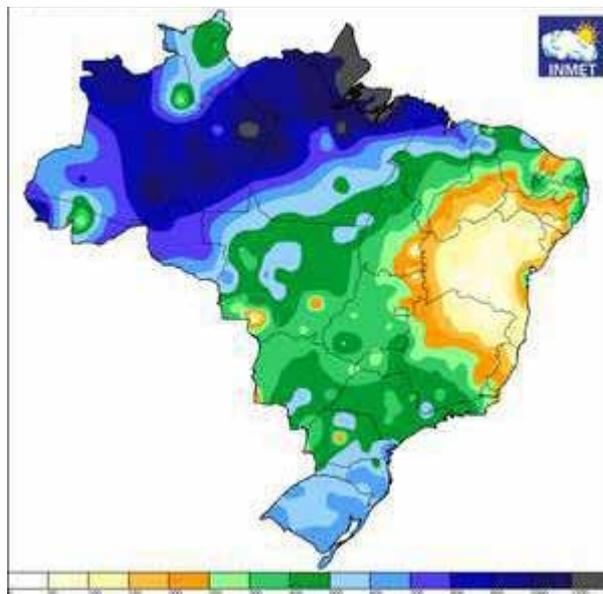
De acordo com produtores da Cafenorte Agrícola, a falta de chuva no período que antecedeu a floração e se prolongou até a granação, a baixa umidade relativa do ar e temperaturas acima de 35 °C foram os fatores que interferiram negativamente na fisiologia da planta e causaram queda na produção do café conilon em toda a região.

De acordo com os cooperados da Cooperativa dos Cafeicultores do Extremo Sul da Bahia (Coopexsulba), o clima também influenciou na data da colheita, com o forte calor os grãos amadureceram mais rápido e sem a granação desejada, tornando o café pilado muito pequeno e leve, sendo uma das razões para a queda de produção.

Somados os efeitos anteriores com a estiagem, pode-se atribuir que o tamanho do grão foi menor e as has-tes com menor quantidade de frutos. Assim, com o desenvolvimento limitado dos ramos plagiotrópicos, responsáveis pela produção, florada, houve redução

na produção. Os técnicos e produtores estimaram que estes fatores tenham levado à perda média de 30,2% na produção.

Figura 20 – Precipitação Acumulada nos últimos 90 dias



Fonte: Inmet, mapa do dia 04/05/2016.

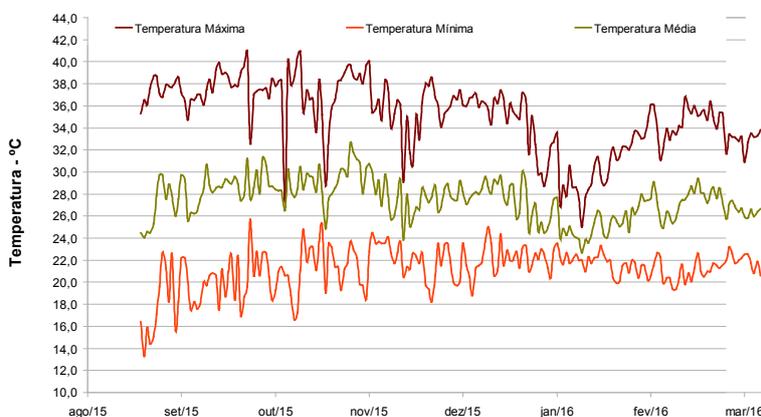
Cerrado

Diversos fatores influenciam a produtividade de uma cultura, e os elementos climáticos de maior relevância à produção do café no cerrado baiano é a temperatura ambiente e a umidade relativa do ar.

Em outubro e novembro, na região de Barreiras, foram registrados picos de temperatura acima de 40 °C, com

a média diária em torno de 30 °C (Figura 4) e valores de umidade relativa do ar em torno de 18%. Tal fenômeno causou abortamento de flores e má formação de frutos, com um grão por fruto. Estes eventos fisiológicos não foram observados nas plantas que floresceram no início de setembro.

Gráfico 16 – Evolução da temperatura máxima, média e mínima diárias na Microrregião de Barreiras, no período de setembro de 2015 a março de 2016



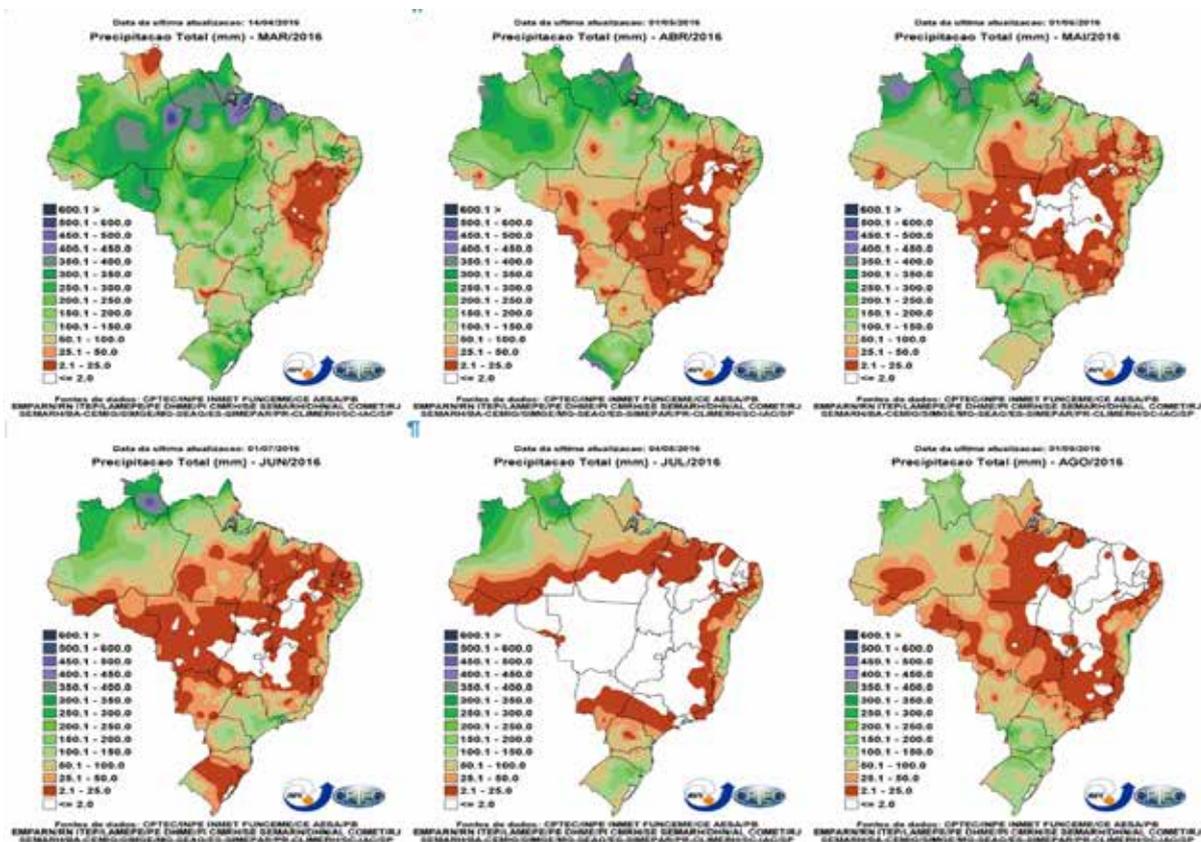
Fonte: Inmet, abril de 2016



Conforme a Figura 5 é possível observar que nos últimos seis meses as chuvas registradas foram inferiores a 100 mm, concentradas em março e abril, quando a colheita já estava em andamento. Em maio, junho,

julho e agosto foram de estiagem, o que favoreceu a secagem do café nos terreiros. O clima seco e quente inibiu os sintomas de doenças e favoreceu o aumento da infestação das pragas.

Figura 21 – Evolução da pluviometria dos meses de março a agosto de 2016



Fonte: Inmet, setembro de 2016

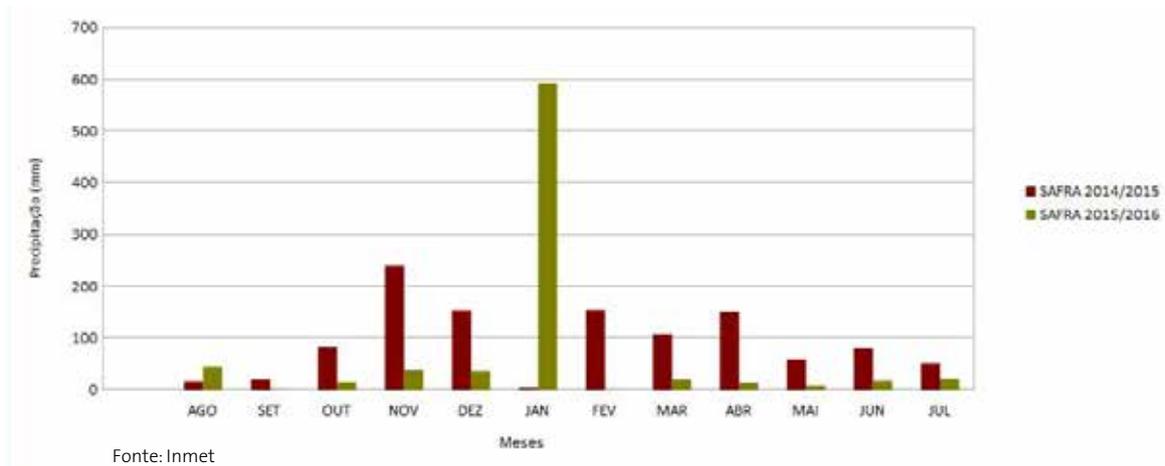
Planalto

Microrregião da Chapada Diamantina - De acordo com os Gráficos 1 e 2 se observa a variação da precipitação nas estações do Inmet de Lençóis e Morro do Chapéu. Percebe-se que em novembro e dezembro, época em que o café se encontrava na fase de florescimento, houve precipitação abaixo da média para esta região. Apesar dessa precipitação ser menor que à da média histórica, houve uma boa florada e um bom pe-

gamento de frutos. Em janeiro, época em que o café se encontrava na fase de formação do grão, ocorreram chuvas acima da média histórica em toda a região, variando de 350 a 600 mm. Esta alta precipitação fez que se criasse uma grande expectativa para a safra 2016, no entanto, nos meses subsequentes ocorreu uma forte estiagem nesta região, prejudicando a fase de desenvolvimento e enchimento do grão de café.

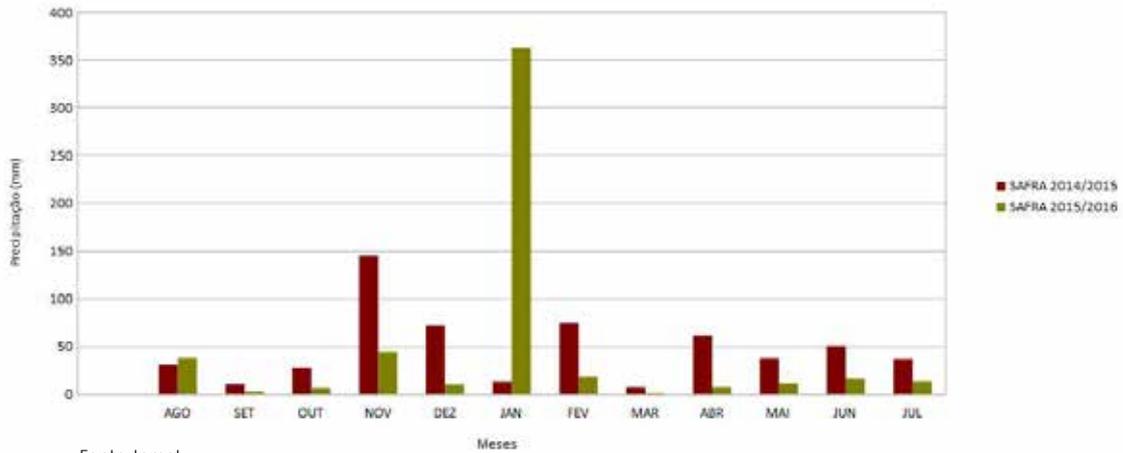


Gráfico 17 – Precipitação acumulada em Lençóis - BA



Fonte: Inmet

Gráfico 18 – Precipitação acumulada em Morro do Chapéu - BA



Fonte: Inmet

A temperatura e a forte insolação são outros fatores que prejudicaram a safra na microrregião da Chapada Diamantina, principalmente em dezembro e abril,

quando a temperatura máxima variou de 2 a 5°C acima da média histórica (Figura 6 e 7) (Gráfico 3).

Figura 22 – Anomalia de temperatura nos meses de dezembro e abril na região da Chapada Diamantina/BA

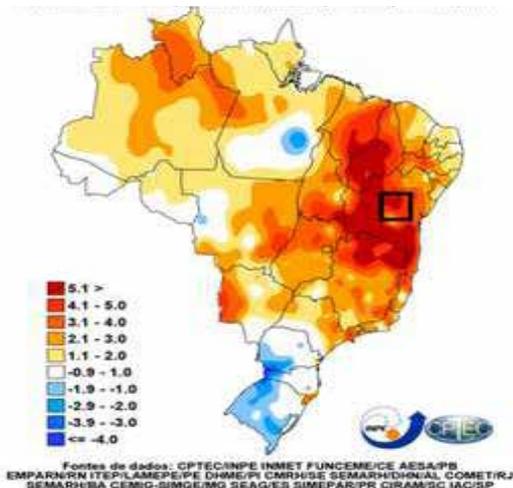
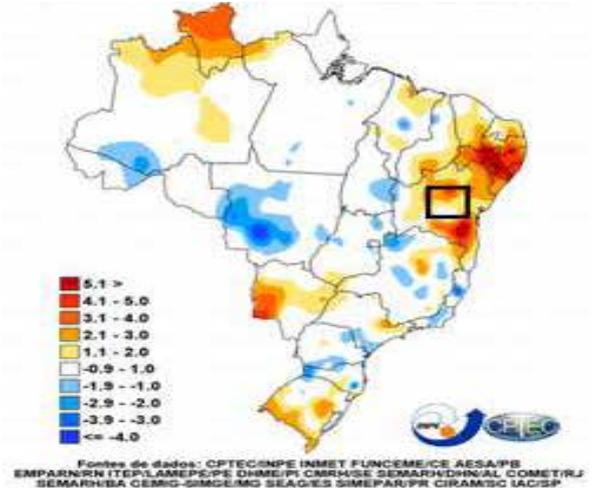


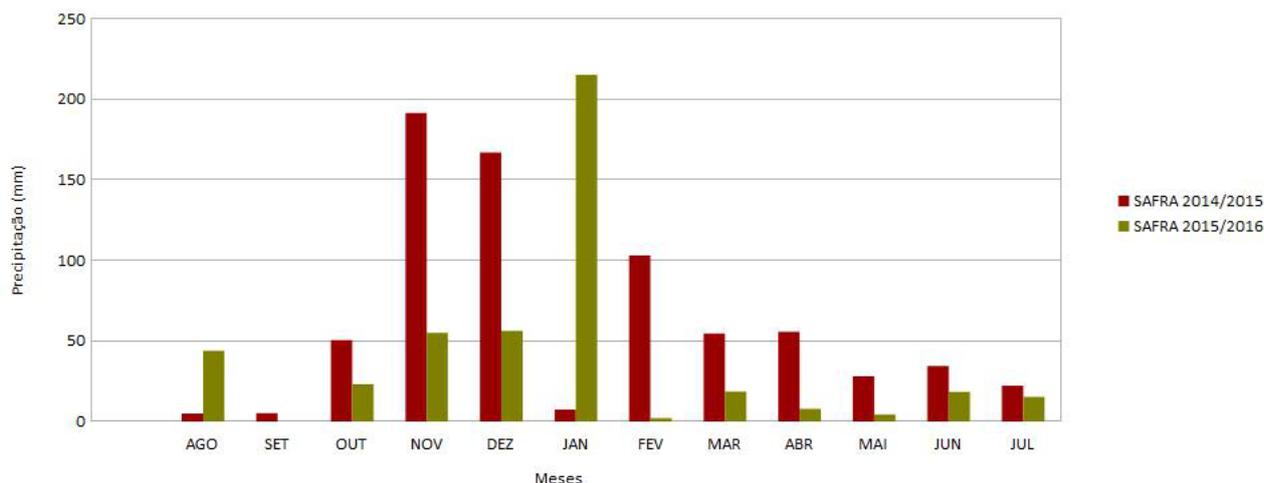
Figura 23 – Anomalia de temperatura nos meses de dezembro e abril na região da Chapada Diamantina/BA



Microrregião de Vitória da Conquista - As expectativas positivas para a região centro-sul do estado, sustentadas até fevereiro do ano presente, foram frustradas pelo estresse hídrico que sucedeu às boas chuvas de janeiro de 2016. As precipitações para o desenvolvimento das lavouras cafeeiras iniciaram de fato em janeiro. As chuvas de janeiro foram bem distribuídas,

constantes e prolongadas. No entanto, os meses seguintes não apresentaram um regime pluviométrico satisfatório para as necessidades das lavouras, prejudicando a expansão e granação dos frutos. O gráfico abaixo demonstra a precipitação mensal acumulada no município de Vitória da Conquista/BA.

Gráfico 19 – Precipitação acumulada em Vitória da Conquista - BA



Fonte: Inmet

Algumas áreas ainda responderam positivamente à chuva que iniciou no final de junho (18,3 mm), mas sem reflexo representativo para a safra atual, que já possui cerca de 90% da colheita realizada.

Registrou-se em janeiro último 215,2 mm de precipitação, mas os meses seguintes, fevereiro (1,9 mm) e março (18,4 mm), não sustentaram a demanda hídrica das lavouras. Somada ao estresse hídrico, observou-se, na fase de desenvolvimento das lavouras, altas temperaturas e baixa umidade do ar, levando a uma redução na qualidade e no tamanho dos grãos.

A região do Planalto da Conquista está inserida em um ambiente favorável ao cultivo do café, com temperaturas amenas, boa pluviosidade, em uma paisagem de relevo de montanhas e vales, em altitude entre 700 a 1000 metros. No entanto, as condições

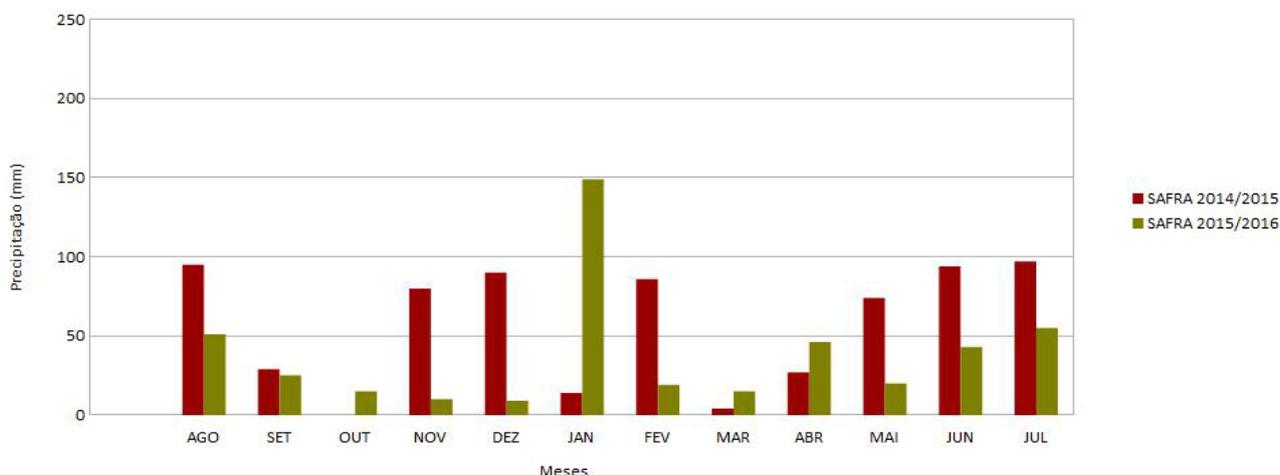
climáticas adversas prejudicaram gravemente não só a cadeia produtiva do café (produtores, catadores, corretores...), mas também os demais setores envolvidos indiretamente, haja vista que a maior parte da economia está centrada na lavoura cafeeira, como importante ocupação de mão de obra e fonte de geração de renda.

Na microrregião de Brejões, combina-se a baixa pluviosidade com a dificuldade de recursos hídricos para irrigação, tanto pela salinidade das águas como pela seca que assola a região. O gráfico de precipitação acumulada, obtido através de pluviômetro na Fazenda Lagoa do Morro – Brejões/BA, demonstra a dificuldade hídrica enfrentada pelas lavouras cafeeiras e permite compreender as causas para a redução da área plantada na região. Observa-se o crescimento da pecuária e do plantio de maracujá e da mandioca.



8.4.5. SITUAÇÃO DAS LAVOURAS

Gráfico 20 – Precipitação acumulada em Brejões - BA



Fonte: Inmet

Atlântico

Com a colheita finalizada, verificou-se que devido à estiagem ocorrida durante o ciclo da lavoura o desenvolvimento do grão foi afetado e não favoreceu o rendimento no beneficiamento, afetando assim a classificação do grão, com perdas em torno de 30,2%, visto que em algumas áreas essa perda atinge até 55%. Houve a necessidade de um maior volume de frutos/grãos para produzir uma saca de café beneficiado.

Nas lavouras irrigadas, muitos produtores não tiveram água para irrigar, pois as represas e córregos pequenos secaram. Também as irrigações localizadas, como aquelas por gotejamento, não supriram a demanda devido à forte insolação e às altas temperaturas que resultaram em evapotranspiração elevada.

Alguns produtores anteciparam a colheita do fruto ainda verde para conseguir cumprir seus compromissos financeiros.

Cerrado

A colheita foi finalizada. A parte de aérea dos cafeeiros foi podada com o manejo do esqueletamento. As plantas podadas não produzirão café na próxima safra, somente em 2018. Estima-se que para a próxima safra as áreas em formação (crescimento vegetativo após a poda) totalizem cerca de 2.000 ha.

De acordo com produtores, estima-se que 545 hectares onde se cultiva café, serão substituídas pelo cul-

Nessa região, em função da estiagem e ataques de pragas, ocorreu a má formação do fruto, frutos leves e pequenos. Com isso, a produção e a qualidade foram comprometidas.

Existe a preocupação por parte dos produtores que os efeitos do clima poderão resultar em perdas na produtividade nos cafezais já para a próxima safra, 2017. Durante o ano 2016, devido à seca, não foi possível realizar todas as adubações programadas. A falta de nutrientes afetou o desenvolvimento das plantas, reduzindo o crescimento da copa (área foliar), que é a responsável pela sustentação das floradas.

Os produtores já estimam uma queda na produção para a safra 2017 devido à quantidade de chuva não ser satisfatória para a lavoura, prejudicando o desenvolvimento vegetativo adequado dos ramos ortotrópicos e plagiotrópicos.

tivo de grãos, ou seja, o cafezal será erradicado, pois a lavoura estava depauperada e com baixa produtividade.

Em algumas poucas áreas as plantas já floresceram, mas na maioria as plantas ainda estão em estágio vegetativo.



As anomalias climáticas com o atraso das chuvas, altas temperaturas e baixa umidade relativa do ar em novembro de 2015 e os excessos de chuvas em janeiro de 2016, resultaram em abortamento de flores, escaudadura das folhas do cafeeiro e má formação dos grãos e pouco desenvolvimento dos grãos.

Relatos preliminares estimam queda de safra de até 30% em relação a expectativa do potencial produtivo inicial. Estima-se que a produtividade média seja de 30,5 sc/ha.

O beneficiamento dos frutos de café atinge 50% do volume colhido, sendo possível encontrar frutos nos terreiros. Quanto à granulometria, obteve-se cerca de 30% dos grãos graúdos (retidos na peneira 17), 60% de grãos médios (retidos na peneira 13) e 10% de grãos miúdos (passaram pela peneira 13).

Planalto

Microrregião da Chapada Diamantina - Estima-se que já foram colhidas 90% da safra na região. Aproximadamente 60% da colheita se concentra em agosto. Em setembro inicia a colheita dos frutos caídos no chão, como técnica para evitar o ataque da broca do cafeeiro.

Os grãos beneficiados são comercializados em sua maioria para as empresas de torrefação na própria região e outra parte é destinada para a região de Vitória da Conquista, onde é comercializada.

As lavouras se encontram na maioria em fase vegeta-

A maior parte do café colhido é separado fisicamente em fruto leves (seco) e frutos pesados (maduros e verdes) e colocados para secar nos terreiros, produzindo em sua maioria, cafés de bebida dura e uma pequena fração de bebida riada. Algumas propriedades de modo a agregar maior valor ao produto realizam a despolpa do café, de modo a obter grãos esverdeadas com melhor qualidade, produzindo café de bebida mole.

Apesar do cultivo do café ter sido iniciado em 1994, os registros oficiais de produção são acompanhados desde de 2009. Considerando as últimas nove safras, a de 2016 possui a menor estimativa de produtividade, reflexo das intempéries climáticas desde o ano agrícola. Quanto à produção, a estimativa é que na safra 2016 haja aumento em relação à safra 2015, devido ao aumento da área em produção.

tiva, já sendo possível observar algumas plantas com emissão dos primeiros florais.

Microrregião de Vitória da Conquista - Percebe-se claramente o crescimento da pecuária, além do cultivo da mandioca e do maracujá (por vezes consorciado com o cafeeiro). Nestes casos, os recursos utilizados com os tratamentos culturais do maracujá, que poderiam influenciar positivamente nas condições das pequenas lavouras de café consorciado, não foram o bastante para suportar o estresse hídrico sofrido.

8.4.6. ASPECTOS FITOSSANITÁRIOS

Atlântico

Para essa safra, verificou-se a presença da lagarta par-da, ácaro vermelho, cochonilha da roseta, lagartinha da roseta. Em algumas áreas isoladas se observou a presença do bicho mineiro. A estiagem potencializou a incidência de pragas, o que pode ser um dos fatores que contribuiu no baixo desenvolvimento das plantas.

De acordo com as informações da Cooperativa Agrária dos cafeicultores de São Gabriel (Cooabriel), a lagarta da roseta, que surgiu após a formação dos primeiros chumbinhos, causou dano significativo. A cochonilha

esteve em evidência, comprometendo severamente os ramos produtivos. O ácaro vermelho se destacou pela dificuldade de controle e assim permaneceu danificando a parte aérea até o mês que antecedeu a colheita.

No comércio local houve aumento de vendas de defensivos em relação à safra passada, porém devido às altas temperaturas e à maior incidência das pragas, o uso dos defensivos não teve o resultado esperado pelos produtores



Cerrado

Durante janeiro, com as intensas chuvas, não foram observados sintomas do bicho mineiro e de nenhuma outra praga ou doenças. Em fevereiro, com o veranico, o ambiente mais seco e temperaturas mais altas, a in-

Planalto

O principal problema fitossanitário na microrregião da Chapada Diamantina é o bicho mineiro e mancha de phoma. Os produtores também relataram a ocorrência ocasional de cercosporiose, ferrugem e ácaro. Juntas, estas pragas e doenças provocam uma perda de aproximadamente 5% na produção. Os produtores convivem com estes problemas fitossanitários com a utilização de controle químico, principalmente controle preventivo.

Apesar das altas temperaturas registradas, condições que favorecem a incidência de bicho-mineiro, nesta

feição de bicho mineiro foi muito intensa, causando danos significativos à cultura. Para o eficiente controle químico, os produtores repetiam as aplicações de inseticidas em períodos de 21 a 30 dias.

safr não teve relatos de infestações acima do normal para a cultura na região.

Nas lavouras do Planalto da Conquista devido à irregularidade das precipitações e às altas temperaturas potencializam a vulnerabilidade das plantas e permitem a ocorrência de fungos e bactérias. Observou-se a incidência do bicho mineiro, no entanto, convive-se com estes problemas fitossanitários através de controle químico, sem danos econômicos significativos

8.4.7. ÁREA E PRODUÇÃO

Atlântico

Com a colheita finalizada, atribuiu-se uma queda de 30,2% na produção em relação à safra passada devido aos baixos índices pluviométricos e ao ataque de pragas. Estima-se que a produção seja de 826.100 sacas beneficiadas. A média de produtividade está estimada em 18 sc/ha.

Para a atual safra, a área está estimada em 45.892 hectares, aumento de 30,3% em relação à safra passada. Estima-se que a área cultivada esteja em expansão e também um aumento do nível tecnológico utilizado pela maioria dos produtores na lavoura.

Do montante de 826.100 mil sacas beneficiadas foram comercializadas em média 50% (413.000 mil sacas). Os restantes se encontram armazenadas em cooperativas, em fazendas e armazéns-gerais.

O preço da saca paga ao produtor é R\$ 345,00 (início de safra) e R\$ 420,00 (final da safra atual).

Esse aumento de área pode ser atribuído às áreas que estavam em formação na safra anterior e passaram para formação

Cerrado

A produção para esta safra está estimada em 345,6 mil sacas beneficiadas de café arábica. A área total cultivada está estimada em 14.157 hectares estando 11.328 hectares em produção e 2.829 hectares em formação.

Comparando a safra atual com a passada, a área cul-

tivada tende a ser menor em 0,2% e a produção maior em 2,3%.

As lavouras já estão com a colheita finalizada e o beneficiamento dos frutos atinge cerca de 50% do volume colhido.

Planalto

Estima-se que a área em produção seja de 92.533 hectares, redução de 1,9% em relação à safra passada, podendo ser atribuído tanto ao ajuste de área da safra

anterior, quanto às áreas que passaram para a fase de formação. Existe a expectativa de que haja aumento na produtividade, de 8,7 para 10 sc/ha e se estima



uma produção de 923,4 mil.

Microrregião da Chapada Diamantina - A estimativa é que a produção na região da Chapada Diamantina seja de aproximadamente 290.000 sacas de 60 quilos, uma diminuição de 2,7% em relação à safra anterior, justificada pela redução de aproximadamente 7% na área em produção (Tabela 11). A diminuição da área se deve à realização da poda de recepa e a substituição de algumas áreas de café, que na safra passada, estavam praticamente abandonadas, por outras atividades como pecuária e fruticultura.

A retirada destas áreas abandonadas contribuiu para o aumento de produtividade, que deve ficar em aproximadamente 10,5 sc/ha. Este valor é abaixo da média nacional devido, principalmente, o cultivo na região ser em sua maior parte em pequenas áreas da agricultura familiar, com emprego de baixo nível de tecnologia, além das condições climáticas adversas nos últimos anos. Um fator que faz com que a produtividade na região não seja tão baixa são áreas irrigadas com emprego de alto nível tecnológico, em sua maioria na região de Mucugê.

Com a precipitação que ocorreu em janeiro, na região da Chapada Diamantina, os produtores esperavam que este ano tivesse uma safra muito acima do ano anterior. Este aumento não se concretizou devido à baixa precipitação verificada nos meses subsequentes. A adversidade climática no momento de enchimento de grãos proporcionou frutos mal granados e mais leves, sendo necessário um maior volume de frutos para a composição de uma saca de café beneficiada. A falta de chuvas a partir de janeiro também dificultou a realização de adubação em algumas áreas, o que contribuiu para o menor tamanho dos grãos. A expectativa é que tenha uma redução de aproximadamente 10% na expectativa de produção do início da safra devido esta diminuição no tamanho do grão.

A região da Chapada Diamantina se destaca por uma produção de café de boa qualidade. Este fato se deve ao clima ameno e seco da região, com altitude em torno dos 1.100 a 1.500 m, a maior do país para a produção do café, com destaque para os municípios de Piatã e Mucugê. Outro fato que contribui para a produção de café de qualidade

é de uma parte dos produtores terem o cuidado de evitar o processo de fermentação durante a secagem dos grãos colhidos.

Um dos problemas enfrentados em alguns municípios da região da Chapada Diamantina é a desuniformidade no momento da floração, ocasionando duas a três floradas na fase reprodutiva. Esse problema provoca dificuldade no momento da colheita, já que a região não possui mão de obra suficiente para se fazer várias colheitas na mesma área. O processamento de grãos em várias fases de maturação reduz a qualidade do produto.

A procura por crédito para a cultura do café é quase inexistente na região. O principal motivo é a maioria dos municípios não serem zoneados para este cultivo de sequeiro. Em alguns municípios da Chapada Diamantina, a maioria dos acessos ao crédito rural são para investimento na qualidade do produto com o investimento na construção de terreiros de secagem e secadores artificiais. Dessa forma, mesmo com a crescente diminuição das áreas de café na região, os produtores conseguem uma melhor remuneração por obterem um produto mais valorizado no mercado.

Microrregião de Vitória da Conquista - Os diferentes tratamentos culturais aplicados no cafeeiro e a influência climática desfavorável, mas em diferentes proporções em face dos microclimas regionais, contribuem para a falta de uniformidade das lavouras cafeeiras.

Na microrregião de Brejões, que sofreu severa perda na safra 2014/15, estima-se a produção de 36,8 mil sacas beneficiadas e uma produtividade de cerca de 3,7 sc/ha. O bom regime de chuvas em janeiro de 2016 chegou a animar os produtores. No entanto, a estiagem observada entre fevereiro e abril e a falta de recursos para adubação e correção do solo (mais preocupante na agricultura familiar) provocaram uma quebra de safra.

A estiagem no período de granação prejudicou o crescimento dos grãos em todo o Planalto. Deve-se destacar que, normalmente, são necessários de 420 a 500 litros do café maduro para se obter uma saca de 60 quilos de café beneficiado. No entanto, segundo os produtores locais, tem sido necessário mais de 700 litros de café para se obter uma saca beneficiada. Cafés chochos, malformados e miúdos, além de atrapalharem a colheita de muitos produtores, também



reduziram substancialmente a produção e a qualidade desta safra.

Na região de Vitória da Conquista, importante polo de produção e comercialização cafeeira do estado, estima-se a produção de 596,6 mil sacas de café arábica, com produtividade estimada em 10,9 sc/ha. Além de prejudicar o volume de produção de grãos, a falta d'água e o calor excessivo também influenciaram na qualidade do produto. Grãos menores e com má formação têm menor valor comercial, o que reduz o faturamento com a comercialização da safra presente.

Diante deste cenário adverso, deve-se ressaltar a importância dos tratamentos culturais para minimizar os efeitos das adversidades climáticas. É natural que o crescimento das plantas tome o espaço dos corredores das lavouras, diminuindo a produção dos cafeeiros e criando um ambiente favorável ao ataque de pragas e doenças. Esse fechamento tem sido corrigido através de podas (decote, recepa e esqueletamento).

Segundo os informantes da região, agentes vinculados à cadeia produtiva do café tem se manifestado de forma favorável à rolagem das dívidas de custeio, face à frustração de safra, no entanto essa matéria ainda carece de negociação entre os produtores e entidades financeiras.

A colheita ocorre, normalmente, em julho, agosto e

setembro, podendo se estender um pouco mais. Nesta safra, em face do período seco, o café amadureceu um pouco mais cedo e a colheita já deverá finalizar no início de setembro. Ainda resta colher uma pequena parte que está na planta e catar os grãos que caíram com os ventos e as chuvas.

Vale ressaltar que, até mesmo lavouras que possuem estrutura de irrigação por gotejamento sofreram com as perdas por falta de água. Segundo os produtores da região, o pouco de água utilizada serviu para "salvar" o café, mas não para viabilizar os bons níveis de produtividade alcançados em safras anteriores (Figura 27).

Existe a comercialização direta entre produtores e indústria, no entanto, predomina a comercialização feita com intermediários ou corretores que fazem a triagem do café para consumo interno ou exportação. Neste caso, destaca-se a comercialização de café arábica no polo de Vitória da Conquista. Estima-se que já tenha sido comercializado cerca de 55% da produção do Planalto baiano. Em visita à principal corretora do grão na região, observou-se a intensa movimentação do mercado físico.

Cabe observar o aumento da participação do mercado futuro na comercialização do café arábica na região. Os contratos futuros têm o objetivo de minimizar riscos potenciais de caixa mediante as variações de preço de um ativo.

8.5. PARANÁ

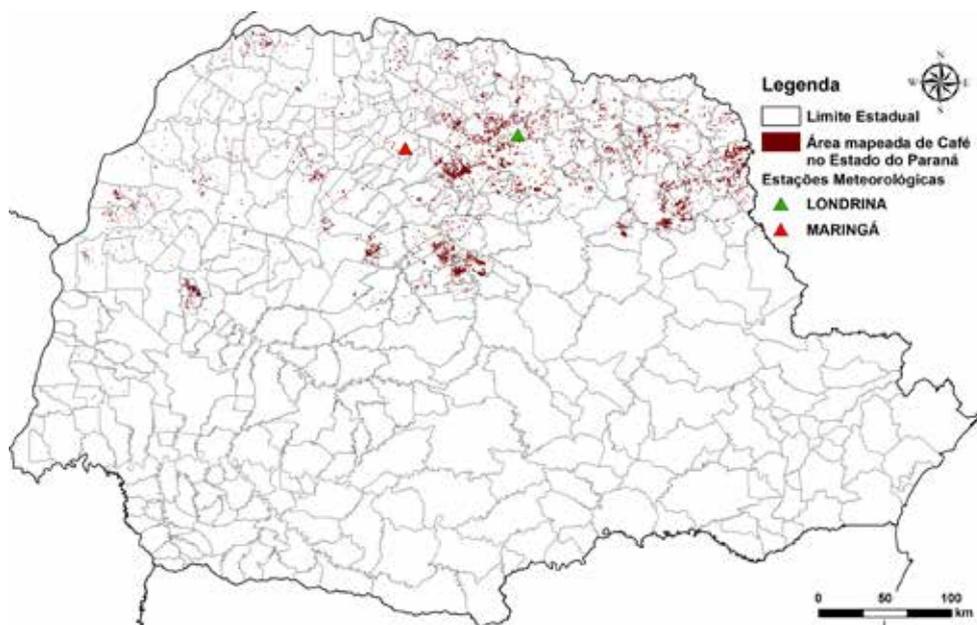
8.5.1. MONITORAMENTO AGROMETEOROLÓGICO

No Paraná foram realizados dois mapeamentos. O mais atual é apresentado abaixo, com a localização

das estações meteorológicas do INMET utilizadas no monitoramento.



Figura 24 – Mapeamento do café no Paraná



A ocorrência de chuvas acima da média em setembro e outubro favoreceu a ocorrência e o pegamento das floradas da safra 2016.

No período de novembro a março, predominaram condições de chuvas acima da média nas regiões produtoras com benefícios ao desenvolvimento dos frutos.

Em abril, em todo o estado, as condições climáticas de temperaturas acima da média e de pouca precipitação foram desfavoráveis às lavouras em granação de frutos. No entanto, com a maior parte das áreas com os frutos já formados, em processo de maturação, houve baixo impacto à produtividade.

Em maio e primeiro decêndio de junho, ao contrário de abril, houve chuvas intensas, que resultaram em perdas na qualidade dos grãos nas lavouras em ma-

turação e colheita.

Em junho, julho e primeiro decêndio de agosto, a predominância de chuvas reduzidas favoreceu a maturação e o avanço da colheita. No restante de agosto, com a colheita já avançada, a precipitação não afetou a produção da safra atual.

Além disso, em junho, houve restrições pontuais por geadas. As estações meteorológicas registraram as menores temperaturas no segundo decêndio de junho. Entretanto, não houve impactos à safra atual, que já se encontrava com os grãos já formados ou colhidos.

Na Tabela 6, se verifica o monitoramento agrometeorológico no Paraná.



Gráfico 21 – Estações meteorológicas do Inmet no Paraná - Londrina

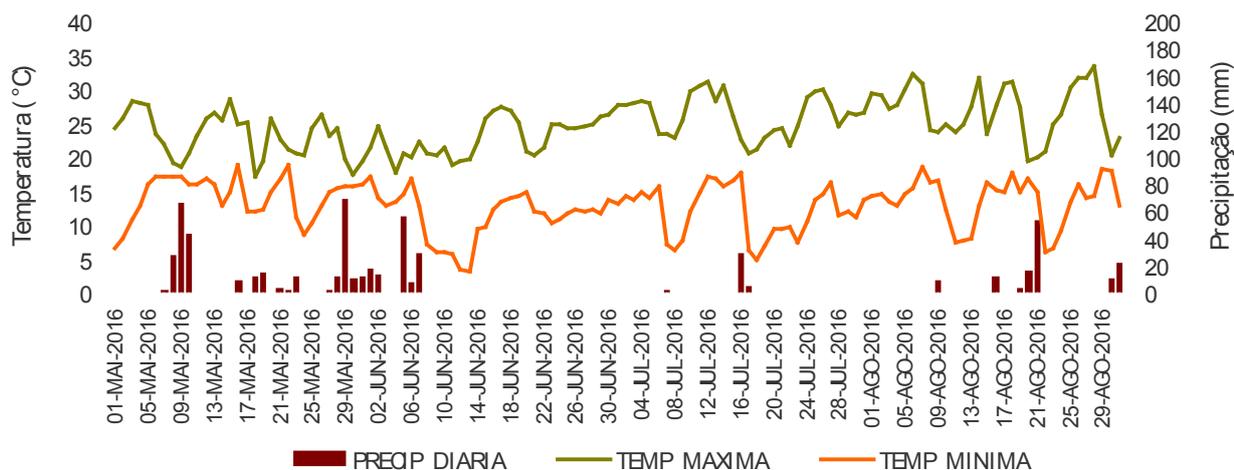
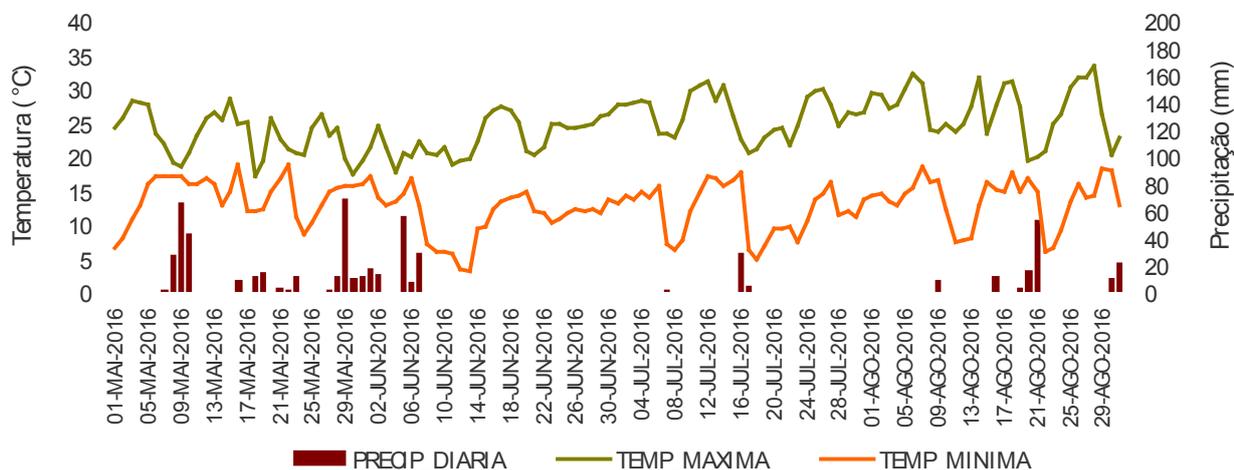


Gráfico 22 – Estações meteorológicas do Inmet no Paraná - Londrina



Quadro 6 – Monitoramento agrometeorológico: análise do período de setembro de 2015 a agosto de 2016, com possíveis impactos de acordo com as fases* do café no Paraná

Paraná												
Ano	2015				2016							
Meses	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago
Fases*	F	CH	EF	EF	GF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C**	C	C

* (R)=repouso; (F)=floração; (CH)=formação dos chumbinhos; (EF)=expansão dos frutos; (GF)=granação dos frutos; (M)=maturação; (C)=colheita.

** houve restrições por excesso de chuva no primeiro decêndio do mês.

■ Favorável ■ Baixa restrição
■ Excesso de chuva



8.5.2. ÁREA E PRODUÇÃO

A área em produção nesta safra é de 46.660 hectares e a área total plantada está estimada em 50.100 hectares. A previsão de produção se mantém entre 1 e 1,1 milhão de sacas, devendo-se confirmar o volume inicialmente previsto. A colheita finalizou em agosto, havendo antecipação em cerca de trinta dias em relação ao normal de safras anteriores devido ao clima seco e quente registrado em março e abril, que acelerou o ciclo de maturação dos frutos. Com início adiantado da colheita, os produtores tiveram problemas com o excesso de chuva entre maio e meados de junho, atingindo a produção no ponto de colheita derubando no chão grande parte e prejudicando a qualidade da bebida.

Retomando os trabalhos, muitos produtores optaram

em fazer a colheita em uma única operação, derrubando o que ficou na planta e levantando junto com o maior volume que havia caído, no sentido de diminuir o custo final da colheita, o que contribuiu para aumentar a oferta de lotes com qualidade de bebida inferior (riada/rio), gerando deságio no preço recebido em relação ao café de melhor qualidade (bebida “dura” para melhor). O volume de produção de “cereja descascado” também foi menor que o normal em função do clima chuvoso, acelerando a fase de maturação e não permitindo a colheita no ponto ideal de cereja. O calendário da colheita desta safra registrou a seguinte evolução: abril 2%, maio 12%, junho 24%, julho 51% e 11% em agosto.

8.5.3. COMERCIALIZAÇÃO

A comercialização da safra também evoluiu acima do normal atingindo 51% da produção vendida pelos produtores até o último decêndio de agosto. Historicamente, o maior percentual foi registrado na safra de 2011, quando atingiu 44% comercializado no mesmo período.

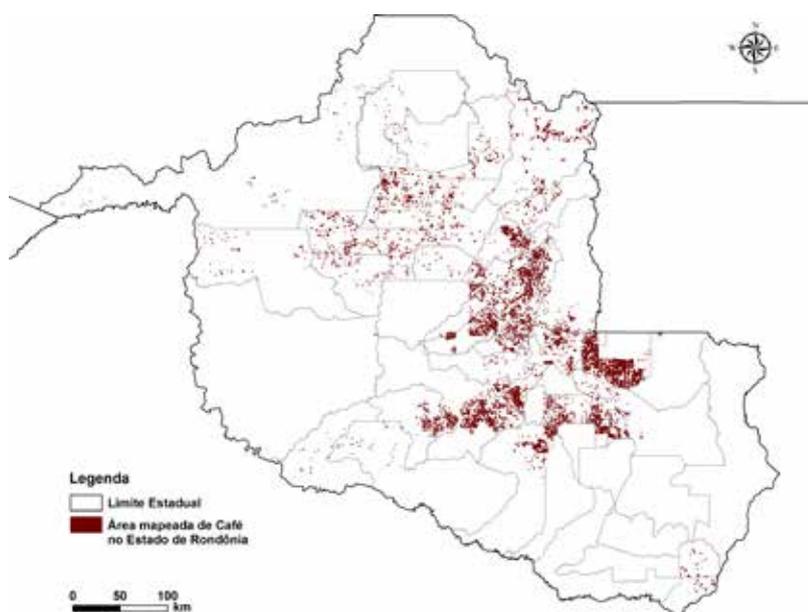
Colheita antecipada e mercado firme contribuíram

para o aumento das vendas, uma vez que os cafeicultores necessitam de recursos para custear a colheita, aliada ao fato de que mesmo para os lotes de cafés com bebida inferior (riada/rio), os preços se mantiveram favoráveis impulsionados pela alta histórica das cotações do café conilon verificada no mercado interno, neste ano. Até certo ponto, os prejuízos com a queda da qualidade obtida nesta safra foram amenizados pelas boas cotações para os cafés mais fracos.

8.6. RONDÔNIA

8.6.1. MONITORAMENTO AGROMETEOROLÓGICO

Figura 25 – Mapeamento do café em Rondônia



A predominância de chuvas abaixo da média e altas temperaturas de agosto a dezembro prejudicou a floração e o início da formação dos frutos da safra 2016. Nesse período, os menores volumes de chuva ocorreram em agosto e setembro.

Apesar disso, a granação dos frutos foi favorecida pelo

aumento na intensidade das chuvas de janeiro a março.

De abril a agosto a precipitação reduzida favoreceu as lavouras em maturação e colheita.

Na Tabela 7, se verifica o monitoramento agrometeorológico em Rondônia.

Quadro 7 – Monitoramento agrometeorológico: análise do período de agosto/15 a abril/16, com possíveis impactos de acordo com as fases* do café em Rondônia

Rondônia													
Ano	2015					2016							
Meses	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago
Fases*	F	F	CH	EF	EF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C	C

*(F)=floração; (CH)=formação dos chumbinhos; (EF)=expansão dos frutos; (GF)=granação dos frutos; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Região irrigada.

*** Impacto por altas temperaturas.

Favorável
 Baixa restrição falta de chuva
 Média restrição falta de chuva

8.6.2. CONDIÇÕES CLIMÁTICAS

Houve falta de chuvas em agosto e setembro. Em quase todas as áreas visitadas, as chuvas escassas, aliadas a altas temperaturas, sol intenso e a umidade baixa, prejudicaram a formação das lavouras justamente na fase de florescimento, provocando, em parte, o abortamento da florada, formação e queda dos chumbinhos e redução de número de grãos por roseta. Já em outubro e novembro, com a entrada das chuvas, observou-se em algumas regiões chuvas dispersas e com intervalos, o que também prejudicou a expansão dos frutos. Mesmo para aquelas propriedades com cafés clonais, que se utilizam da irrigação, o clima desfavorável também afetou com menor intensidade a pro-

dução. As lavouras que sofreram mais foram aquelas com café seminal, que na sua maioria não dispõem de irrigação. Assim, para o terceiro levantamento e da confirmação e manutenção da queda na produtividade, ou seja, a produtividade estimada para esta safra 2016 será de 18,56 sc/ha. O clima atualmente, de uma forma geral apresenta-se com altas temperaturas, com forte calor e sol intenso. Nas últimas semanas ocorreram chuvas dispersas em várias regiões do estado, beneficiando a florada dos cafezais. Nas regiões onde ainda as chuvas não caíram, as lavouras que não dispõem de irrigação estão sofrendo com o déficit hídrico.

8.6.3. SITUAÇÃO DA CULTURA

Toda a safra de café em Rondônia, encontra-se colhida e cerca de 90% já foi comercializada. Atualmente as lavouras tanto dos cafés seminais como dos clonais, encontra-se na fase de florada e os produtores já realizaram as podas dos cafezais. Em algumas regiões onde ocorreram chuvas nas últimas semanas, as lavouras estão em boas condições. Os preços recebidos pelos produtores no mercado local variam de R\$ 380,00 a R\$ 400,00 por saca. As pragas mais

comum incidente nos cafezais de Rondônia são: Ácaro-Vemehô; Cochonilha; Bicho Mineiro e a Broca-do-Café e as doenças são a Seca-de-ponteiros; koleroga e Nematóide-das-galhas e outras. Os cafeicultores de cafés clonais estão mais atentos no cuidado das suas lavouras e vêm realizando os controles químicos, biológicos naturais e culturais, de forma a garantir uma melhor produtividade.

8.6.4. ÁREA E PRODUÇÃO

As informações levantadas nas diversas regiões pesquisadas indicam que a área desta cultura para a sa-

fra atual deverá permanecer inalterada em relação ao levantamento realizado em abril de 2016, ou seja,



a área em produção prevista do café da safra 2016 em Rondônia é de 87.657 hectares.

Em relação à produtividade, a pesquisa indica que ela deverá também se manter em relação ao levantamento anterior, atualmente estimada em 18,56 sc/ha. Dessa forma, a previsão final da produção é de 1.626,9 mil sacas beneficiadas. A redução da produtividade em relação à safra anterior se deve principalmente por falta de chuvas ocorridas em agosto e setembro na época da florada, prejudicando o pegamento da

8.6.5. CONSIDERAÇÃO FINAIS

Em Rondônia é plantado quase todo o café conilon (*Coffea Canephora*), melhor adaptada às condições climáticas, seu relevo topográfico e solo. O café é produzido, na sua maioria, em pequenas propriedades, com características na sua quase totalidade da agricultura familiar. Ainda é comum a existência de lavouras com baixa produtividade e outras em pleno declínio de produção, onde muitas delas estão chegando aos dez anos ou mais de idade. Aliado a isso, a maioria das lavouras de café em Rondônia foi implantada inicialmente com sementes trazidas pelos agricultores de regiões produtoras tradicionais de outros estados e sem controle oficial. Observou-se também, que algumas progênies de café introduzidas no estado, não se adaptaram às condições locais, mostrando-se pouco produtivas.

A cafeicultura no estado vem passando por um processo gradativo e constante de substituição das lavouras existentes por lavouras novas, utilizando-se cafés clonais. Naquelas regiões tradicionalmente produtoras, essa substituição já alcança em alguns municípios 30% da área plantada. Essa mudança decorre de uma série de fatores, entre os quais podemos destacar o apoio do governo do estado através da Secretaria de Estado de Agricultura, Pecuária e Regularização Fundiária (Seagri) através dos serviços de extensão rural (Emater-RO), com a sua equipe técnica com escritórios nos 44 municípios, além de mais 4 escritórios situados nos distritos, e abrangendo assim, todas as regiões produtoras de café.

Também, os agentes financeiros, destacando o Banco da Amazônia, Banco do Brasil e ainda as Cooperativas de Créditos, tem disponibilizado volume de crédito para custeio e investimento suficiente para atender a

florada. Mesmo aquelas áreas plantadas com cafés clonais, que são irrigadas, as lavouras foram prejudicadas devido à incidência do sol forte, calor intenso e altas temperaturas registradas em outubro e novembro, prejudicando a formação e também provocando a queda dos chumbinhos. As lavouras de cafés seminais foram as mais afetadas. Devemos observar que a queda da produtividade não foi ainda maior devido à entrada em produção de novas áreas de café clonal, cuja produtividade é bem superior do que as áreas tradicionais.

demanda existente e proporcionar aos cafeicultores condições para as mudanças/substituições das lavouras tradicionais por cafés clonais, as quais exigem um maior investimento e melhores cuidados e conhecimentos técnicos por parte dos produtores. A importante atuação da Empresa Brasileira de Defesa Agropecuária em Rondônia (Embrapa/RO), através dos seus pesquisadores, tem buscado em parceria com a Emater-RO e a Agência de Defesa Sanitária Agrosilvopastoril do Estado de Rondônia (Idaron), diagnosticar pragas e doenças no desenvolvimento da cultura, bem como, desenvolvendo cultivares com características de maior tolerância ao déficit hídrico. Dentro do processo de disseminação de variedades de café, além daquelas desenvolvidas pelos próprios produtores rurais que detêm viveiros de mudas clonais sem base genética definida, podemos destacar como resultado das pesquisas desenvolvidas pela Embrapa/RO ao longo dos anos a cultivar Conilon BRS Ouro Preto, que estão constituindo jardins clonais em vários municípios e cuja finalidade é oferecer aos cafeicultores uma alternativa de diversificação para o café.

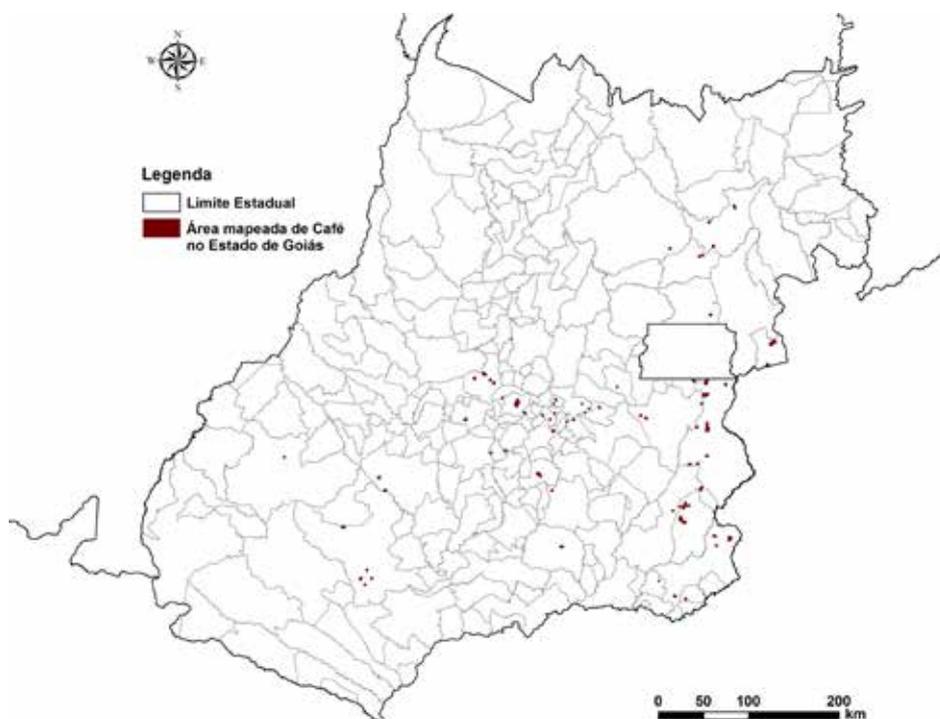
Passou a vigorar a partir do dia 17 de julho de 2016, a Portaria nº 558 da Idaron, que regulamenta os requisitos para produção, comercialização, trânsito, armazenamento e utilização de mudas de café. Uma das principais mudanças com a portaria é a exigência de análise em laboratório para confirmar a presença de nematoide nas mudas. Após o levantamento da ocorrência de pragas no estado, realizado pela Embrapa/RO, observou-se a necessidade de mudança na legislação para mais segurança para quem adquire as mudas que só serão comercializadas após laudo emitido por laboratórios credenciados pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa).



8.7. GOIÁS

8.7.1. MONITORAMENTO AGROMETEOROLÓGICO

Figura 26 – Mapeamento do café em Goiás



Em Goiás, onde a maioria das lavouras possuem o manejo irrigado, verificaram-se impactos pontuais na floração – desenvolvimento dos botões florais (em outubro) e na granação (em abril), por altas temperaturas.

Na Tabela 8, verifica-se o monitoramento agrometeorológico em Goiás.

Quadro 8 – Monitoramento agrometeorológico: análise do período de setembro de 2015 a agosto de 2016, com possíveis impactos de acordo com as fases* do café em Goiás

Rondônia													
Ano	2015				2016								
Meses	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Fases*	F	F**	CH	EF	EF	GF	GF	GF/M***	M	M/C	C	C	C

*(F)=floração; (CH)=formação dos chumbinhos; (EF)=expansão dos frutos; (GF)=granação dos frutos; (M)=maturação; (C)=colheita.

** área irrigada.

*** Impacto por altas temperaturas.

Favorável
 Baixa restrição
 falta de chuva

8.7.2. ÁREA E PRODUÇÃO

Em Goiás, onde a maioria das lavouras possuem o manejo irrigado, verificaram-se impactos pontuais na flo-

ração – desenvolvimento dos botões florais (em outubro) e na granação (em abril), por altas temperaturas.



8.7.3. CONDIÇÕES CLIMÁTICAS

As lavouras, de modo geral, apresentaram boa formação de frutos, isso ocorreu devido à quantidade de chuvas consideradas satisfatórias para o desenvolvimento dos grãos, de outubro a dezembro de 2015. As boas condições pluviométricas em janeiro e fevereiro também colaboraram para um bom desenvolvimento dos frutos, principalmente evitando temperaturas altas e grandes oscilações térmicas.

Em sua grande maioria os parques cafeeiros goianos são cultivados sob sistema de irrigação, porém, devido à forte estiagem ocorrida a partir de abril de 2016, acabou influenciando de forma negativa o desenvolvimento e o metabolismo das plantas de café, haja vista a baixa umidade no solo e o aumento da temperatura do solo e do ar. Foi relatado em algumas propriedades que os sistemas de irrigação não conseguiram dar vazão suficiente para suprir as necessidades hídricas do solo e fisiológicas da planta em decorrência do solo extremamente seco.

A temperatura do ar exerceu influência direta sobre diversos aspectos relativos à produtividade vegetal,

estando relacionada com o crescimento e desenvolvimento das plantas devido ao seu efeito na velocidade das reações químicas e dos processos internos de transporte. A tolerância aos níveis de temperatura é variável entre as espécies e variedades e a cultura do café, sendo a planta extremamente sensível ao estresse térmico.

Com relação ao distúrbio fisiológico conhecido como “Coração Negro”, no qual ocorrem problemas na translocação de fotoassimilados para o enchimento de grãos (aumentando o número de grãos chochos) não foi relatado, como na safra anterior. Manifestações pontuais deste distúrbio foram pouco registradas até o momento.

Segundo a literatura consultada, pode ser explicado pela ocorrência de baixa umidade e altas temperaturas no período de 80 a 120 dias após a florada, seguido de ocorrência de chuvas em excesso sem que ocorra queda significativa de temperatura.

8.7.4. SITUAÇÃO GERAL DA CULTURA

Não foram registrados problemas com cochonilhas, broca do café (*Hypothenemus hampei*) e lagartas. Também foi constatada uma maior preocupação em relação ao uso de podas com vistas à renovação e recuperação do vigor das lavouras.

Ocorreram significativas erradicações de áreas de café no estado. As razões para tal erradicação variam desde incêndios criminosos até a substituição da atividade econômica do café por cultivo de grãos que, segundo alguns produtores, têm se mostrado mais rentável no atual cenário.

Foi observada também diminuição da produtividade em diversas propriedades visitadas. As razões principais por esta diminuição foram: fatores climáticos (altas temperaturas e baixa precipitação pluviométrica), ataques de pragas, principalmente o “Bicho Mineiro” (*Leucoptera coffeella*) e a bialidade negativa em algumas áreas do estado.

A colheita do café em Goiás está praticamente encerrada, restando apenas algumas áreas de catação.

8.7.5. ÁREA E PRODUÇÃO

A área plantada com a cultura de café em Goiás foi levantada em 7.383,1 hectares, sendo que desse total, 5.626,6 se encontram em produção, cerca de 76,2%. A área em formação ocupa cerca de 877,5 hectares ou 11,9% da área, e as áreas esqueletadas e/ou recepadas

ocupam uma área de 879 hectares 11,90% da área. A produção de café no estado foi estimada em cerca de 226.751 sacas, ou 13.605.060 quilos, gerando uma produtividade média de 40,3 sc/ha ou 2.418 kg/ha.



8.8. RIO DE JANEIRO

8.8.1. SITUAÇÃO DAS LAVOURAS

Para esta safra se estima um acréscimo em torno de 4,1% na área plantada em relação à safra passada. Indica uma produção estimada em 350,8 mil sacas, representando variação de crescimento de 13,4%. A produtividade média estimada de 26,9 sc/ha é 8,8% superior à obtida em 2015.

A área plantada com café arábica no estado soma 13.058 hectares, em produção, superior em 520 hectares em relação à safra anterior que foi de 12.538 hec-

tares. A produção estimada registra crescimento para 350,8 mil sc/ha, um aumento de 41,3 mil sacas, quando comparada com a safra anterior que foi de 309,6 mil sc/ha.

A produtividade média estimada aumentou para 26,9 sc/ha, superior, à safra anterior, que foi de 24,7 sc/ha.

8.8.2. PARQUE CAFEIEIRO

O parque cafeeiro, no estado, é formado por 41.759,2 mil plantas, 58,6% superior às existentes em 2015, dessas 2.642,5 mil estão em formação e 39.116,7 mil em produção. de 6,4 mil covas.

A área total em produção e em formação estimada para esta safra (em mil covas) vem registrando em sua totalidade 41.759,2 mil covas, superior em 10.384,6 mil covas, comparativamente à safra anterior, que foi de 31.374,5 mil covas.

8.8.3. ÁREA

A área em produção, safra 2016, aumentou para 13.058 mil hectares, superior em 520 hectares, comparativamente à safra anterior, que foi de 12.538 hectares. A área em formação, safra 2016, aumentou para 820 hectares, superior em 817 hectares, comparativamente à safra anterior, que foi de 3 hectares.

formação foi motivado pelos incentivos fornecidos pelo programa Rio Rural. Nos últimos dois anos o Rio Rural, da secretaria Estadual de Agricultura, investiu quase 3 milhões de reais em subprojetos para fortalecer a cadeia produtiva do café. Através desse programa foi possível adquirir despoldadores e secadores que tornaram o produto mais lucrativo.

A área total estimada para esta safra em formação e em produção vem registrando, em sua totalidade, 13.878 hectares. O aumento expressivo das áreas em

8.8.4. CONSIDERAÇÃO FINAIS

As condições climáticas favoráveis nas principais regiões produtoras de arábica, aliadas ao ciclo de bialidade positiva, favoreceram as lavouras que se encontram praticamente colhidas, justificando os ga-

nhos de área, produção e de produtividade em relação à safra passada nas principais regiões produtoras do estado.





9. ANÁLISE DE MERCADO

Os números obtidos na terceira pesquisa de acompanhamento da safra de café 2016, ora divulgada pela Conab, indicam que a produção brasileira deverá totalizar cerca de 49.640 mil sacas de café, das quais, 41.285,8 mil sacas, de arábica, superior em 14,8% ao montante de 43.235 mil sacas produzidas em safra 2015. Vale lembrar que o ciclo da atual safra é de bienalidade positiva, fato que justifica parte desse acréscimo da produção, que poderia ter sido maior se não tivesse ocorrido a expressiva perda de 2.832,5 mil sacas nas lavouras da espécie conilon, cuja produção na safra passada totalizou 11.186,7 mil sacas, e na corrente temporada, recuou para 8.354,2 mil sacas.

Devida perda foi essencialmente provocada pelas condições climáticas desfavoráveis (seca, má distribuição das chuvas e altas temperaturas), que afetaram as lavouras nas principais regiões produtoras do país, e de forma mais rigorosa, no estado do Espírito Santo, maior produtor da espécie, agravando, ainda mais, a questão dos estoques que já eram baixos e agora tendem a ficar ainda mais apertado. Por outro lado, os agentes dos mercados nacional e internacional, que ao longo dos últimos meses vinham monitorando estes acontecimentos no Brasil, passaram a precificar os preços da commodity em novos patamares, fato ocorrido de forma simultânea nos mercados futuro e disponível.

Neste sentido, e já antevendo restrições futuras na oferta do produto na corrente temporada, o mercado iniciou, a partir de fevereiro de 2016, o processo de reação dos preços, com os agentes passando a negociar os contratos do café arábica na Bolsa de Nova Iorque em um ambiente de altas consecutivas, ocorrência que predominou até julho de 2016, período em que foi alcançado o patamar médio de preços de US 145,46 Cents/lb Gráfico 1, indicando, dessa forma, uma elevação percentual na ordem de 24,91%, no referido período. Em agosto o mercado realizou lucros, motivo pelo qual fechou o mês com cotação média de US 140,97 Cents/lb.

Por outro lado, o desempenho dos preços de comercialização do produto no mercado nacional, até maio de 2016, não apresentou a mesma performance das cotações externas Gráfico 2. De uma forma geral, o mercado se manteve calmo e de modo pontual apresentou picos de oscilações ora ocasionadas pela variação do câmbio e em outros momentos, pelo impulso das altas das cotações no mercado internacional.

Outro fator que contribuiu para que o mercado mantivesse a situação de relativa calma até maio de 2016, distanciando-se do comportamento da curva de preços de Nova Iorque pode ser atribuído ao bom desempenho das lavouras do arábica nas principais regiões produtoras do país, dando claros sinais de que a produção a ser colhida seria expressiva, o que poderia deixar o mercado sobre ofertado, gerando mais pressão sobre os preços. Todavia, mesmo com a colheita em andamento (iniciada em maio), os produtores no

período de maio a julho passaram a comercializar o café arábica em bases mais elevadas. Vale enfatizar dois importantes fatores que deram sustentação aos preços de comercialização no mercado interno, a saber: a) as previsões do Usda, anunciadas em junho, que apontam para uma forte retração dos estoques mundiais de passagem (arábica mais conilon), saindo de uma situação confortável de 42.644 mil sacas de 60 quilos no ano safra 2014/15, para 35.398 em 2015/16 e 31.499 mil sacas no final do ano safra 2016/17 e b) firmeza e incremento dos preços no mercado internacional no período de fevereiro a julho de 2016.

Em agosto, entretanto, os preços internos do arábica (Gráfico 2) cederam sob forte influência de Nova Iorque e em menor grau de importância, pelo retorno das vendas parciais dos estoques governamentais de café, em poder da Conab, que passou a interceder no mercado com objetivo de regular e ao mesmo tempo conter as recentes elevações das cotações do produto. As vendas começaram no dia 29 de julho e até o dia 8 de setembro já haviam sido realizados cinco edições de leilões com intervalo a cada 15 dias. No total foram ofertadas 16.408 toneladas da espécie arábica (depositadas em Minas Gerais, São Paulo e Paraná e arrematadas 15.009 toneladas, ou seja, a demanda em termos percentuais ficou em 91,5%. O valor médio da transação por saca de café de 60 quilos foi de R\$ 439,68, portanto, inferior ao preço médio recebido pelo produtor em agosto em Minas Gerais, que foi de R\$ 474,98 a saca. Vale, ainda, mencionar que, o volume de receita auferida totalizou R\$ 109.741.587,33 (Tabela 1).

Tabela 5 - Venda dos estoques governamentais de café

AVISO N.º	DATA LEILÃO	QUANTIDADE (EM KG)		RECEITA R\$ s/ICMS
		OFERTADA	NEGOCIADA	
106/16	29-JUL	695.400	695.400	5.147.467,00
110/16	29-JUL	900.792	900.792	6.633.765,46
111/16	29-JUL	2.427.161	2.427.161	18.158.210,86
118/16	11-AGO	689.660	689.660	4.689.686,20
119/16	11-AGO	900.911	900.911	6.266.829,04
120/16	11-AGO	2.394.000	1.423.039	9.760.951,34
125/16	25-AGO	998.220	998.220	7.261.718,90
126/16	25-AGO	900.181	781.418	5.660.488,90
127/16	25-AGO	2.302.653	2.302.653	16.686.220,32
138/16	8-SET	1.094.850	889.190	6.530.529,40
139/16	8-SET	900.018	797.105	6.068.523,73
140/16	8-SET	2.203.765	2.203.765	16.877.196,18
TOTAL	-	16.407.611	15.009.314	109.741.587,33
RESUMO EM SACAS		273.460	250.155	438,69

Fonte: Conab



Na Bolsa de Liffe em Londres, onde são negociados os contratos futuros do café conilon, cuja unidade padrão é US\$/tonelada (no Gráfico 1 abaixo foi convertido para Cents/lb), os negócios efetivados em janeiro resultaram em um preço médio de US 82,08 Cents/lb, no entanto, nos meses subsequentes o produto também passou por fortes valorizações, culminando em agosto com um valor médio de US 107,93 Cents/lb, indicando que no período analisado o incremento percentual foi na ordem de 31,5%. No mercado interno os preços foram impulsionados pela menor produção brasileira e vietnamita, que, juntos, respondem por cerca de 65% da produção mundial da espécie. Vale enfatizar que a demanda pelo produto tem sido superior às quantidades ofertadas, de outra forma, depende-se que o impulso do consumidor, na maioria dos casos, está sendo restringido, só não para aqueles que se dispõem a pagar um delta a mais pelo produto, razão pela qual os preços do conilon vêm apresentando

constantes elevações. Conforme pode ser observado no Gráfico 2, em março, período em que foi iniciada a colheita, o valor médio de negociação da saca de 60 quilos foi de R\$ 342,49, a partir daí as altas foram sequenciais até atingirem o patamar de R\$ 410,98 em agosto de 2016, perfazendo um incremento percentual da ordem de 20,0%.

Dados do Departamento de agricultura dos Estados Unidos – Usda, publicado em junho de 2016 indicam que a produção mundial da safra 2016/17 do café conilon, deverá totalizar cerca de 61.631 mil sacas. Quantidade que, no entanto, é inferior em 8% ao volume de 67 milhões de sacas produzidas na safra 2015/16. Torna-se oportuno esclarecer que, este foi mais um fator que contribuiu para alavancar, de forma positiva, os preços da espécie nos principais centros de comércio do mundo, onde o mercado brasileiro se encontra contextualizado.

Gráfico 23 - Café Arábica e Robusta - Evolução Mensal dos Preços Futuros Negociados na ICE em Nova Iorque e LIFFE Londres - 1º Venc.



Fontes: Arábica - Ice Nova Iorque
Robusta - Liffes Londres



Gráfico 24 - Preços Mensais Recebidos Pelos Produtores de Café Arábica em Minas Gerais e Café C-
 onillon no Espírito Santo



Fontes: Siagro/Conab





10. RECEITA BRUTA

Tabela 6- Receita bruta - Safra (em R\$ mil)

Local	REC. BRUTA TOTAL 2012-2013	REC. BRUTA TOTAL 2013-2014	REC. BRUTA TOTAL 2014-2015	AUMENTO OU REDUÇÃO - VAR. % (TOTAL - 2014-2015/2013-2014)
Acre	6.058,24	8.612,48	8.655,30	0,50%
Bahia	476.777,89	842.948,76	922.346,49	9,42%
Ceará	9.140,89	9.168,20	11.683,75	27,44%
Distrito Federal	5.056,60	5.103,00	6.927,98	35,76%
Espirito Santo	2.722.571,73	3.125.357,60	3.272.358,31	4,70%
Goiás	64.986,34	78.461,21	82.144,46	4,69%
Mato Grosso	41.385,21	35.237,72	35.106,76	0,37%
Mato Grosso do Sul	7.684,65	8.405,79	7.565,88	9,99%
Minas Gerais	7.704.753,85	9.396.208,77	9.922.769,86	5,60%
Pará	25.167,30	13.937,24	4.177,22	70,03%
Paraná	420.372,32	209.398,19	510.874,31	143,97%
Pernambuco	4.740,33	4.377,12	5.143,46	17,51%
Rio de Janeiro	73.514,88	113.992,18	123.058,35	7,95%
Rondônia	281.155,47	300.332,75	425.302,68	41,61%
São Paulo	1.136.114,66	1.947.920,82	1.802.527,40	7,46%
REGIÃO NORTE	312.381,02	322.882,48	438.135,19	35,69%
REGIÃO NORDESTE	490.659,10	856.494,08	939.173,71	9,65%
REGIÃO CENTRO-OESTE	119.112,81	127.207,72	131.745,09	3,57%
REGIÃO SUDESTE	11.636.955,13	14.583.479,37	15.120.713,93	3,68%
REGIÃO SUL	420.372,32	209.398,19	510.874,31	143,97%
BRASIL (R\$ Mil)	12.979.480,37	16.099.461,84	17.140.642,22	6,47%
TOTAL	175.013.011,29	194.431.569,89	219.190.605,59	12,73%

Fonte: Conab

A receita bruta cresceu nos últimos três anos. A elevação nas duas últimas safras foram mais significativas e a variação apurada na safra 2014/15 em relação à anterior, crescimento de 6,47%. O quadro acima demonstra que a Região Sudeste concentra a maior produção e, portanto, maior valor apurado de receita, com valor acima dos R\$ 15 bilhões de reais. A safra de 2014/15 apresentou crescimento total para a cafeicultura, com valor expressivo de R\$ 17 bilhões de reais. Segue abaixo o comportamento da estrutura apurada de receita bruta para cada Unidade da Federação.

A classificação entre as regiões produtoras estão assim definidas: em primeiro lugar está a Região Sudeste, com 88% da receita apurada; em segundo lugar

a Região Nordeste, com 5,48%; em terceiro a Região Norte, com 2,98%; em quarto lugar a Região Sul, com 2,56% e por final a Região Centro-Oeste, com 0,77%. Percebe-se que o comportamento da produção estabelece o resultado da apuração da receita bruta. Dessa forma, o total produzido e apurado, conforme metodologia de cálculo em âmbito nacional, é de 43.235 (mil toneladas), uma receita bruta total apurada acima de R\$ 17 bilhões de reais e um preço médio praticado de R\$ 396,45 reais.

A produção de café arábica se concentra em Minas Gerais e São Paulo, enquanto que o produto conilon está mais presente no Espírito Santo, seguido por Bahia e Rondônia.



Gráfico 25 - Receita bruta regionalizada

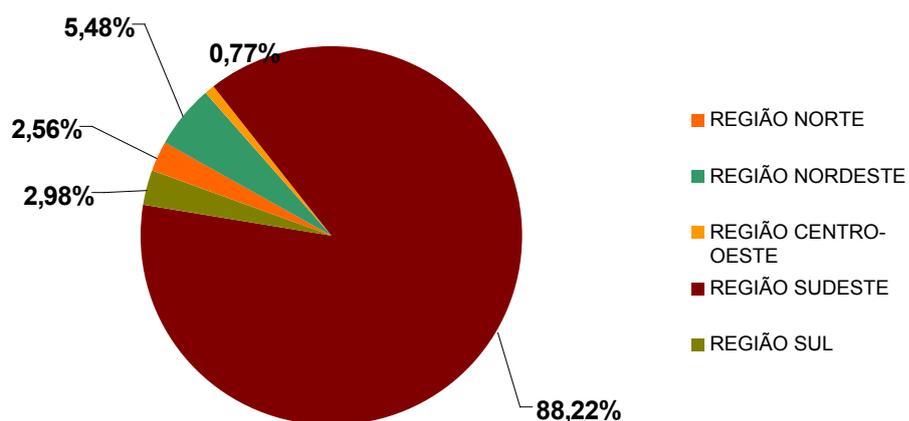


Tabela 7- Evolução da receita bruta por regiões produtoras

Regiões Produtoras	PROD. TOTAL	REC TOTAL (R\$ MIL)	PREÇO MÉD
REGIÃO NORTE	1.777.900	438.135,19	246,43
REGIÃO NORDESTE	2.392.700	939.173,71	392,52
REGIÃO CENTRO-OESTE	398.000	131.745,09	331,02
REGIÃO SUDESTE	37.376.400	15.120.713,93	404,55
REGIÃO SUL	1.290.000	510.874,31	396,03

Fonte: Conab

9.1. ACRE

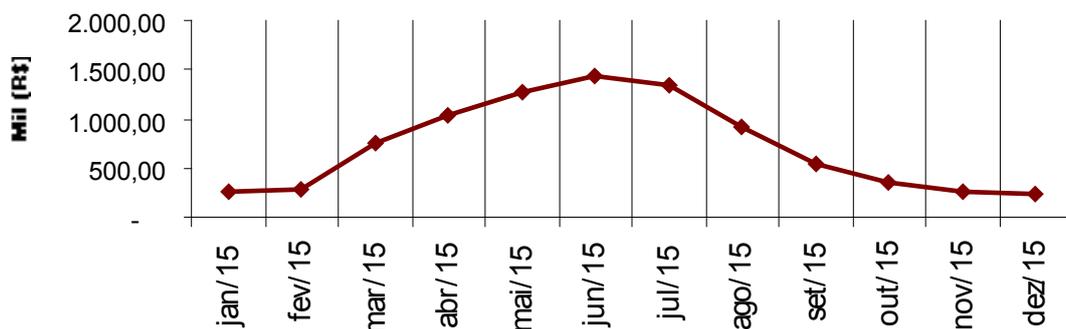
Tabela 8 - Receita bruta mês a mês por estado

Mês	PREÇO	PRODUÇÃO (t.)	RECEITA BRUTA	VAR.%(MÊS)
jan/15	238,00	1.122	267,04	-
fev/15	250,00	1.122	280,50	5,04%
mar/15	250,00	2.992	748,00	166,67%
abr/15	250,00	4.114	1.028,50	37,50%
maí/15	244,00	5.236	1.277,58	24,22%
jun/15	240,00	5.984	1.436,16	12,41%
jul/15	237,00	5.610	1.329,57	7,42%
ago/15	242,50	3.740	906,95	31,79%
set/15	241,00	2.244	540,80	40,37%
out/15	185,30	1.870	346,51	35,93%
nov/15	139,00	1.870	259,93	24,99%
dez/15	156,25	1.496	233,75	10,07%

Fonte: Conab

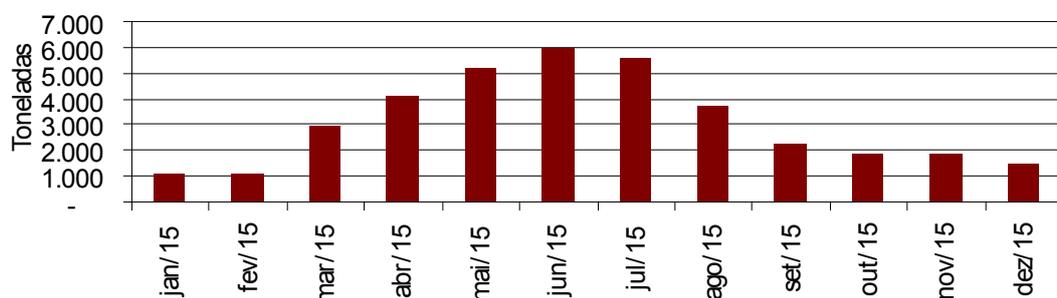


Gráfico 26 - Receita bruta mês a mês



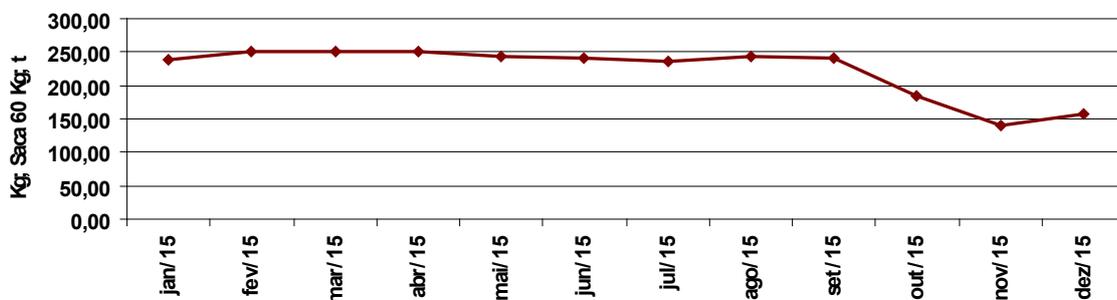
Fonte:Conab

Gráfico 27 - Produção mês a mês



Fonte:Conab

Gráfico 28 - Preços mês a mês



Fonte:Conab

O estado apresentou uma pequena elevação de receita bruta, o comportamento da produção/comercialização neste estado está centralizado de janeiro a

dezembro de 2015. Apresentou um preço médio de R\$ 231,43, com produção de 37.400 de toneladas e receita bruta apurada de R\$ 8.655,30.



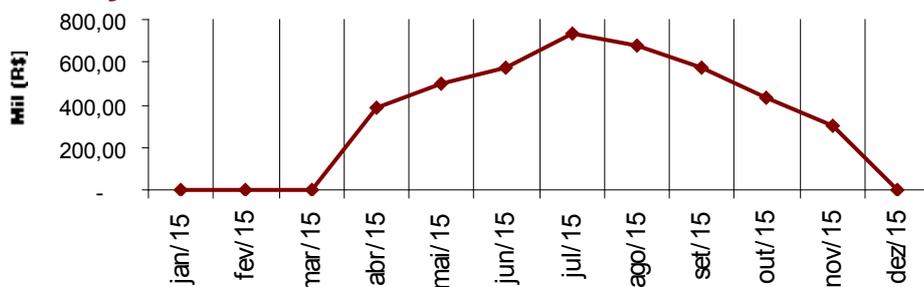
9.2. PARÁ

Tabela 9 - Receita bruta mês a mês por estado

Mês	PREÇO	PRODUÇÃO (t.)	RECEITA BRUTA	VAR.% (MÊS)
jan/15	-	-	-	-
fev/15	-	-	-	-
mar/15	-	-	-	-
abr/15	231,11	1.660	383,64	-
mai/15	231,44	2.158	499,45	30,19%
jun/15	231,53	2.490	576,51	15,43%
jul/15	245,19	2.988	732,63	27,08%
ago/15	253,96	2.656	674,52	7,93%
set/15	266,57	2.158	575,26	14,72%
out/15	291,59	1.494	435,64	24,27%
nov/15	300,78	996	299,58	31,23%
dez/15	-	-	-	100,00%

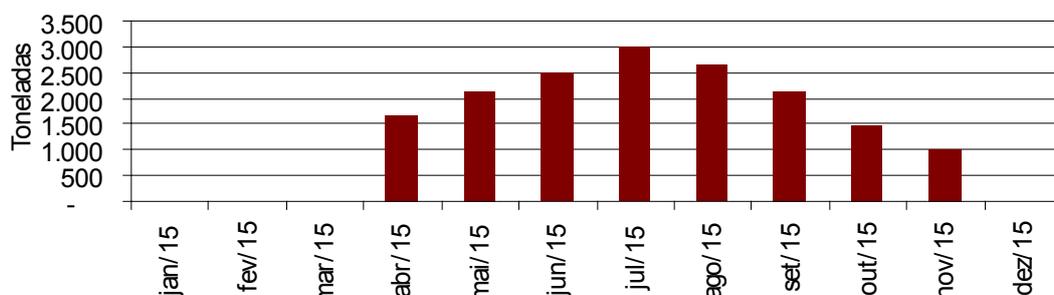
Fonte:Conab

Gráfico 29 - Receita bruta mês a mês



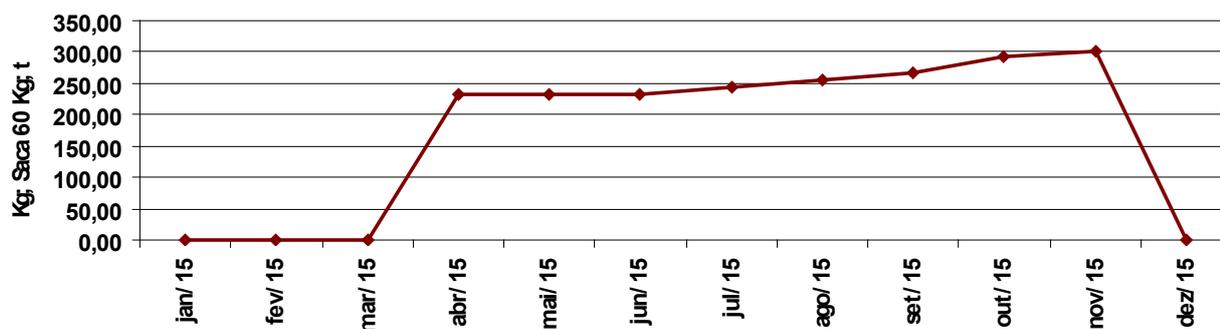
Fonte:Conab

Gráfico 30 - Produção mês a mês



Fonte:Conab

Gráfico 31 - Preços mês a mês



Fonte:Conab



O estado apresentou uma pequena elevação de receita bruta, o comportamento da produção/comercialização neste estado está centralizado de abril a

novembro de 2015. Apresentou um preço médio de R\$ 251,64, com produção de 16.600 de toneladas e receita bruta apurada de R\$ 4.177,22.

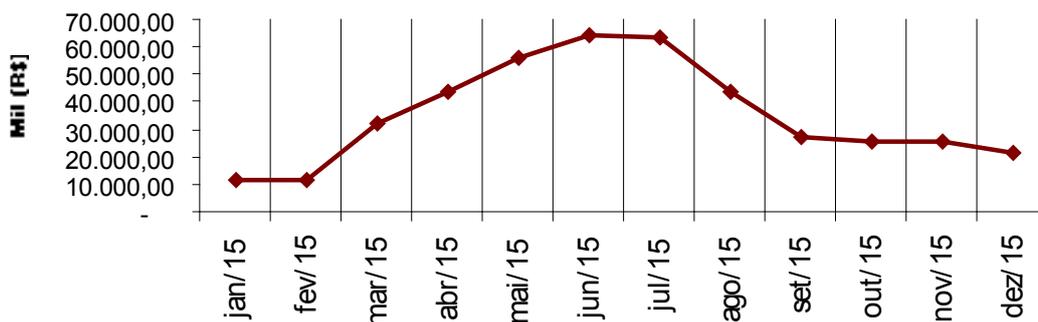
9.3. RONDÔNIA

Tabela 10 - Receita bruta mês a mês por estado

Mês	PREÇO	PRODUÇÃO (t.)	RECEITA BRUTA	VAR.% (MÊS)
jan/15	218,48	51.717	11.299,13	-
fev/15	220,89	51.717	11.423,77	1,10%
mar/15	232,22	137.912	32.025,92	180,34%
abr/15	231,11	189.629	43.825,16	36,84%
mai/15	231,44	241.346	55.857,12	27,45%
jun/15	231,53	275.824	63.861,53	14,33%
jul/15	245,19	258.585	63.402,46	0,72%
ago/15	253,96	172.390	43.780,16	30,95%
set/15	266,57	103.434	27.572,40	37,02%
out/15	291,59	86.195	25.133,60	8,85%
nov/15	300,78	86.195	25.925,73	3,15%
dez/15	307,38	68.956	21.195,70	18,24%

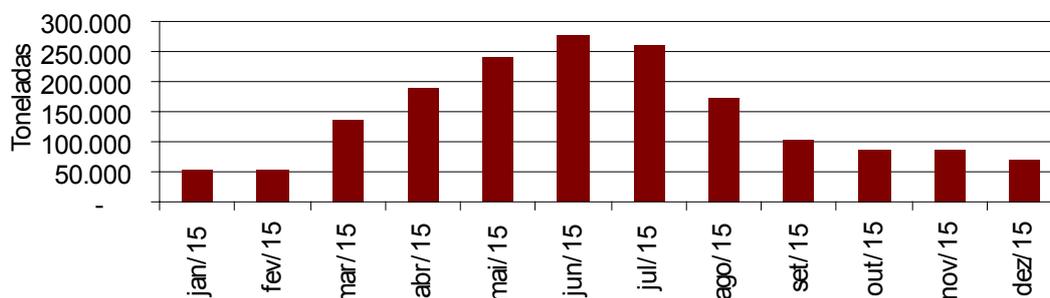
Fonte:Conab

Gráfico 32 - Receita bruta mês a mês



Fonte:Conab

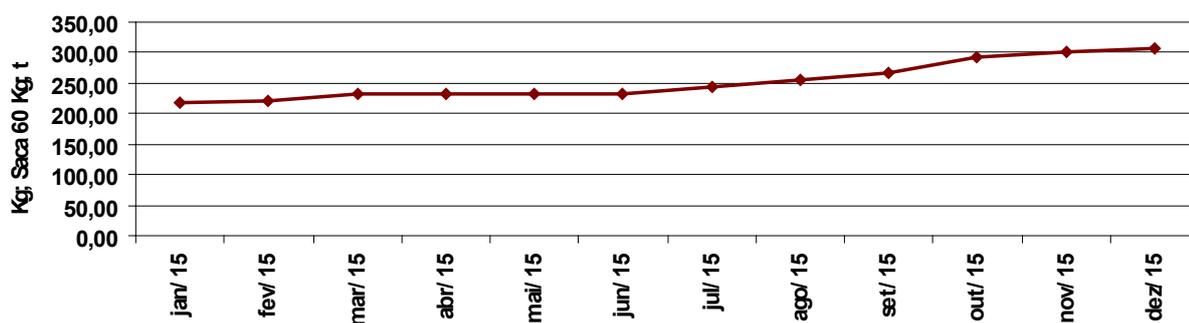
Gráfico 33 - Produção mês a mês



Fonte:Conab



Gráfico 34 - Preços mês a mês



Fonte:Conab

O estado apresentou uma pequena elevação de receita bruta, a produção/comercialização da produção neste estado está centralizado de janeiro a dezembro

de 2015. Apresentou um preço médio de R\$ 246,71, com produção de 1.723.900 de toneladas e receita bruta apurada de R\$ 425.302,68.

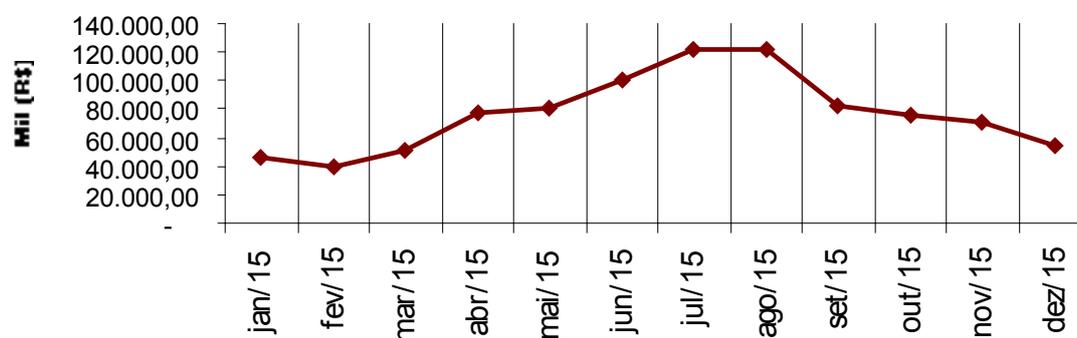
9.4. BAHIA

Tabela 11 - Receita bruta mês a mês por estado

Mês	PREÇO	PRODUÇÃO (t.)	RECEITA BRUTA	VAR.%(MÊS)
jan/15	394,10	117.285	46.222,02	-
fev/15	387,26	100.396	38.879,59	15,89%
mar/15	377,22	134.174	50.612,80	30,18%
abr/15	389,25	200.792	78.157,25	54,42%
mai/15	366,25	221.434	81.100,23	3,77%
jun/15	371,92	268.348	99.804,69	23,06%
jul/15	375,48	325.583	122.249,96	22,49%
ago/15	409,38	298.373	122.147,96	0,08%
set/15	407,42	200.792	81.806,64	33,03%
out/15	427,25	177.335	75.766,79	7,38%
nov/15	415,07	170.767	70.879,82	6,45%
dez/15	419,56	130.421	54.718,75	22,80%

Fonte:Conab

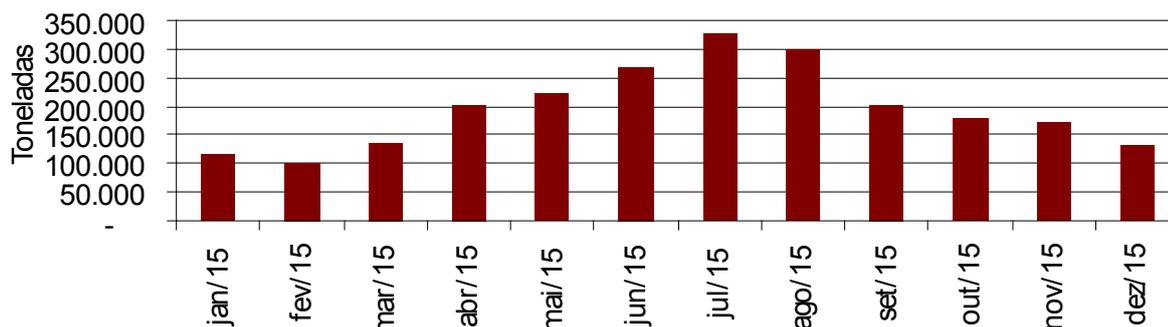
Gráfico 35 - Receita bruta mês a mês



Fonte:Conab

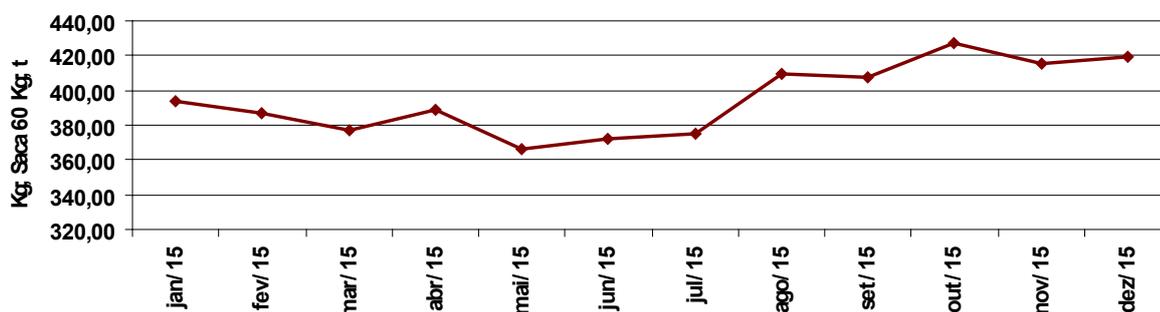


Gráfico 36 - Produção mês a mês



Fonte:Conab

Gráfico 37 - Preços mês a mês



Fonte:Conab

O estado apresentou uma pequena elevação de receita bruta, o comportamento da produção/comercialização neste estado está centralizado de janeiro

a dezembro de 2015. Apresentou um preço médio de R\$ 393,21, com produção de 2.345.700 de toneladas e receita bruta apurada de R\$ 922.346,49.

9.5. CEARÁ

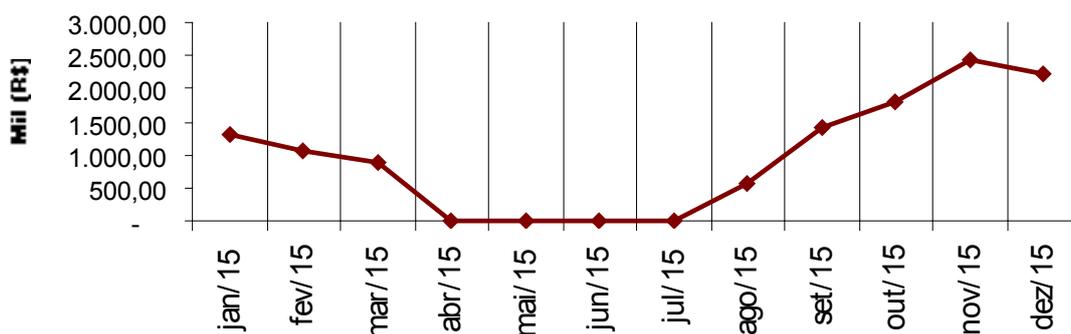
Tabela 12- Receita bruta mês a mês por estado

Mês	PREÇO	PRODUÇÃO (t.)	RECEITA BRUTA	VAR.%(MÊS)
jan/15	344,85	3.792	1.307,67	-
fev/15	336,79	3.160	1.064,24	18,62%
mar/15	348,10	2.528	879,98	17,31%
abr/15	-	-	-	100,00%
mai/15	-	-	-	-
jun/15	-	-	-	-
jul/15	-	-	-	-
ago/15	355,18	1.580	561,18	-
set/15	369,53	3.792	1.401,24	149,70%
out/15	380,35	4.740	1.802,84	28,66%
nov/15	386,23	6.320	2.440,97	35,40%
dez/15	391,29	5.688	2.225,63	8,82%

Fonte:Conab

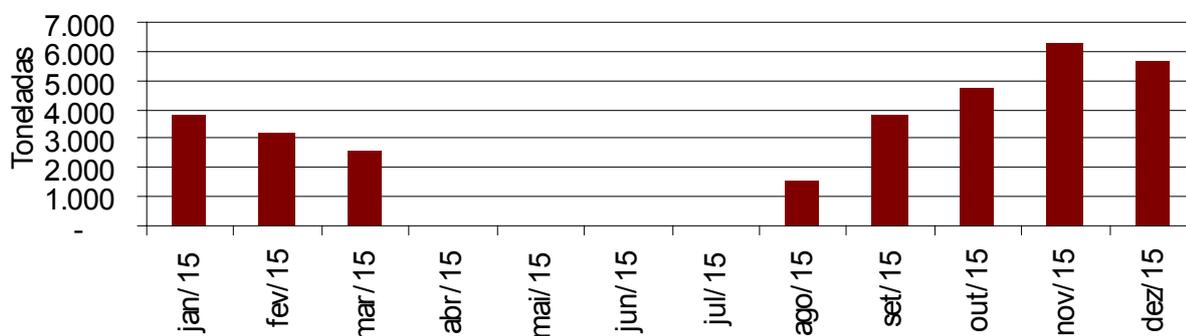


Gráfico 38 - Receita bruta mês a mês



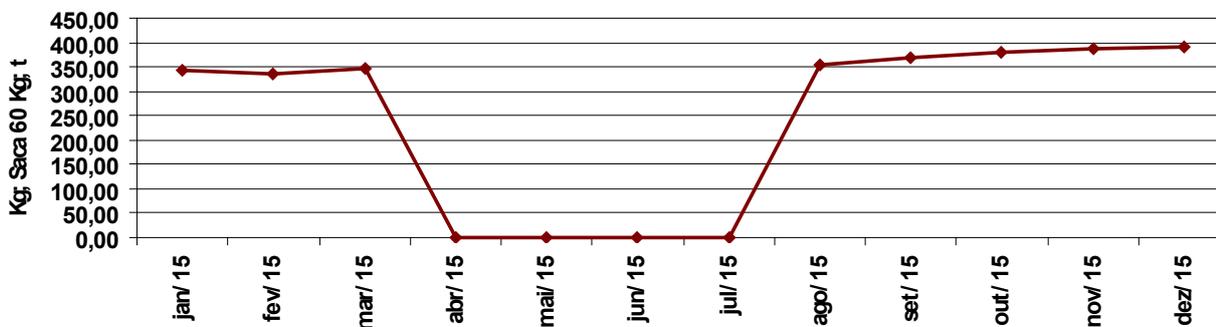
Fonte:Conab

Gráfico 39 - Produção mês a mês



Fonte:Conab

Gráfico 40 - Preços mês a mês



Fonte:Conab

O estado apresentou uma pequena elevação de receita bruta, o comportamento da produção/comercialização neste estado está centralizado de janeiro a mar-

ço e de agosto a dezembro de 2015. Apresentou um preço médio de R\$ 369,74, com produção de 31.600 toneladas e receita bruta apurada de R\$ 11.683,75.



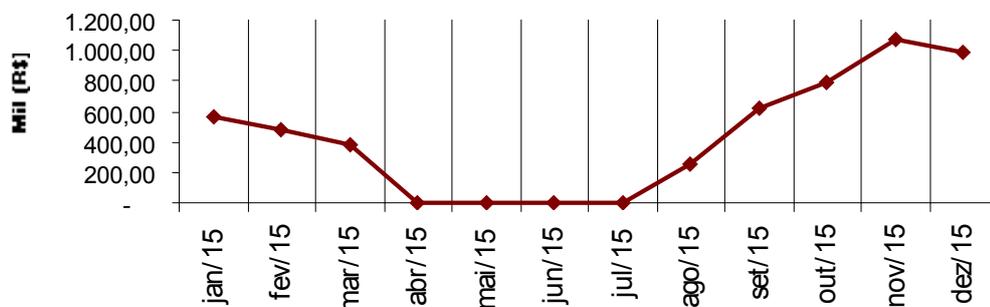
9.6. PERNAMBUCO

Tabela 13 - Receita bruta mês a mês por estado

Mês	PREÇO	PRODUÇÃO (t.)	RECEITA BRUTA	VAR.% (MÊS)
jan/15	305,85	1.848	565,21	-
fev/15	308,23	1.540	474,67	16,02%
mar/15	306,38	1.232	377,46	20,48%
abr/15	-	-	-	100,00%
mai/15	-	-	-	-
jun/15	-	-	-	-
jul/15	-	-	-	-
ago/15	327,59	770	252,24	-
set/15	336,69	1.848	622,20	146,67%
out/15	342,05	2.310	790,12	26,99%
nov/15	349,73	3.080	1.077,17	36,33%
dez/15	355,12	2.772	984,38	8,61%

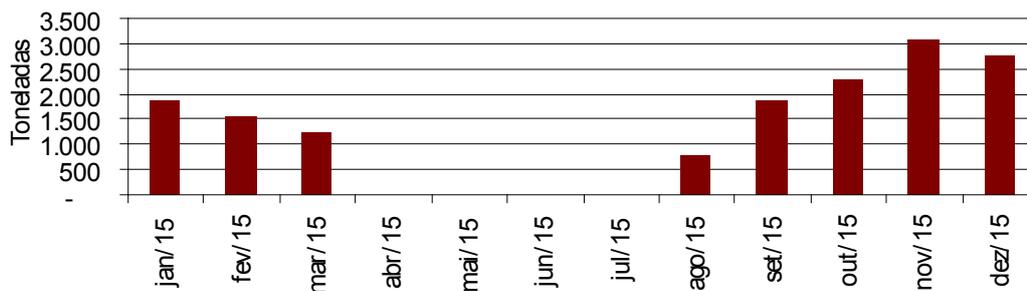
Fonte:Conab.

Gráfico 41 - Receita bruta mês a mês



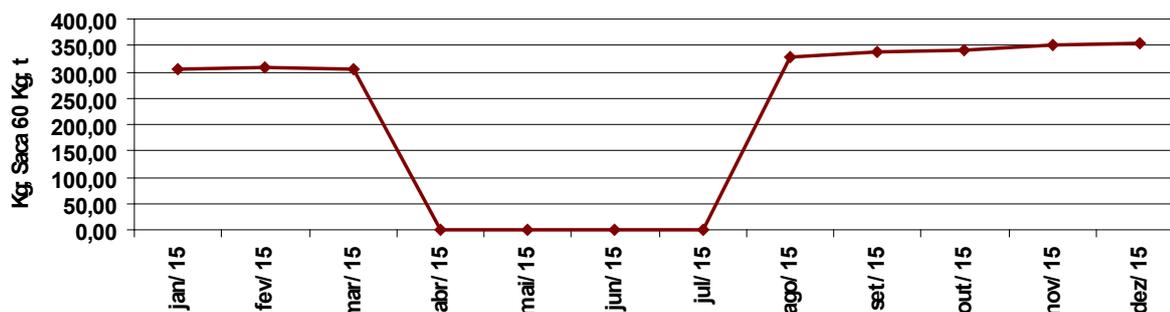
Fonte:Conab

Gráfico 42 - Produção mês a mês



Fonte:Conab

Gráfico 43 - Preços mês a mês



Fonte:Conab



O estado apresentou uma pequena elevação de receita bruta, o comportamento da produção/comercialização neste estado está centralizado de janeiro a mar-

ço e de agosto a dezembro de 2015. Apresentou um preço médio de R\$ 333,99, com produção de 15.400 toneladas e receita bruta apurada de R\$ 5.143,46.

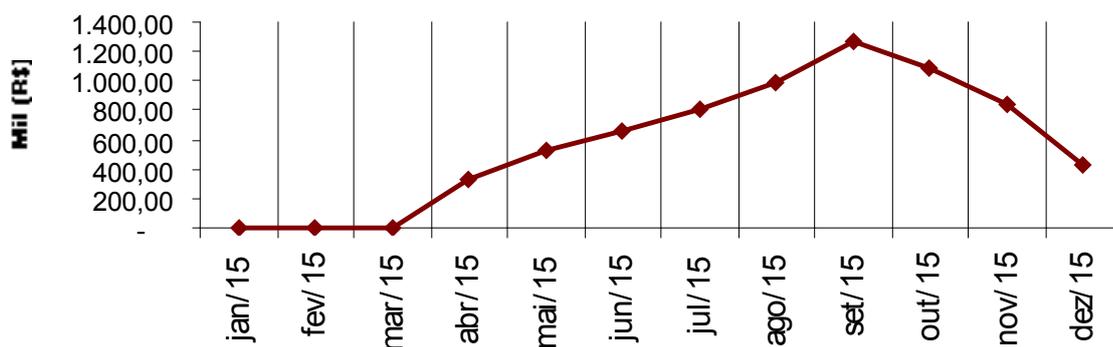
9.7. DISTRITO FEDERAL

Tabela 14 - Receita bruta mês a mês por estado

Mês	PREÇO	PRODUÇÃO (t.)	RECEITA BRUTA	VAR.% (MÊS)
jan/15	-	-	-	-
fev/15	-	-	-	-
mar/15	-	-	-	-
abr/15	302,00	1.090	329,18	-
mai/15	298,10	1.744	519,89	57,93%
jun/15	303,88	2.180	662,46	27,42%
jul/15	308,40	2.616	806,77	21,78%
ago/15	321,25	3.052	980,46	21,53%
set/15	322,88	3.924	1.266,98	29,22%
out/15	330,30	3.270	1.080,08	14,75%
nov/15	324,00	2.616	847,58	21,53%
dez/15	332,25	1.308	434,58	48,73%

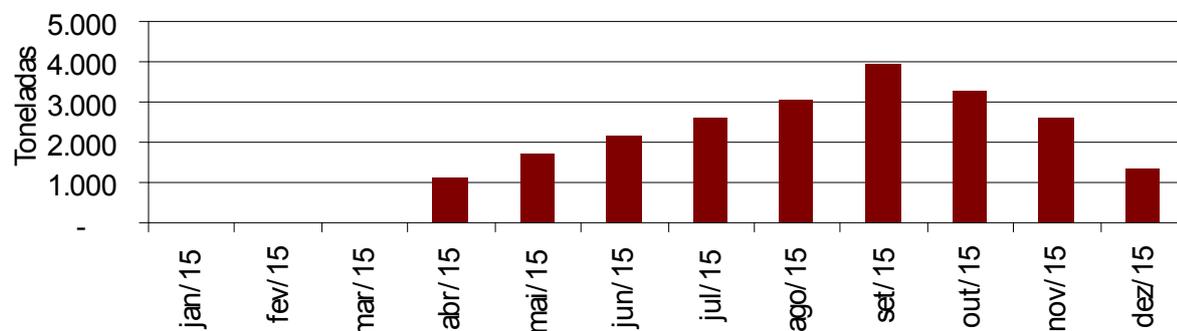
Fonte:Conab

Gráfico 44 - Receita bruta mês a mês



Fonte:Conab

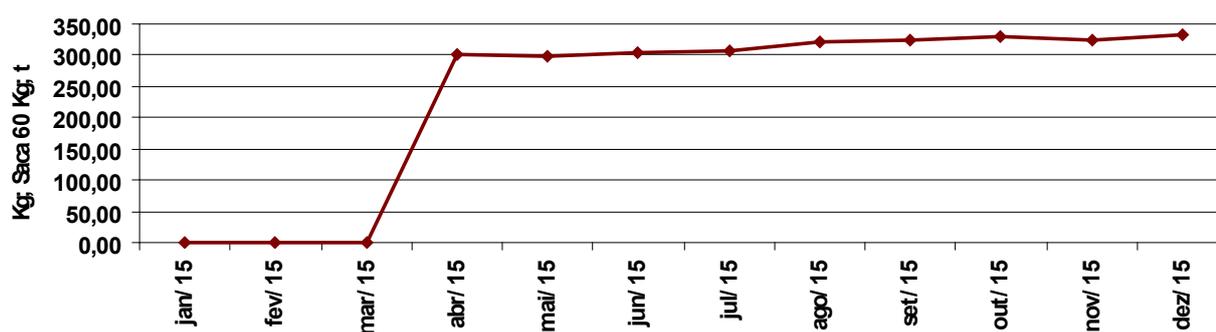
Gráfico 45 - Produção mês a mês



Fonte:Conab



Gráfico 46 - Preços mês a mês



Fonte:Conab

O estado apresentou uma pequena elevação de receita bruta, o comportamento da produção/comercialização neste estado está centralizado de abril a

dezembro de 2015. Apresentou um preço médio de R\$ 317,80, com produção de 21.800 toneladas e receita bruta apurada de R\$ 6.927,98.

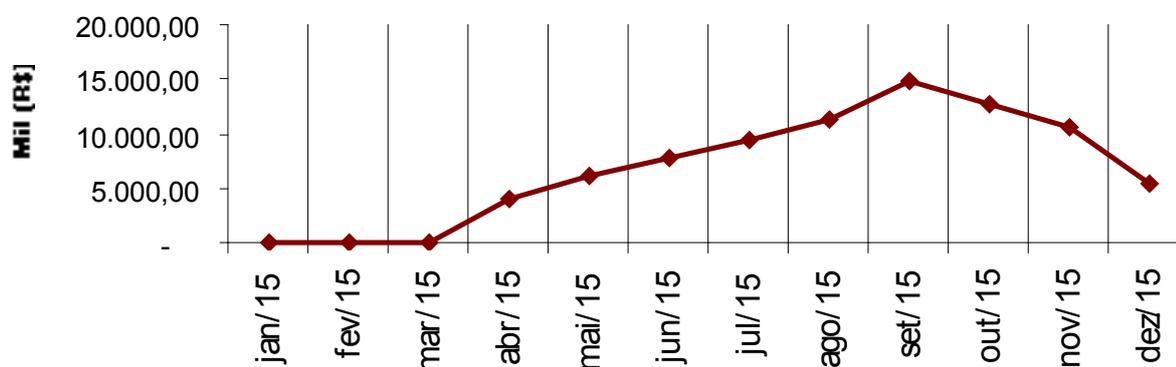
9.8. GOIÁS

Tabela 15 - Receita bruta mês a mês por estado

Mês	PREÇO	PRODUÇÃO (t.)	RECEITA BRUTA	VAR.%(MÊS)
jan/15	-	-	-	-
fev/15	-	-	-	-
mar/15	-	-	-	-
abr/15	352,80	11.310	3.990,11	-
mai/15	335,94	18.096	6.079,17	52,36%
jun/15	345,45	22.620	7.813,97	28,54%
jul/15	343,69	27.144	9.328,99	19,39%
ago/15	357,68	31.668	11.326,85	21,42%
set/15	363,89	40.716	14.815,94	30,80%
out/15	375,23	33.930	12.731,38	14,07%
nov/15	389,12	27.144	10.562,27	17,04%
dez/15	404,94	13.572	5.495,78	47,97%

Fonte:Conab

Gráfico 47 - Receita bruta mês a mês



Fonte:Conab



Gráfico 48 - Produção mês a mês

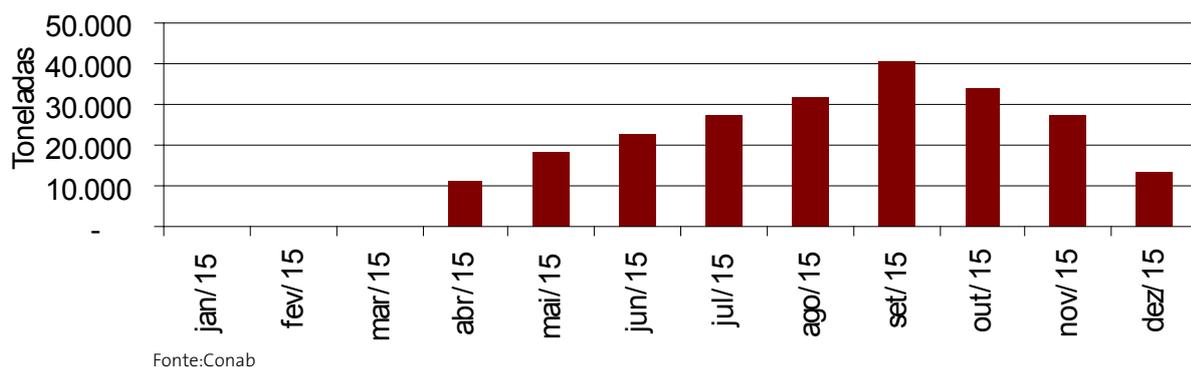
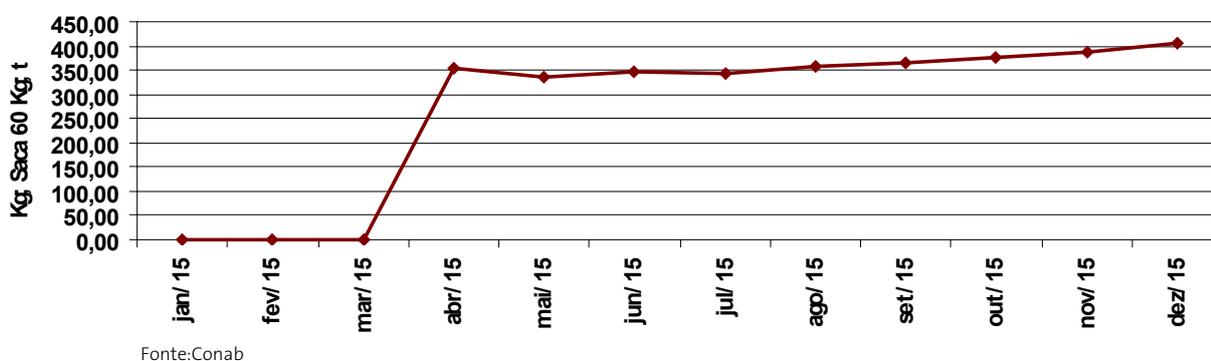


Gráfico 49 - Preços mês a mês



O estado apresentou uma elevação pequena de receita bruta, o comportamento da produção/comercialização neste estado está centralizado de abril a

dezembro de 2015. Apresentou um preço médio de R\$ 363,15, com produção de 226.200 toneladas e receita bruta apurada de R\$ 82.144,46 mil.

9.9. MATO GROSSO DO SUL

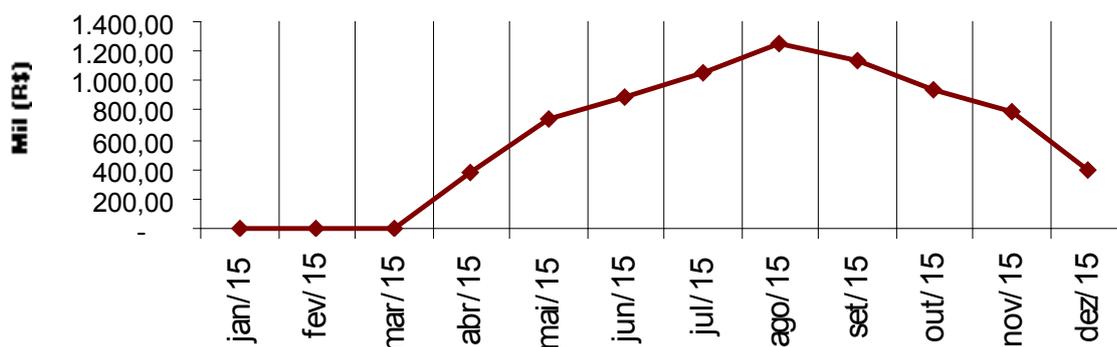
Tabela 16 - Receita bruta mês a mês por estado

Mês	PREÇO	PRODUÇÃO (t.)	RECEITA BRUTA	VAR.%(MÊS)
jan/15	-	-	-	-
fev/15	-	-	-	-
mar/15	-	-	-	-
abr/15	335,83	1.105	371,09	-
mai/15	332,83	2.210	735,54	98,21%
jun/15	335,61	2.652	890,02	21,00%
jul/15	338,46	3.094	1.047,20	17,66%
ago/15	335,18	3.757	1.259,25	20,25%
set/15	342,36	3.315	1.134,91	9,87%
out/15	352,55	2.652	934,95	17,62%
nov/15	358,90	2.210	793,16	15,17%
dez/15	361,78	1.105	399,77	49,60%

Fonte: Conab

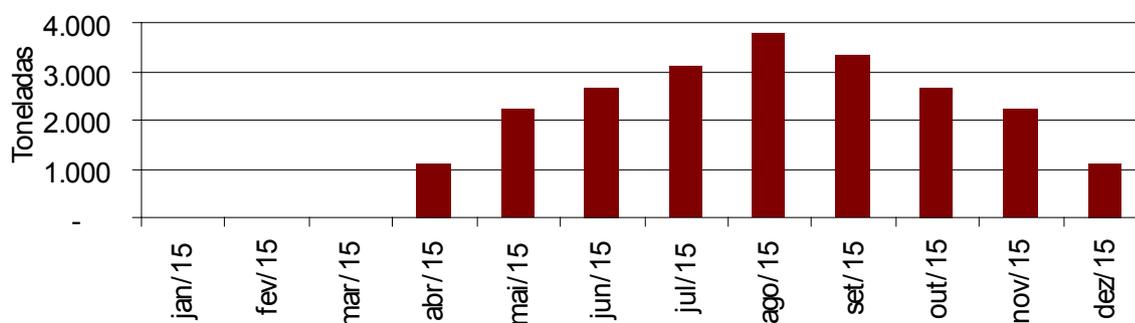


Gráfico 50 - Receita bruta mês a mês



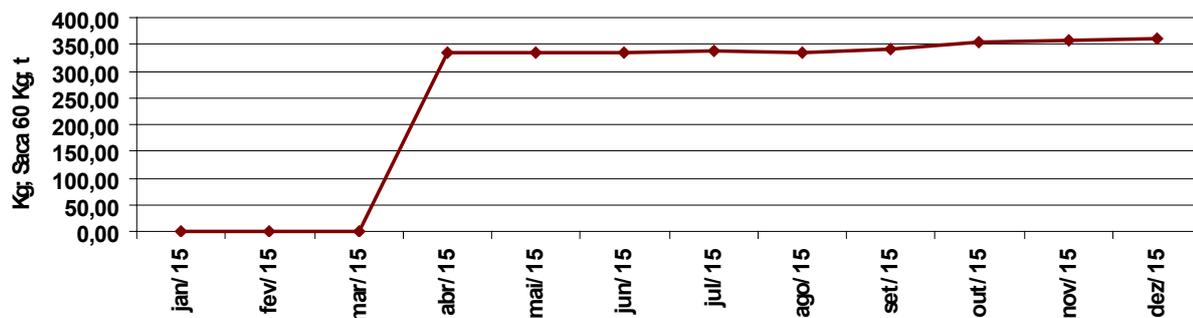
Fonte:Conab

Gráfico 51 - Produção mês a mês



Fonte:Conab

Gráfico 52 - Preços mês a mês



Fonte:Conab

O estado apresentou uma pequena elevação de receita bruta, o comportamento da produção/comercialização neste estado está centralizado de abril a

dezembro de 2015. Apresentou um preço médio de R\$ 342,35, com produção de 22.100 toneladas e receita bruta apurada de R\$ 7.565,88.



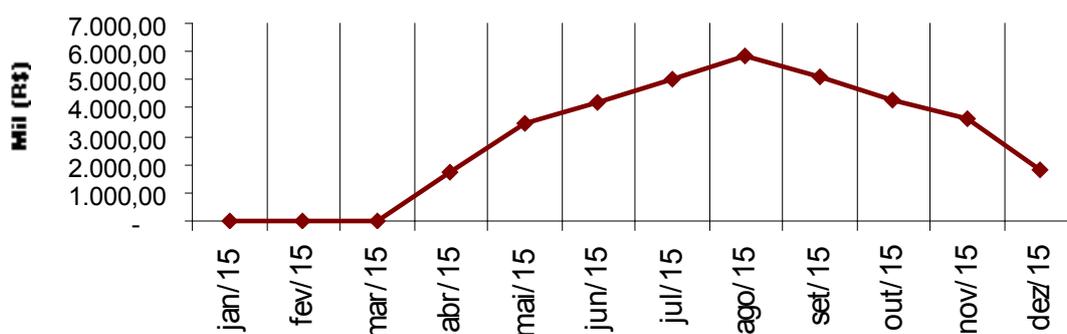
9.10. MATO GROSSO

Tabela 17 - Receita bruta mês a mês por estado

Mês	PREÇO	PRODUÇÃO (t.)	RECEITA BRUTA	VAR.% (MÊS)
jan/15	-	-	-	-
fev/15	-	-	-	-
mar/15	-	-	-	-
abr/15	270,00	6.395	1.726,65	-
mai/15	270,00	12.790	3.453,30	100,00%
jun/15	272,50	15.348	4.182,33	21,11%
jul/15	280,00	17.906	5.013,68	19,88%
ago/15	268,00	21.743	5.827,12	16,22%
set/15	268,00	19.185	5.141,58	11,76%
out/15	279,80	15.348	4.294,37	16,48%
nov/15	285,00	12.790	3.645,15	15,12%
dez/15	285,00	6.395	1.822,58	50,00%

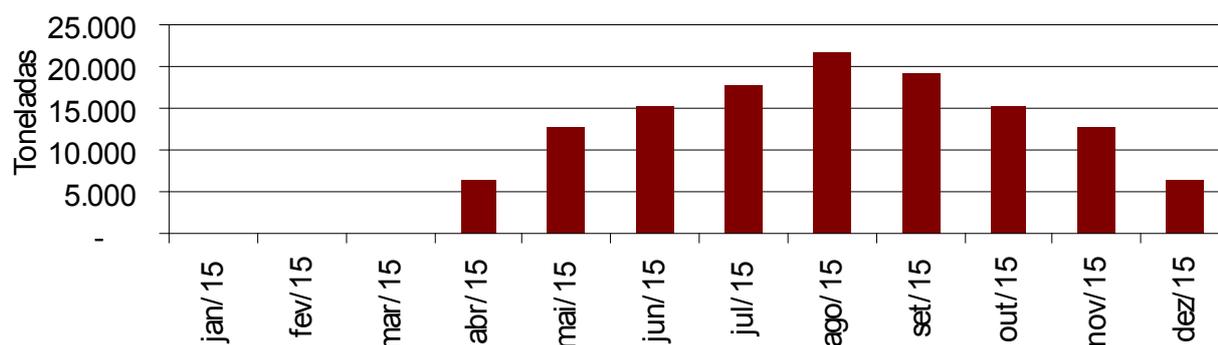
Fonte:Conab

Gráfico 53 - Receita bruta mês a mês



Fonte:Conab

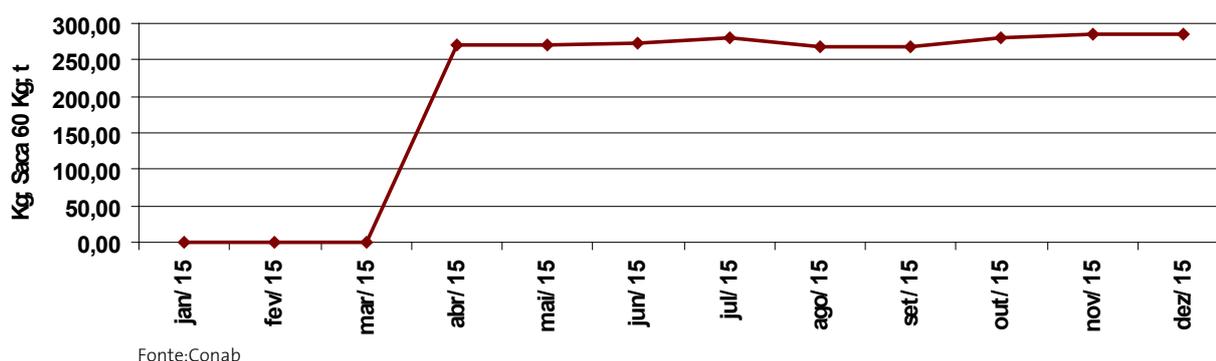
Gráfico 54 - Produção mês a mês



Fonte:Conab



Gráfico 55 - Preços mês a mês



O estado apresentou uma pequena elevação de receita bruta, o comportamento da produção/comercialização neste estado está centralizado de abril a

dezembro de 2015. Apresentou um preço médio de R\$ 274,49, com produção de 127.900 toneladas e receita bruta apurada de R\$ 35.106,76.

9.11. ESPÍRITO SANTO

Tabela 18 - Receita bruta mês a mês por estado

Mês	PREÇO	PRODUÇÃO (t.)	RECEITA BRUTA	VAR.%(MÊS)
jan/15	272,64	564.960	154.032,95	-
fev/15	286,53	457.960	131.220,93	14,81%
mar/15	288,69	671.960	193.986,25	47,83%
abr/15	287,35	885.960	254.578,83	31,24%
mai/15	281,94	950.160	267.884,31	5,23%
jun/15	287,56	1.164.160	334.763,06	24,97%
jul/15	292,93	1.455.200	426.278,14	27,34%
ago/15	313,40	1.361.040	426.552,66	0,06%
set/15	324,20	1.065.720	345.503,87	19,00%
out/15	340,95	778.960	265.585,48	23,13%
nov/15	348,33	749.000	260.898,27	1,76%
dez/15	354,79	594.920	211.073,57	19,10%

Fonte: Conab

Gráfico 56 - Receita bruta mês a mês

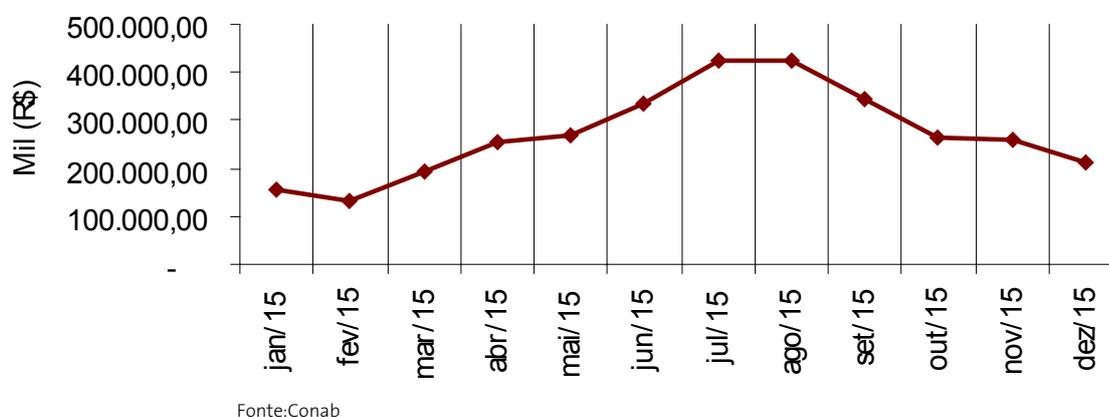
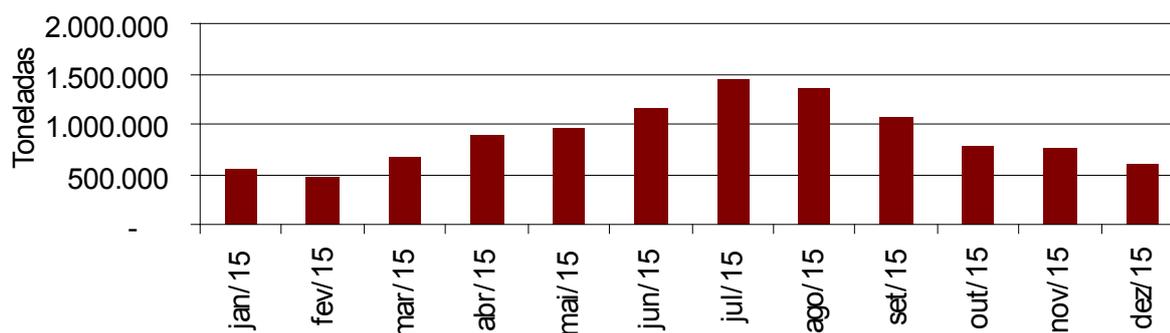
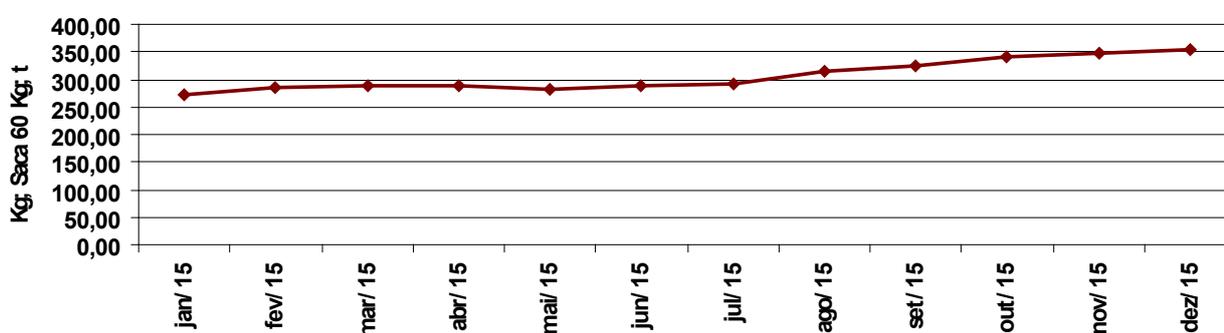


Gráfico 57 - Produção mês a mês



Fonte:Conab

Gráfico 58 - Preços mês a mês



Fonte:Conab

O estado apresentou uma pequena elevação de receita bruta, o comportamento da produção/comercialização neste estado está centralizado de janeiro

a dezembro de 2015. Apresentou um preço médio de R\$ 305,83, com produção de 10.700.000 toneladas e receita bruta apurada de R\$ 3.272.358,31.

9.12. MINAS GERAIS

Tabela 19 - Receita bruta mês a mês por estado

Mês	PREÇO	PRODUÇÃO (t.)	RECEITA BRUTA	VAR.%(MÊS)
jan/15	464,22	1.115.145	517.672,61	-
fev/15	455,93	1.115.145	508.428,06	1,79%
mar/15	439,94	1.115.145	490.596,89	3,51%
abr/15	446,82	2.230.290	996.538,18	103,13%
mai/15	418,13	1.784.232	746.040,93	25,14%
jun/15	417,90	2.230.290	932.038,19	24,93%
jul/15	412,02	2.453.319	1.010.816,49	8,45%
ago/15	453,45	2.676.348	1.213.590,00	20,06%
set/15	448,54	2.230.290	1.000.374,28	17,57%
out/15	471,21	2.007.261	945.841,46	5,45%
nov/15	458,66	1.784.232	818.355,85	13,48%
dez/15	475,58	1.561.203	742.476,92	9,27%

Fonte:Conab



Gráfico 59 - Receita bruta mês a mês

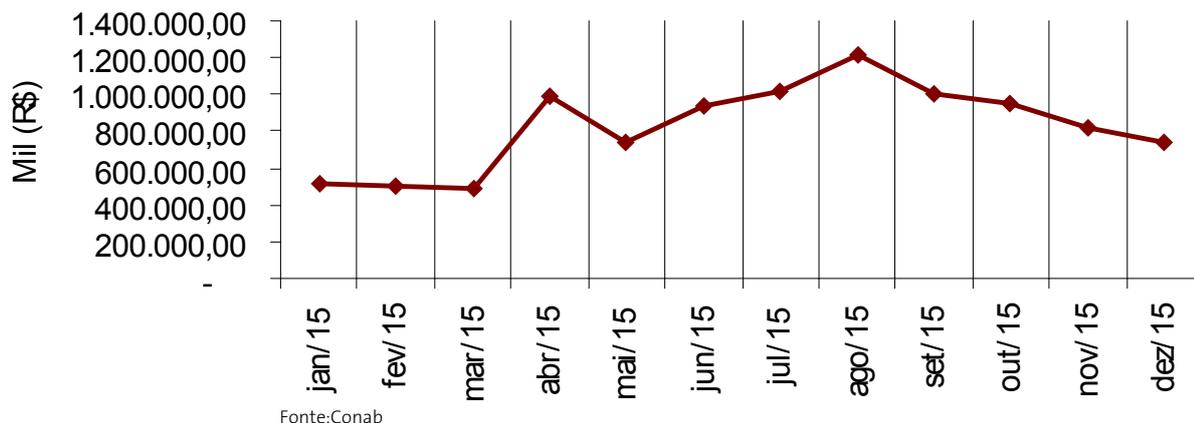


Gráfico 60 - Produção mês a mês

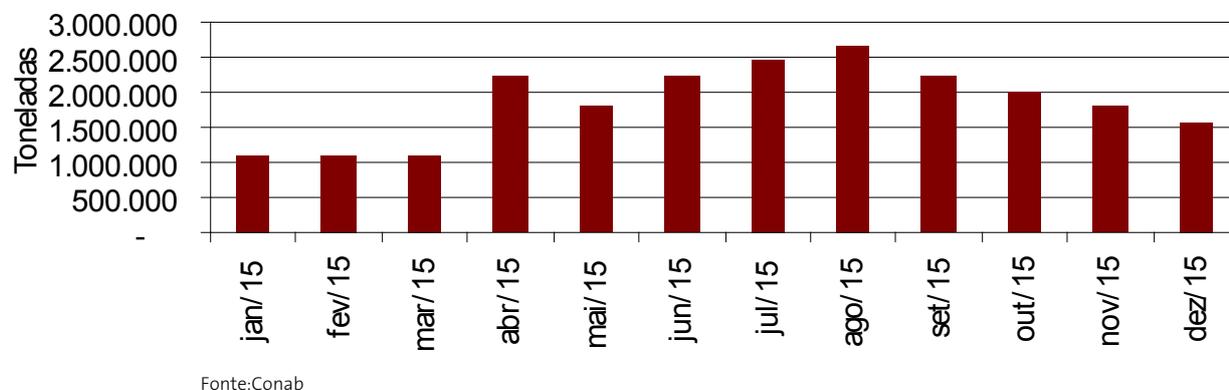
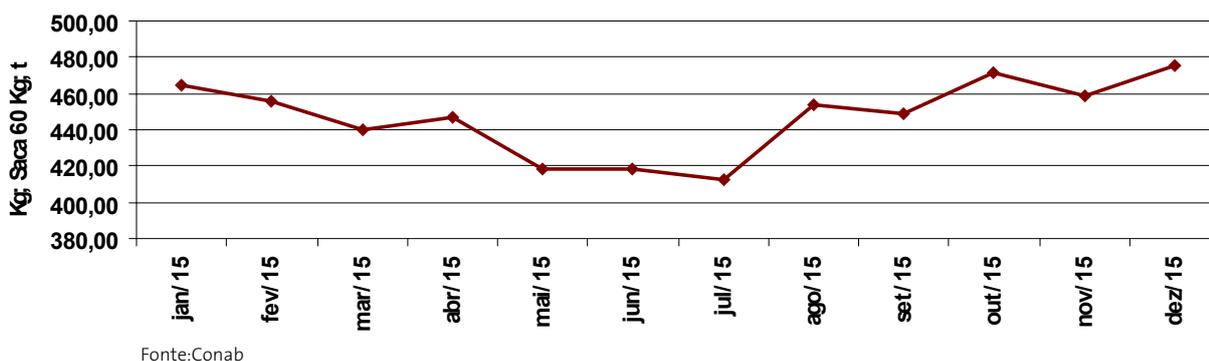


Gráfico 61 - Preços mês a mês



O estado apresentou uma pequena elevação de receita bruta, o comportamento da produção/comercialização neste estado está centralizado de janeiro

a dezembro de 2015. Apresentou um preço médio de R\$ 444,91, com produção de 22.302.900 toneladas e receita bruta apurada de R\$ 9.922.769,86.



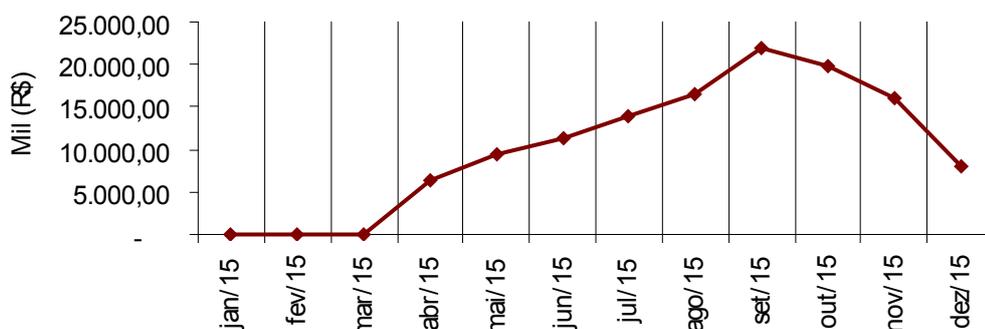
9.13. RIO DE JANEIRO

Tabela 20 - Receita bruta mês a mês por estado

Mês	PREÇO	PRODUÇÃO (t.)	RECEITA BRUTA	VAR.%(MÊS)
jan/15	-	-	-	-
fev/15	-	-	-	-
mar/15	-	-	-	-
abr/15	408,75	15.480	6.327,45	-
mai/15	385,00	24.768	9.535,68	50,70%
jun/15	361,88	30.960	11.203,80	17,49%
jul/15	377,50	37.152	14.024,88	25,18%
ago/15	380,63	43.344	16.498,03	17,63%
set/15	391,63	55.728	21.824,76	32,29%
out/15	424,20	46.440	19.699,85	9,74%
nov/15	431,67	37.152	16.037,40	18,59%
dez/15	425,63	18.576	7.906,50	50,70%

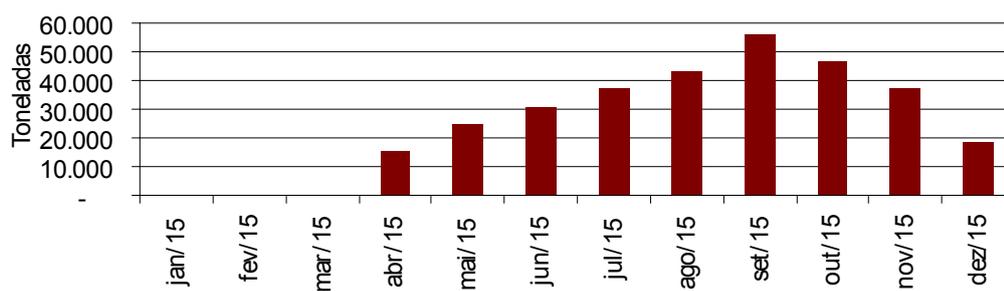
Fonte:Conab

Gráfico 62 - Receita bruta mês a mês



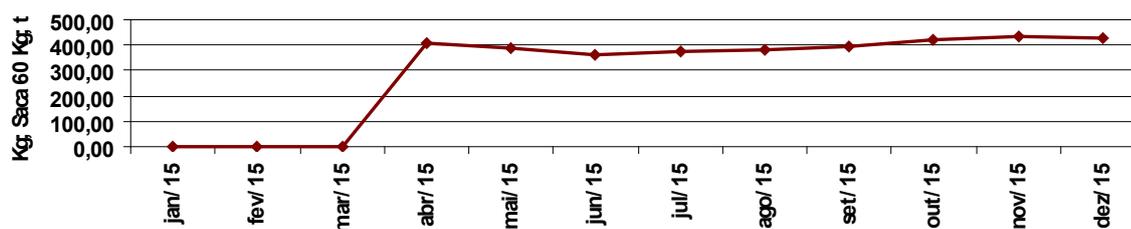
Fonte:Conab

Gráfico 63 - Produção mês a mês



Fonte:Conab

Gráfico 64 - Preços mês a mês



Fonte:Conab



O estado apresentou uma pequena elevação de receita bruta, o comportamento da produção/comercialização neste estado está centralizado de abril a

dezembro de 2015. Apresentou um preço médio de R\$ 397,48, com produção de 309.600 toneladas e receita bruta apurada de R\$ 123.058,35.

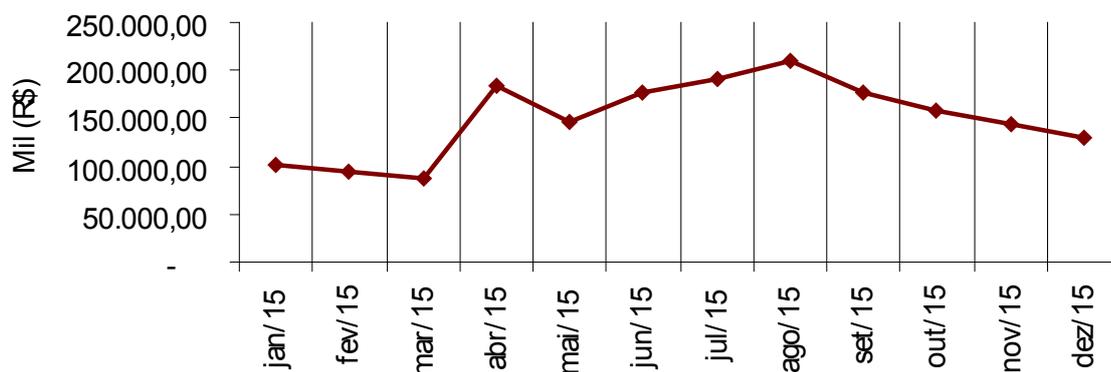
9.14. SÃO PAULO

Tabela 21 - Receita bruta mês a mês por estado

Mês	PREÇO	PRODUÇÃO (t.)	RECEITA BRUTA	VAR.%(MÊS)
jan/15	493,54	203.195	100.284,86	-
fev/15	465,71	203.195	94.629,94	5,64%
mar/15	433,69	203.195	88.123,64	6,88%
abr/15	452,45	406.390	183.871,16	108,65%
mai/15	451,22	325.112	146.697,04	20,22%
jun/15	435,82	406.390	177.112,89	20,73%
jul/15	428,08	447.029	191.364,17	8,05%
ago/15	431,35	487.668	210.355,59	9,92%
set/15	435,34	406.390	176.917,82	15,90%
out/15	435,23	365.751	159.185,81	10,02%
nov/15	443,31	325.112	144.125,40	9,46%
dez/15	456,49	284.473	129.859,08	9,90%

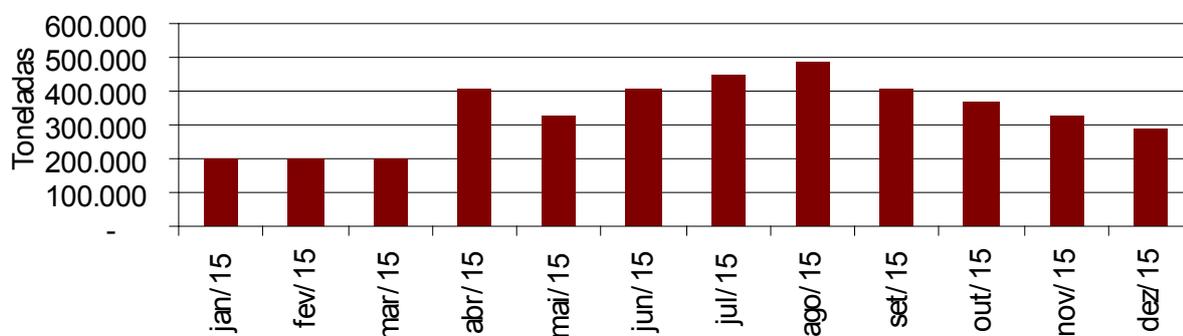
Fonte:Conab

Gráfico 65 - Receita bruta mês a mês



Fonte:Conab

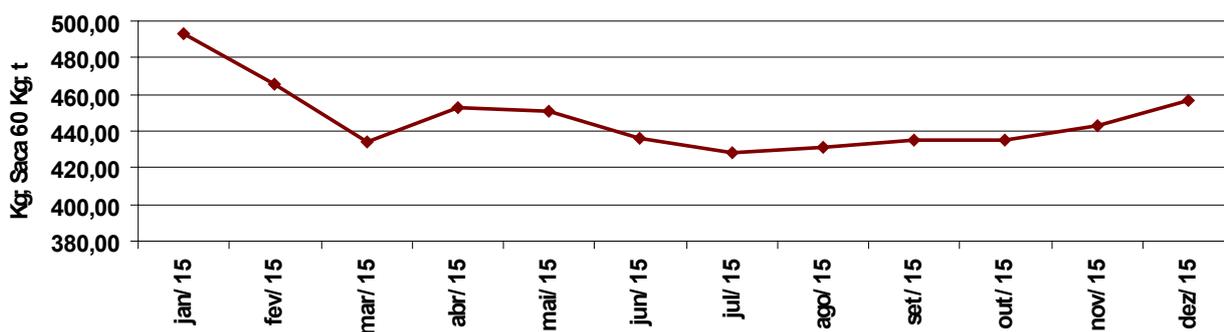
Gráfico 66 - Produção mês a mês



Fonte:Conab



Gráfico 67 - Preços mês a mês



Fonte:Conab

O estado apresentou uma pequena elevação de receita bruta, o comportamento da produção/comercialização neste estado está centralizado de janeiro a

dezembro de 2015. Apresentou um preço médio de R\$ 443,55, com produção de 4.063.900 toneladas e receita bruta apurada de R\$ 1.802.527,40.

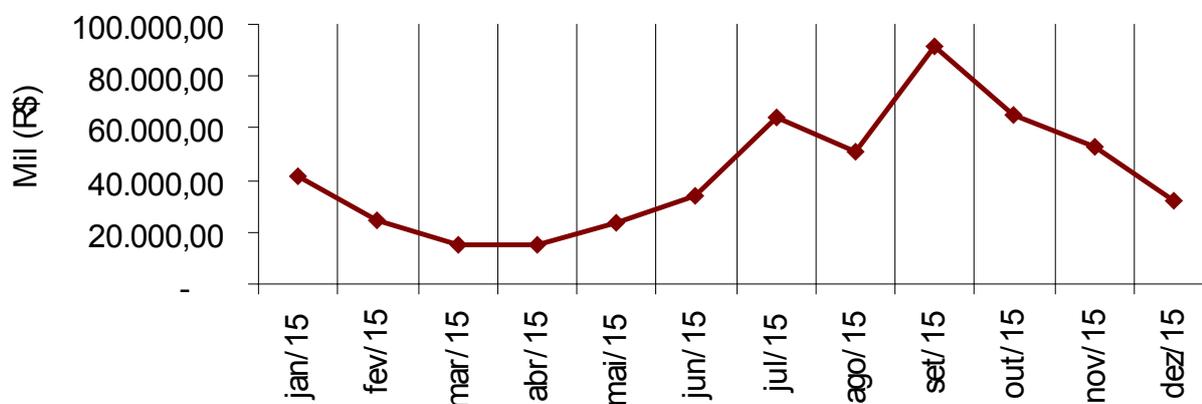
9.15. PARANÁ

Tabela 22 - Receita bruta mês a mês por estado

Mês	PREÇO	PRODUÇÃO (t.)	RECEITA BRUTA	VAR.%(MÊS)
jan/15	399,86	103.200	41.265,55	-
fev/15	386,76	64.500	24.946,02	39,55%
mar/15	383,66	38.700	14.847,64	40,48%
abr/15	380,82	38.700	14.737,73	0,74%
mai/15	368,64	64.500	23.777,28	61,34%
jun/15	377,06	90.300	34.048,52	43,20%
jul/15	383,06	167.700	64.239,16	88,67%
ago/15	397,39	129.000	51.263,31	20,20%
set/15	394,48	232.200	91.598,26	78,68%
out/15	418,75	154.800	64.822,50	29,23%
nov/15	410,51	129.000	52.955,79	18,31%
dez/15	418,25	77.400	32.372,55	38,87%

Fonte:Conab

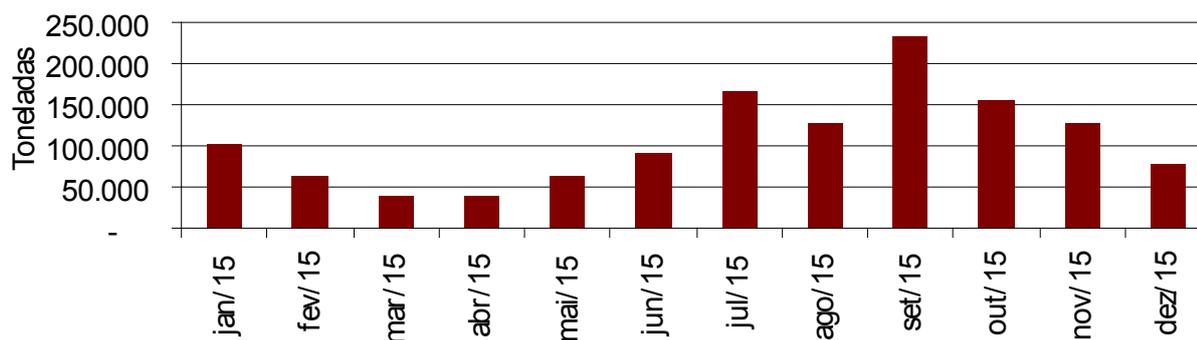
Gráfico 68 - Receita bruta mês a mês



Fonte:Conab

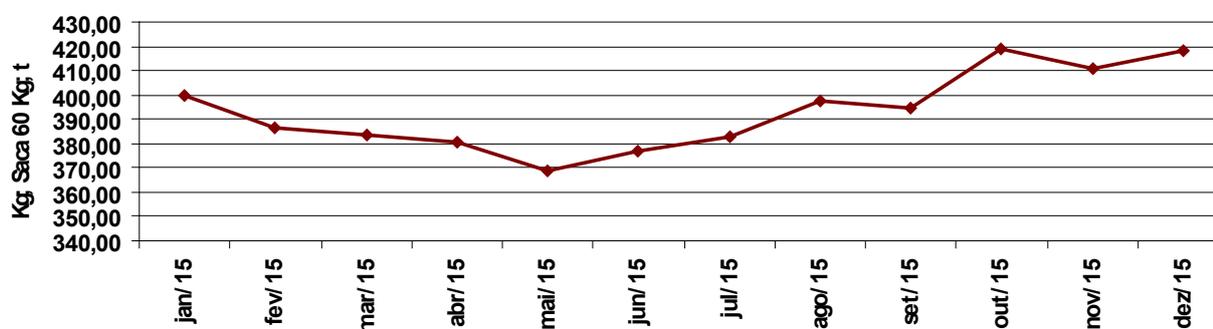


Gráfico 69- Produção mês a mês



Fonte:Conab

Gráfico 70 - Preços mês a mês



Fonte:Conab

O estado apresentou uma pequena elevação de receita bruta, o comportamento da produção/comercialização neste estado está centralizado de janeiro a

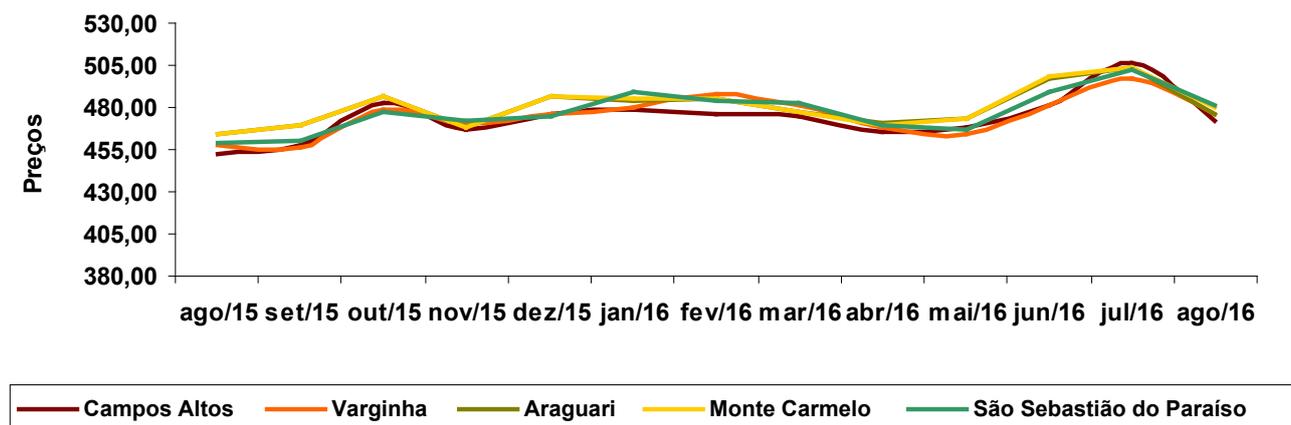
dezembro de 2015. Apresentou um preço médio de R\$ 396,03, com produção de 1.290.000 toneladas e receita bruta apurada de R\$ 510.874,31.





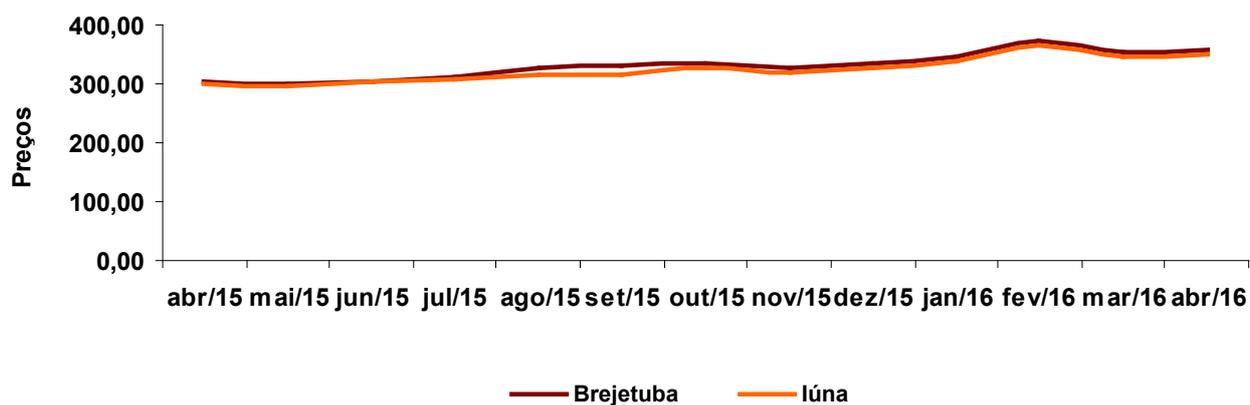
11. PREÇOS DO CAFÉ BENEFICIADO

Gráfico 71 -Preços café arábica - MG



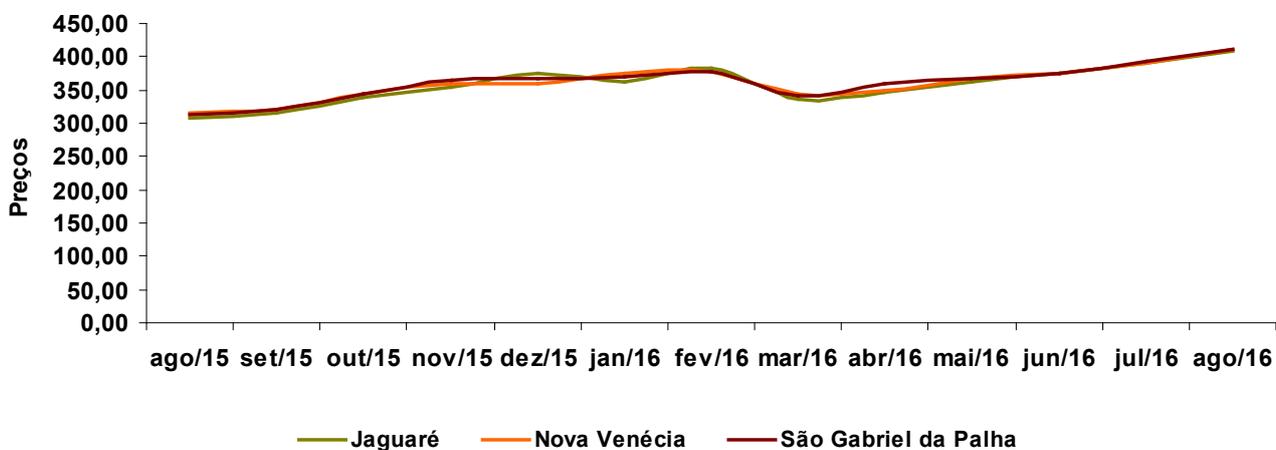
Fonte:Conab

Gráfico 72 -Preços café arábica - ES



Fonte:Conab

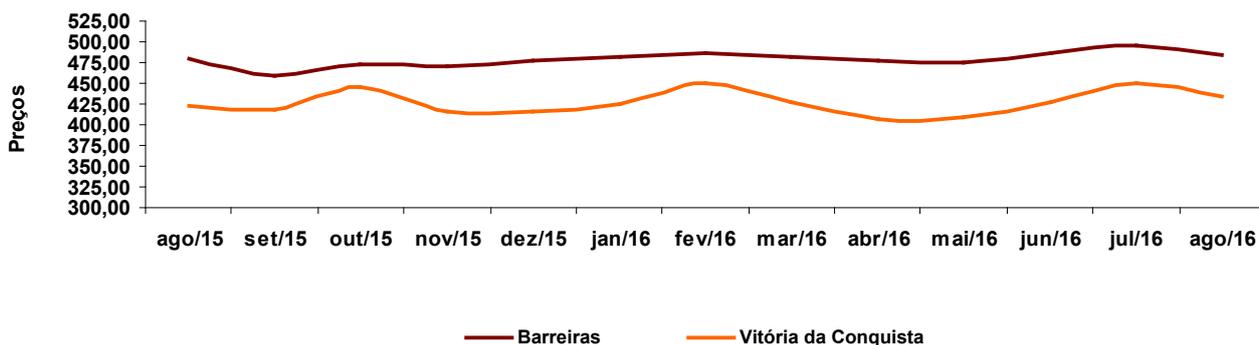
Gráfico 73 -Preços café conilon - ES



Fonte:Conab

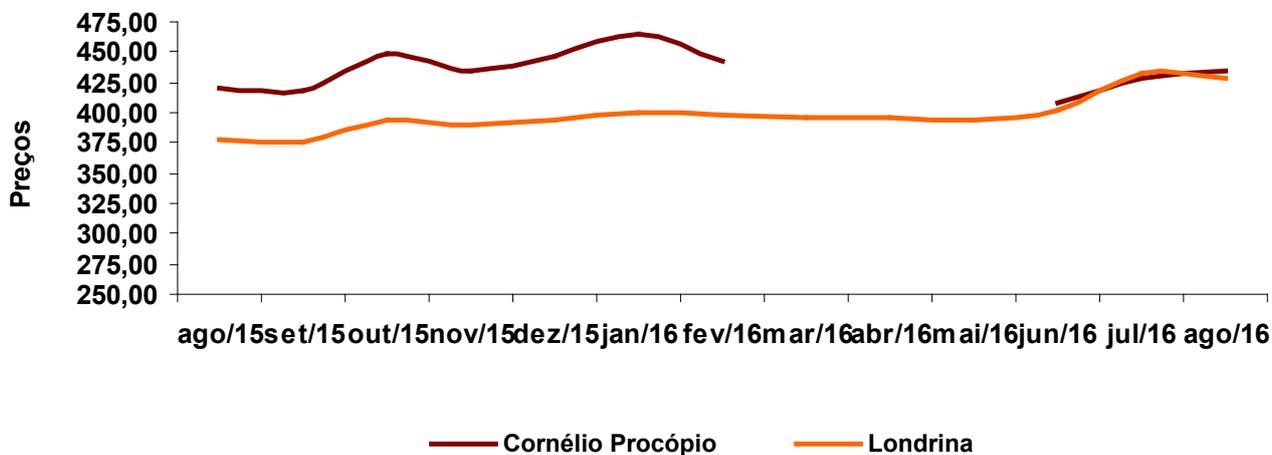


Gráfico 74 -Preços café arábica - BA



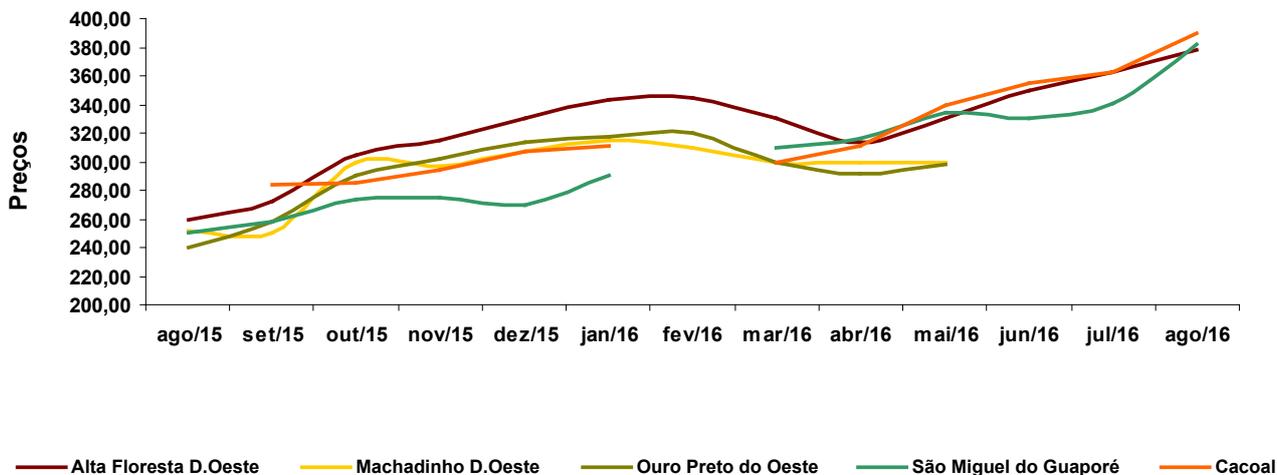
Fonte:Conab

Gráfico 75 -Preços café arábica - PR



Fonte:Conab

Gráfico 76 -Preços café conilon -RO



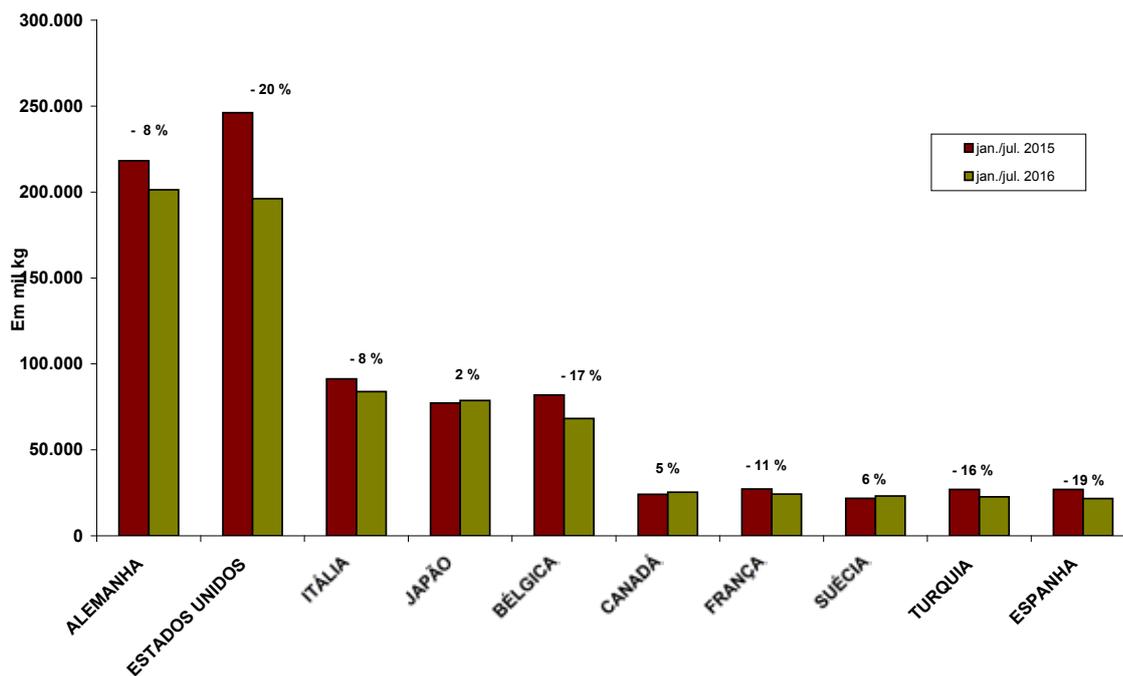
Fonte:Conab





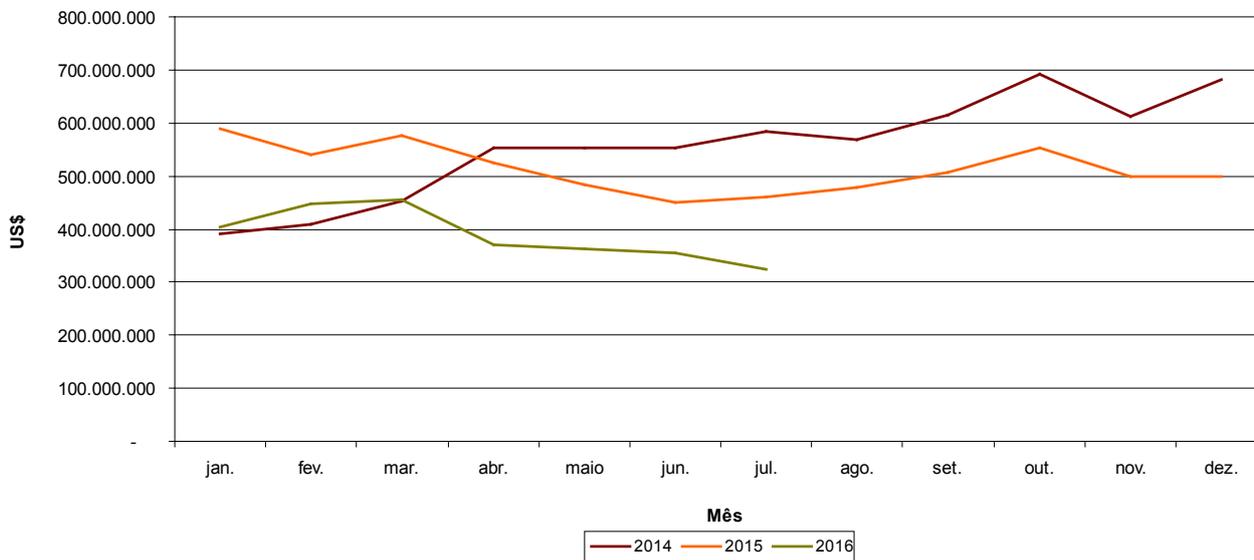
12. EXPORTAÇÃO E IMPORTAÇÃO

Gráfico 77 - Exportação de outubro/2014 a março/2016



Fonte: Agrosat (Mapa).

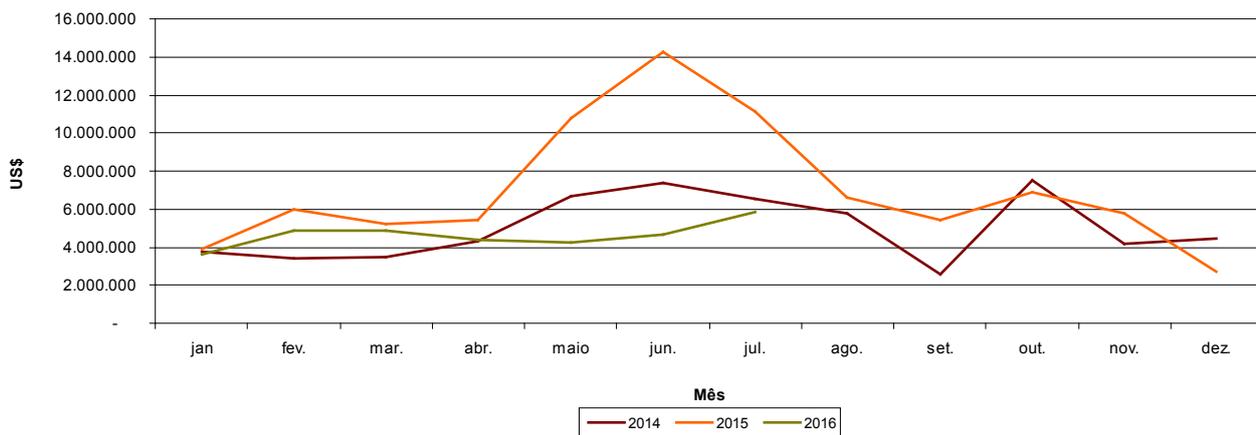
Gráfico 78 - Exportação de café em US\$ - Janeiro/2014 a julho/2016



Fonte: Agrosat (Mapa).

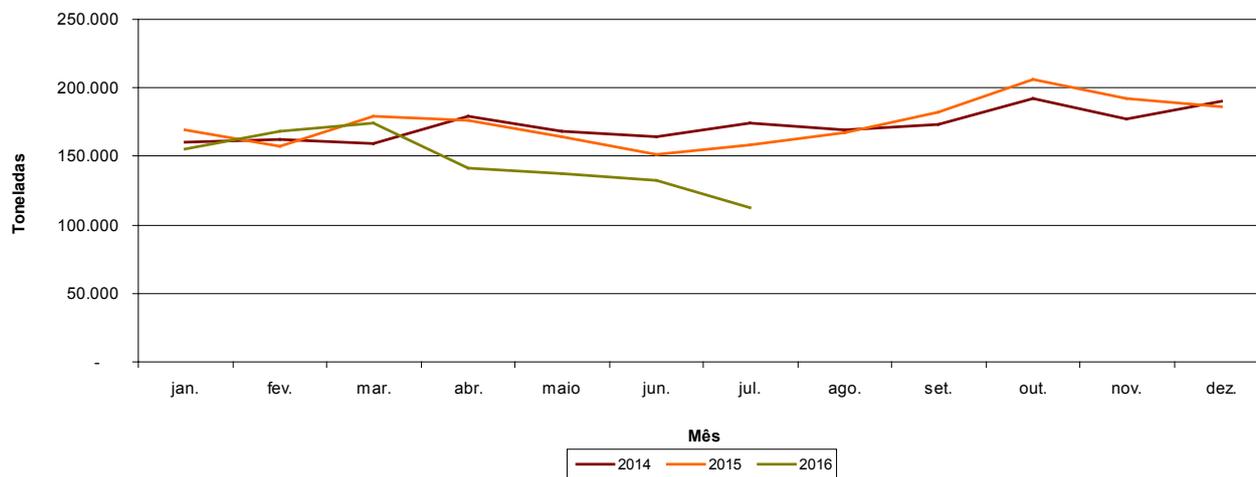


Gráfico 79 - Importação de café em US\$ - Janeiro/2014 a julho/2016



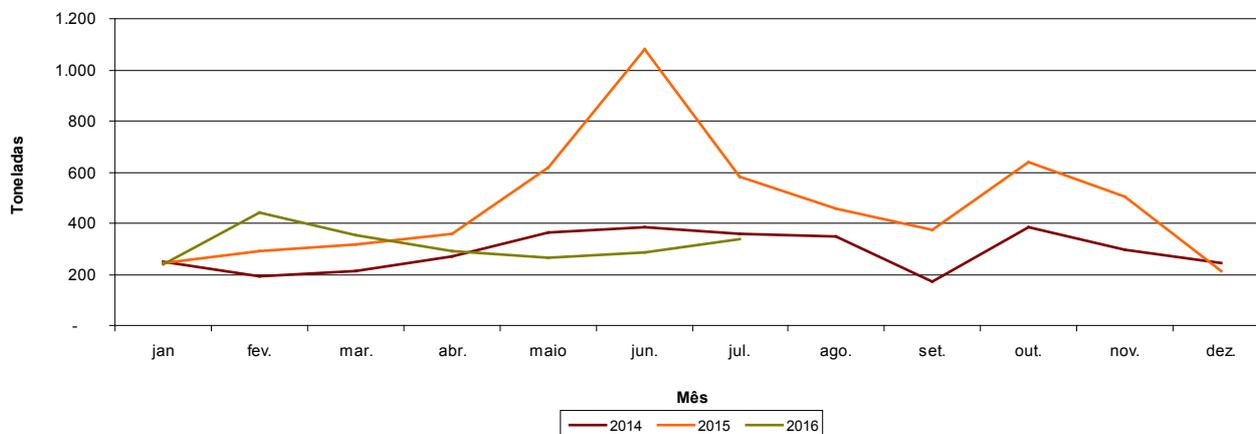
Fonte: Agrosat (Mapa):

Gráfico 80 - Exportação de café em toneladas - Janeiro/2014 a julho/2016



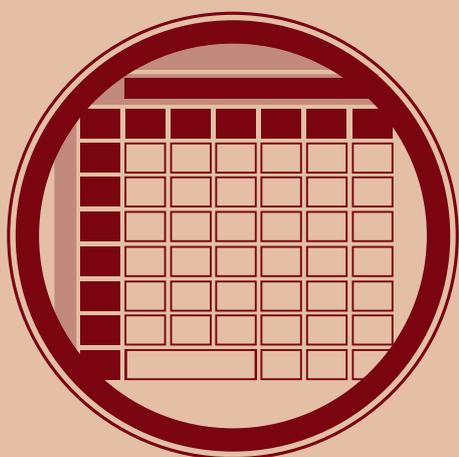
Fonte: Agrosat (Mapa).

Gráfico 81 - Importação de café em toneladas - Janeiro/2014 a julho/2016



Fonte: Agrosat (Mapa).





13. RESULTADO DETALHADO

Tabela 23 - Café total (arábica e conilon) - Comparativo de área em formação, em produção e total - safras 2015 e 2016

REGIÃO/UF	ÁREA EM FORMAÇÃO (ha)			ÁREA EM PRODUÇÃO (ha)			ÁREA TOTAL (ha)		
	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	6.954,0	6.925,0	(0,4)	88.900,0	88.320,0	(0,7)	95.854,0	95.245,0	(0,6)
RO	6.904,0	6.904,0	-	87.657,0	87.657,0	-	94.561,0	94.561,0	-
PA	50,0	21,0	(58,0)	1.243,0	663,0	(46,7)	1.293,0	684,0	(47,1)
NORDESTE	15.738,0	12.568,1	(20,1)	138.678,0	149.753,0	8,0	154.416,0	162.321,1	5,1
BA	15.738,0	12.568,1	(20,1)	138.678,0	149.753,0	8,0	154.416,0	162.321,1	5,1
Cerrado	5.058,0	2.829,0	(44,1)	9.129,0	11.328,0	24,1	14.187,0	14.157,0	(0,2)
Planalto	6.917,0	7.017,0	1,4	94.321,0	92.533,0	(1,9)	101.238,0	99.550,0	(1,7)
Atlântico	3.763,0	2.722,1	(27,7)	35.228,0	45.892,0	30,3	38.991,0	48.614,1	24,7
CENTRO-OESTE	2.530,0	3.353,6	32,6	26.364,0	19.682,6	(25,3)	28.894,0	23.036,2	(20,3)
MT	1.202,0	1.597,1	32,9	20.189,0	14.056,0	(30,4)	21.391,0	15.653,1	(26,8)
GO	1.328,0	1.756,5	32,3	6.175,0	5.626,6	(8,9)	7.503,0	7.383,1	(1,6)
SUDESTE	292.183,4	243.160,4	(16,8)	1.613.623,3	1.632.603,3	48,2	1.905.806,7	1.875.763,7	(1,6)
MG	236.074,0	189.628,0	(19,7)	968.872,0	1.008.467,0	4,1	1.204.946,0	1.198.095,0	(0,6)
Sul e Centro-Oeste	149.727,0	107.526,0	(28,2)	478.056,0	523.506,0	9,5	627.783,0	631.032,0	0,5
Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste	33.500,0	25.486,0	(23,9)	170.634,0	183.076,0	7,3	204.134,0	208.562,0	2,2
Zona da Mata, Rio Doce e Central	49.938,0	53.506,0	7,1	287.340,0	269.398,0	(6,2)	337.278,0	322.904,0	(4,3)
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	2.909,0	3.110,0	6,9	32.842,0	32.487,0	(1,1)	35.751,0	35.597,0	(0,4)
ES	42.057,0	42.059,0	-	433.242,0	410.057,0	(5,4)	475.299,0	452.116,0	(4,9)
RJ	3,0	820,0	27.233,3	12.538,0	13.058,0	4,1	12.541,0	13.878,0	10,7
SP	14.049,4	10.653,4	(24,2)	198.971,3	201.021,3	1,0	213.020,7	211.674,7	(0,6)
SUL	8.550,0	3.440,0	(59,8)	44.500,0	46.660,0	4,9	53.050,0	50.100,0	(5,6)
PR	8.550,0	3.440,0	(59,8)	44.500,0	46.660,0	4,9	53.050,0	50.100,0	(5,6)
OUTROS	884,0	717,0	(18,9)	10.009,0	12.897,0	28,9	10.893,0	13.614,0	25,0
NORTE/NORDESTE	22.692,0	19.493,1	(14,1)	227.578,0	238.073,0	4,6	250.270,0	257.566,1	2,9
CENTRO-SUL	303.263,4	249.954,0	(17,6)	1.684.487,3	1.698.945,9	0,9	1.987.750,7	1.948.899,9	(2,0)
BRASIL	326.839,4	270.164,1	(17,3)	1.922.074,3	1.949.915,9	1,4	2.248.913,7	2.220.080,0	(1,3)

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em setembro/2016

Legenda: (*) Acre, Ceará Pernambuco, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal



Tabela 24 - Café arábica - Comparativo de área em formação, em produção e total - safras 2015 e 2016

REGIÃO/UF	ÁREA EM FORMAÇÃO (ha)			ÁREA EM PRODUÇÃO (ha)			ÁREA TOTAL (ha)		
	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	11.975,0	9.846,0	(17,8)	103.450,0	103.861,0	0,4	115.425,0	113.707,0	(1,5)
BA	11.975,0	9.846,0	(17,8)	103.450,0	103.861,0	0,4	115.425,0	113.707,0	(1,5)
Cerrado	5.058,0	2.829,0	(44,1)	9.129,0	11.328,0	24,1	14.187,0	14.157,0	(0,2)
Planalto	6.917,0	7.017,0	1,4	94.321,0	92.533,0	(1,9)	101.238,0	99.550,0	(1,7)
CENTRO-OESTE	1.378,0	1.756,5	27,5	6.286,0	5.696,6	(9,4)	7.664,0	7.453,1	(2,8)
MT	50,00	-	(100,0)	111,0	70,0	(36,9)	161,0	70,0	(56,5)
GO	1.328,0	1.756,5	32,3	6.175,0	5.626,6	(8,9)	7.503,0	7.383,1	(1,6)
SUDESTE	264.795,4	215.674,4	(18,6)	1.317.124,3	1.359.819,3	3,2	1.581.919,7	1.575.493,7	(0,4)
MG	235.115,0	188.481,0	(19,8)	955.497,0	995.715,0	4,2	1.190.612,0	1.184.196,0	(0,5)
Sul e Centro-Oeste	149.727,0	107.526,0	(28,2)	478.056,0	523.506,0	9,5	627.783,0	631.032,0	0,5
Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste	33.500,0	25.486,0	(23,9)	170.634,0	183.076,0	7,3	204.134,0	208.562,0	2,2
Zona da Mata, Rio Doce e Central	49.315,0	52.760,0	7,0	278.646,0	261.109,0	(6,3)	327.961,0	313.869,0	(4,3)
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	2.573,0	2.709,0	5,3	28.161,0	28.024,0	(0,5)	30.734,0	30.733,0	-
ES	15.628,0	15.720,0	0,6	150.118,0	150.025,0	(0,1)	165.746,0	165.745,0	-
RJ	3,0	820,0	27.233,3	12.538,0	13.058,0	4,1	12.541,0	13.878,0	10,7
SP	14.049,4	10.653,4	(24,2)	198.971,3	201.021,3	1,0	213.020,7	211.674,7	(0,6)
SUL	8.550,0	3.440,0	(59,8)	44.500,0	46.660,0	4,9	53.050,0	50.100,0	(5,6)
PR	8.550,0	3.440,0	(59,8)	44.500,0	46.660,0	4,9	53.050,0	50.100,0	(5,6)
OUTROS	411,0	403,0	(1,9)	8.450,0	9.228,0	9,2	8.861,0	9.631,0	8,7
NORTE/NORDESTE	11.975,0	9.846,0	(17,8)	103.450,0	103.861,0	0,4	115.425,0	113.707,0	(1,5)
CENTRO-SUL	274.723,4	220.870,9	(19,6)	1.367.910,3	1.412.175,9	3,2	1.642.633,7	1.633.046,8	(0,6)
BRASIL	287.109,4	231.119,9	(19,5)	1.479.810,3	1.525.264,9	3,1	1.766.919,7	1.756.384,8	(0,6)

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em setembro/2016

Legenda: (*) Acre, Ceará, Pernambuco, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal

Tabela 25 - Café conilon - Comparativo de área em formação, em produção e total - safras 2015 e 2016

REGIÃO/UF	ÁREA EM FORMAÇÃO (ha)			ÁREA EM PRODUÇÃO (ha)			ÁREA TOTAL (ha)		
	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	6.954,0	6.925,0	(0,4)	88.900,0	88.320,0	(0,7)	95.854,0	95.245,0	(0,6)
RO	6.904,0	6.904,0	-	87.657,0	87.657,0	-	94.561,0	94.561,0	-
PA	50,0	21,0	(58,0)	1.243,0	663,0	(46,7)	1.293,0	684,0	(47,1)
NORDESTE	3.763,0	2.722,1	(27,7)	35.228,0	45.892,0	30,3	38.991,0	48.614,1	24,7
BA	3.763,0	2.722,1	(27,7)	35.228,0	45.892,0	30,3	38.991,0	48.614,1	24,7
Atlântico	3.763,0	2.722,1	(27,7)	35.228,0	45.892,0	30,3	38.991,0	48.614,1	24,7
CENTRO-OESTE	1.152,0	1.597,1	38,6	20.078,0	13.986,0	(30,3)	21.230,0	15.583,1	(26,6)
MT	1.152,00	1.597,1	38,6	20.078,0	13.986,0	(30,3)	21.230,0	15.583,1	(26,6)
SUDESTE	27.388,0	27.486,0	0,4	296.499,0	272.784,0	48,2	323.887,0	300.270,0	(7,3)
MG	959,0	1.147,0	19,6	13.375,0	12.752,0	(4,7)	14.334,0	13.899,0	(3,0)
Zona da Mata, Rio Doce e Central	623,0	746,0	19,7	8.694,0	8.289,0	(4,7)	9.317,0	9.035,0	(3,0)
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	336,0	401,0	19,3	4.681,0	4.463,0	(4,7)	5.017,0	4.864,0	(3,0)
ES	26.429,0	26.339,0	(0,3)	283.124,0	260.032,0	(8,2)	309.553,0	286.371,0	(7,5)
OUTROS (*)	473,0	314,0	(33,6)	1.559,0	3.669,0	135,3	2.032,0	3.983,0	96,0
NORTE/NORDESTE	10.717,0	9.647,1	(10,0)	124.128,0	134.212,0	8,1	134.845,0	143.859,1	6,7
CENTRO-SUL	28.540,0	29.083,1	1,9	316.577,0	286.770,0	(9,4)	345.117,0	315.853,1	(8,5)
BRASIL	39.730,0	39.044,2	(1,7)	442.264,0	424.651,0	(4,0)	481.994,0	463.695,2	(3,8)

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em setembro/2016

Legenda: (*) Acre e Ceará



Tabela 26 - Café total (arábica e conilon) - Comparativo de parque cafeeiro em formação, em produção e total- safras 2015 e 2016

REGIÃO/UF	ÁREA EM FORMAÇÃO (mil covas)			ÁREA EM PRODUÇÃO (mil covas)			ÁREA TOTAL (mil covas)			
	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)	
NORTE	10.852,6	12.567,3	15,8	139.163,7	135.519,5	(2,6)	150.016,3	148.086,8	(1,3)	
RO	10.742,6	12.510,2	16,5	136.394,3	133.822,2	(1,9)	147.136,9	146.332,4	(0,5)	
PA	110,0	57,1	(48,1)	2.769,4	1.697,3	(38,7)	2.879,4	1.754,4	(39,1)	
NORDESTE	63.121,6	45.659,2	(27,7)	432.265,1	474.296,5	9,7	495.386,7	519.955,7	5,0	
BA	63.121,6	45.659,2	(27,7)	432.265,1	474.296,5	9,7	495.386,7	519.955,7	5,0	
	Cerrado	27.819,0	15.559,5	(44,1)	50.209,5	62.301,0	24,1	78.028,5	77.860,5	(0,2)
	Planalto	22.771,8	23.788,9	4,5	264.497,6	259.175,2	(2,0)	287.269,4	282.964,1	(1,5)
	Atlântico	12.530,8	6.310,8	(49,6)	117.558,0	152.820,3	30,0	130.088,8	159.131,1	22,3
CENTRO-OESTE	9.202,5	7.915,0	(14,0)	74.793,1	48.138,8	(35,6)	83.995,6	56.053,8	(33,3)	
MT	2.786,2	1.597,0	(42,7)	46.346,5	21.901,2	(52,7)	49.132,7	23.498,2	(52,2)	
GO	6.416,3	6.318,0	(1,5)	28.446,6	26.237,6	(7,8)	34.862,9	32.555,6	(6,6)	
SUDESTE	1.020.088,2	859.825,1	(15,7)	4.852.736,0	4.912.937,2	48,2	5.872.824,2	5.772.762,3	(1,7)	
MG	843.008,7	676.440,5	(19,8)	3.032.059,9	3.116.939,6	2,8	3.875.068,6	3.793.380,1	(2,1)	
	Sul e Centro-Oeste	524.044,8	376.341,6	(28,2)	1.434.167,4	1.570.519,0	9,5	1.958.212,2	1.946.860,6	(0,6)
	Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste	133.998,9	101.942,9	(23,9)	597.219,0	640.765,0	7,3	731.217,9	742.707,9	1,6
	Zona da Mata, Rio Doce e Central	174.784,3	187.270,7	7,1	888.101,7	808.193,4	(9,0)	1.062.886,0	995.464,1	(6,3)
	Norte, Jequitinhonha e Mucuri	10.180,7	10.885,3	6,9	112.571,8	97.462,2	(13,4)	122.752,5	108.347,5	(11,7)
ES	139.280,0	139.262,0	-	1.142.772,0	1.094.239,0	(4,2)	1.282.052,0	1.233.501,0	(3,8)	
RJ	6,4	2.642,5	41.189,1	26.329,8	39.116,7	48,6	26.336,2	41.759,2	58,6	
SP	37.793,1	41.480,1	9,8	651.574,3	662.641,9	1,7	689.367,4	704.122,0	2,1	
SUL	29.100,0	13.800,0	(52,6)	143.900,0	153.200,0	6,5	173.000,0	167.000,0	(3,5)	
PR	29.100,0	13.800,0	(52,6)	143.900,0	153.200,0	6,5	173.000,0	167.000,0	(3,5)	
OUTROS	2.404,5	1.951,7	(18,8)	29.614,0	33.016,3	11,5	32.018,5	34.968,0	9,2	
NORTE/NORDESTE	73.974,2	58.226,5	(21,3)	571.428,8	609.816,0	6,7	645.403,0	668.042,5	3,5	
CENTRO-SUL	1.058.390,7	881.540,1	(16,7)	5.071.429,1	5.114.276,0	0,8	6.129.819,8	5.995.816,1	(2,2)	
BRASIL	1.134.769,4	941.718,3	(17,0)	5.672.471,9	5.757.108,3	1,5	6.807.241,3	6.698.826,6	(1,6)	

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em setembro/2016

Legenda: (*) Acre, Ceará Pernambuco, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal



Tabela 27 - Café arábica - Comparativo de parque cafeeiro em formação, em produção e total - safras 2015 e 2016

REGIÃO/UF	ÁREA EM FORMAÇÃO (mil covas)			ÁREA EM PRODUÇÃO (mil covas)			ÁREA TOTAL (mil covas)		
	Safra 2015(a)	Safra 2016 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 2015 (c)	Safra 2016(d)	VAR. % (d/c)	Safra 2015(e)	Safra 2016(f)	VAR. % (e/f)
NORDESTE	50.590,8	39.348,4	(22,2)	314.707,1	321.476,2	2,2	365.297,9	360.824,6	(1,2)
BA	50.590,8	39.348,4	(22,2)	314.707,1	321.476,2	2,2	365.297,9	360.824,6	(1,2)
Cerrado	27.819,0	15.559,5	(44,1)	50.209,5	62.301,0	24,1	78.028,5	77.860,5	(0,2)
Planalto	22.771,8	23.788,9	4,5	264.497,6	259.175,2	(2,0)	287.269,4	282.964,1	(1,5)
CENTRO-OESTE	6.532,2	6.318,0	(3,3)	28.714,1	26.362,6	(8,2)	35.246,3	32.680,6	(7,3)
MT	115,90		(100,0)	267,5	125,0	(53,3)	383,4	125,0	(67,4)
GO	6.416,3	6.318,0	(1,5)	28.446,6	26.237,6	(7,8)	34.862,9	32.555,6	(6,6)
SUDESTE	941.408,7	780.606,6	(17,1)	4.182.172,9	4.293.375,2	48,2	5.123.581,6	5.073.981,8	(1,0)
MG	839.652,2	672.426,0	(19,9)	2.991.934,8	3.078.683,6	2,9	3.831.587,0	3.751.109,6	(2,1)
Sul e Centro-Oeste	524.044,8	376.341,6	(28,2)	1.434.167,4	1.570.519,0	9,5	1.958.212,2	1.946.860,6	(0,6)
Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste	133.998,9	101.942,9	(23,9)	597.219,0	640.765,0	7,3	731.217,9	742.707,9	1,6
Zona da Mata, Rio Doce e Central	172.602,6	184.661,3	7,0	862.020,4	783.327,0	(9,1)	1.034.623,0	967.988,3	(6,4)
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	9.005,9	9.480,2	5,3	98.528,0	84.072,6	(14,7)	107.533,9	93.552,8	(13,0)
ES	63.957,0	64.058,0	0,2	512.334,0	512.933,0	0,1	576.291,0	576.991,0	0,1
RJ	6,4	2.642,5	41.189,1	26.329,8	39.116,7	48,6	26.336,2	41.759,2	58,6
SP	37.793,1	41.480,1	9,8	651.574,3	662.641,9	1,7	689.367,4	704.122,0	2,1
SUL	29.100,0	13.800,0	(52,6)	143.900,0	153.200,0	6,5	173.000,0	167.000,0	(3,5)
PR	29.100,0	13.800,0	(52,6)	143.900,0	153.200,0	6,5	173.000,0	167.000,0	(3,5)
OUTROS	1.117,9	1.096,0	(2,0)	25.623,0	23.623,7	(7,8)	26.740,9	24.719,7	(7,6)
NORTE/NORDESTE	50.590,8	39.348,4	(22,2)	314.707,1	321.476,2	2,2	365.297,9	360.824,6	(1,2)
CENTRO-SUL	977.040,9	800.724,6	(18,0)	4.354.787,0	4.472.937,8	2,7	5.331.827,9	5.273.662,4	(1,1)
BRASIL	1.028.749,6	841.169,0	(18,2)	4.695.117,1	4.818.037,7	2,6	5.723.866,7	5.659.206,7	(1,1)

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em setembro/2016

Legenda: (*) Acre, Ceará, Pernambuco, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal

Tabela 28 - Café conilon - Comparativo de parque cafeeiro em formação, em produção e total - safras 2015 e 2016

REGIÃO/UF	EM FORMAÇÃO (mil covas)			EM PRODUÇÃO (mil covas)			TOTAL (mil covas)		
	Safra 2015(a)	Safra 2016 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 2015 (c)	Safra 2016(d)	VAR. % (d/c)	Safra 2015(e)	Safra 2016(f)	VAR. % (e/f)
NORTE	10.852,6	12.567,3	15,8	139.163,7	135.519,5	(2,6)	150.016,3	148.086,8	(1,3)
RO	10.742,6	12.510,2	16,5	136.394,3	133.822,2	(1,9)	147.136,9	146.332,4	(0,5)
PA	110,0	57,1	(48,1)	2.769,4	1.697,3	(38,7)	2.879,4	1.754,4	(39,1)
NORDESTE	12.530,8	6.310,8	(49,6)	117.558,0	152.820,3	30,0	130.088,8	159.131,1	22,3
BA	12.530,8	6.310,8	(49,6)	117.558,0	152.820,3	30,0	130.088,8	159.131,1	22,3
Atlântico	12.530,8	6.310,8	(49,6)	117.558,0	152.820,3	30,0	130.088,8	159.131,1	22,3
CENTRO-OESTE	2.670,3	1.597,0	(40,2)	46.079,0	21.776,2	(52,7)	48.749,3	23.373,2	(52,1)
MT	2.670,30	1.597,00	(40,2)	46.079,0	21.776,2	(52,7)	48.749,3	23.373,2	(52,1)
SUDESTE	78.679,5	79.218,5	0,7	670.563,1	619.562,0	48,2	749.242,6	698.780,5	(6,7)
MG	3.356,5	4.014,5	19,6	40.125,1	38.256,0	(4,7)	43.481,6	42.270,5	(2,8)
Zona da Mata, Rio Doce e Central	2.181,7	2.609,4	19,6	26.081,3	24.866,4	(4,7)	28.263,0	27.475,8	(2,8)
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	1.174,8	1.405,1	19,6	14.043,8	13.389,6	(4,7)	15.218,6	14.794,7	(2,8)
ES	75.323,0	75.204,0	(0,2)	630.438,0	581.306,0	(7,8)	705.761,0	656.510,0	(7,0)
OUTROS	1.286,6	855,7	(33,5)	3.991,0	9.392,6	135,3	5.277,6	10.248,3	94,2
NORTE/NORDESTE	23.383,4	18.878,1	(19,3)	256.721,7	288.339,8	12,3	280.105,1	307.217,9	9,7
CENTRO-SUL	81.349,8	80.815,5	(0,7)	716.642,1	641.338,2	(10,5)	797.991,9	722.153,7	(9,5)
BRASIL	106.019,8	100.549,3	(5,2)	977.354,8	939.070,6	(3,9)	1.083.374,6	1.039.619,9	(4,0)

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em setembro/2016

Legenda: (*) Acre e Ceará





14. CALENDÁRIO DE COLHEITA

Tabela 29 - Café beneficiado - Safra 2016 - Estimativa mensal de colheita - Em percentual e mil sacas

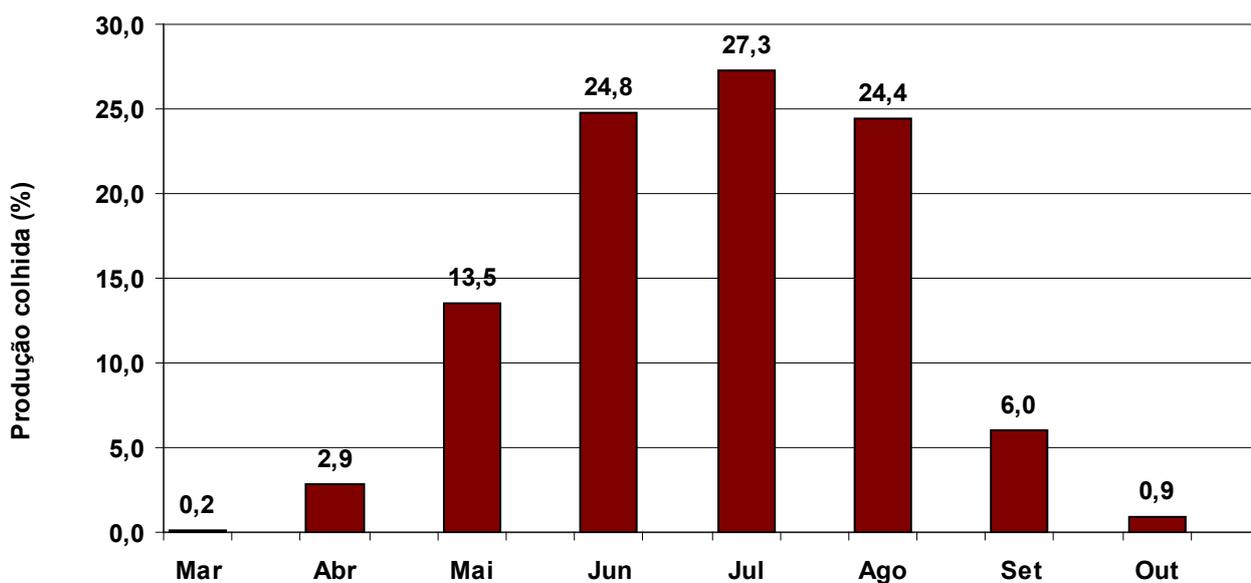
U.F	PRODUÇÃO	MARÇO		ABRIL		MAIO		JUNHO		JULHO		AGOSTO		SETEMBRO		OUTUBRO	
		%	Qtd	%	Qtd	%	Qtd	%	Qtd	%	Qtd	%	Qtd	%	Qtd	%	Qtd
RO	1.626,9	5,0	81,3	15,0	244,0	40,0	650,8	30,0	488,1	10,0	162,7	-	-	-	-	-	-
PA	11,3	-	-	25,0	2,8	40,0	4,5	35,0	4,0	-	-	-	-	-	-	-	-
BA	2.095,0	-	-	5,8	122,0	25,1	526,4	32,7	684,1	18,5	387,4	13,5	282,7	4,4	92,3	-	-
MT	123,6	-	-	39,0	48,2	44,0	54,4	17,0	21,0								
GO	226,8	-	-	-	-	9,0	20,4	28,0	63,5	43,0	97,5	18,0	40,8	2,0	4,5	-	-
MG	28.936,6	-	-	1,0	289,4	8,0	2.314,9	22,0	6.366,1	30,0	8.681,0	30,0	8.681,0	8,0	2.314,9	1,0	289,4
ES *	9.148,0	-	-	7,5	686,1	29,5	2.698,7	34,5	3.156,1	15,6	1.427,1	8,7	795,9	2,6	237,8	1,6	146,4
RJ	350,8	-	-	-	-	-	-	10,0	35,1	40,0	140,3	40,0	140,3	10,0	35,1	-	-
SP	5.899,9	-	-	-	-	5,0	295,0	20,0	1.180,0	35,0	2.065,0	35,0	2.065,0	5,0	295,0	-	-
PR	1.050,0	-	-	2,0	21,0	12,0	126,0	24,0	252,0	51,0	535,5	11,0	115,5	-	-	-	-
OUTROS **	171,1	-	-	10,0	17,1	20,0	34,2	30,0	51,3	30,0	51,3	5,0	8,6	5,0	8,6	-	-
BRASIL	49.640,0	0,2	81,3	2,9	1.430,7	13,5	6.725,3	24,8	12.301,1	27,3	13.547,8	24,4	12.129,7	6,0	2.988,3	0,9	435,7

Fonte: Conab

Nota: *

**Sul e Centro-Oeste; Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste; Zona da Mata, Rio Doce e Central; Norte, Jequitinhonha e Mucuri.

Gráfico 82 - Estimativa mensal de colheita



Fonte: Conab





Distribuição:

Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

SGAS Quadra 901 Bloco A Lote 69, Ed. Conab - 70390-010 – Brasília – DF

(61) 3312-6277/6264/6230

<http://www.conab.gov.br> / geasa@conab.gov.br

9



MINISTÉRIO DA
AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO

